



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA  
APLICADA

ABIMAEI MACIEL MARQUES

**O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA  
TRADUTÓRIA DE APRENDIZES DE LÍNGUA  
JAPONESA ATRAVÉS DA TRADUÇÃO DE MANGÁ**



FORTALEZA – CEARÁ  
2013

ABIMAEI MACIEL MARQUES

O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA DE  
APRENDIZES DE LÍNGUA JAPONESA ATRAVÉS DA  
TRADUÇÃO DE MANGÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Laura Tey Iwakami  
Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Vera Lúcia Santiago  
Araújo

FORTALEZA – CEARÁ  
2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Universidade Estadual do Ceará**  
**Biblioteca Central do Centro de Humanidades**  
**Doris Day Eliano França - CRB-3/726**

M387d Marques, Abimael Maciel  
O desenvolvimento da competência tradutória de aprendizes de língua japonesa através da tradução de mangá. / Abimael Maciel Marques. — 2013.  
CD-ROM. 157 f. : il. (algumas color.) ; 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Linguística Aplicada, Fortaleza, 2013.

Área de Concentração: Linguagem e interação.  
Orientação: Profa. Dra. Laura Tey Iwakami.  
Coorientador: Profa. Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo.

1. Competência tradutória. 2. Mangá. 3. Língua japonesa.  
Título.

CDD: 418

ABIMAEI MACIEL MARQUES

O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA DE APRENDIZES  
DE LÍNGUA JAPONESA ATRAVÉS DA TRADUÇÃO DE MANGÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de mestre em Linguística Aplicada.

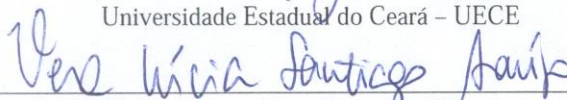
Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 11 / 04 / 2013.

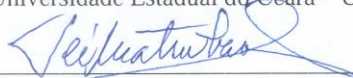
BANCA EXAMINADORA



Profª. Drª. Laura Tey Iwakami (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profª. Drª. Vera Lúcia Santiago Araújo (Co-orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profª. Drª. Leiko Matsubara Morales (1ª Examinadora)  
Universidade de São Paulo – USP



Profª. Drª. Maria Helenice Araújo Costa (2ª Examinadora)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

*継続は力なり[keizokuwa chikaranari]*  
*(A perseverança é a mãe do sucesso)*  
Provérbio Japonês

Dedico este trabalho a meus pais, sem os quais eu não teria chegado aonde cheguei.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, por sempre ter me apoiado na busca dos meus objetivos;

Ao PosLa, por ter acreditado neste trabalho;

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Tey Iwakami, por sua orientação, seu grande incentivo para a realização do meu trabalho e por ser uma pessoa muito entusiasta e que tenta sempre melhorar o curso de japonês da UECE.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Santiago Araújo, por suas sábias orientações e acompanhamento da minha vida acadêmica desde a época do meu curso de especialização na área de tradução;

A todos que fazem parte do PosLa e que, de uma forma ou outra, incentivaram-me e transmitiram-me conhecimentos para a realização da minha pesquisa;

Aos meus colegas de mestrado que, através de incentivos e discussões, transformaram a minha árdua caminhada em um processo mais simples e agradável;

A todos que fazem parte do curso de japonês da UECE, professores e alunos, por serem, assim como eu, admiradores da língua e cultura nipônica e terem me incentivado na minha caminhada;

A todos os alunos de japonês da UECE que fizeram parte da minha pesquisa como sujeitos, pois eles foram de fundamental importância para a realização deste trabalho;

À CAPES, pelo apoio financeiro que tornou possível a realização desta pesquisa;

À Fundação Japão, por ter me dado a oportunidade de experienciar dois meses de vivência no Japão como parte de um programa para alunos de pós-graduação.

## RESUMO

A tradução é uma habilidade cuja importância vem crescendo cada vez mais devido à globalização e expansão de novas tecnologias que unem povos e culturas antes muito distantes. Entretanto, a competência tradutória (CT) não é comumente desenvolvida nos cursos de língua estrangeira (LE), o que acaba fazendo com que o aluno careça dessa habilidade quando é defrontado com atividades que envolvem o ato tradutório. Dessa forma, contextualizado no curso de extensão em Língua Japonesa da Universidade Estadual do Ceará (UECE), realizamos, com aprendizes de nível pré-intermediário de japonês, um minicurso de tradução cujo foco foi o desenvolvimento da competência tradutória. Tomando como base teóricos que trabalham com a questão da tradução e da CT, conduzimos uma pesquisa de caráter qualitativo baseada na metodologia da pesquisa-ação. Nessa pesquisa, alunos realizaram atividades de tradução utilizando o gênero Mangá, histórias em quadrinhos em estilo japonês, atentando para elementos linguísticos e extralinguísticos presentes no ato tradutório bem como aspectos culturais e sociais relevantes do contexto japonês. Através de instrumentos de coleta como testes, traduções, relatórios e questionários, verificamos uma evolução dos alunos no que concerne às suas escolhas e capacidade crítica em relação ao ato tradutório. A proposta do minicurso mostrou-se, portanto, positiva, uma vez que os resultados demonstraram que uma metodologia centrada em reflexão, discussões e análise crítica das traduções por parte dos aprendizes fazem com que eles se tornem tradutores conscientes e autocríticos sobre a tarefa tradutória.

Palavras-chave: competência tradutória; Mangá; língua japonesa.



## **ABSTRACT**

Translation is an ability whose importance has been growing increasingly due to globalization and the expansion of new technologies that connect people and cultures which were once far apart. However, the translation competence (TC) is not commonly developed in foreign language courses, which ends up making the student lack this ability when he has to deal with activities that involve the act of translating. Thus, contextualized in the extension course in Japanese language at the State University of Ceará (UECE), a minicourse on translation was conducted having its focus on the development of the translation competence of pre-intermediate level learners of Japanese. Taking into account the work of theorists who deal with the TC, a qualitative research study based on the methodology of action research was undertaken. In this study, students performed translation activities using the genre manga, comics in Japanese style, paying attention to linguistic and extralinguistic elements present in the act of translating as well as cultural and social aspects which are relevant to the Japanese context. Through data collection instruments such as tests, translations, reports and questionnaires, it was noticed an enhancement of students concerning their choices and judgment with regard to the act of translating. The minicourse turned out to have positive results, since they showed that a methodology centered on reflection, discussion and critical analysis of the translations make the apprentices become translators aware and self-critical about the translational task.

Keywords: translation competence, manga, Japanese language.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – QUADRO DE HIRAGANA .....	19
FIGURA 02 – QUADRO DE KATAKANA .....	20
FIGURA 03 – ASTRO BOY .....	23
FIGURA 04 – MANGÁ MONOCROMÁTICO .....	25
FIGURA 05 – CAPA DE REVISTA DE MANGÁ .....	25
FIGURA 06 – ORDEM DE LEITURA DE MANGÁ .....	26
FIGURA 07 – KANJI IN MANGALAND .....	45
FIGURA 08 – EXEMPLO DE ATIVIDADE MANGÁ .....	46
FIGURA 09 – PRÉ-TESTE / PÓS-TESTE .....	47
FIGURA 10 – PRÉ-TESTE / PÓS-TESTE .....	58
FIGURA 11 – ATIVIDADE 3 .....	68
FIGURA 12 – ATIVIDADE 5 .....	74
FIGURA 13 – ATIVIDADE 8 .....	78
FIGURA 14 – ATIVIDADE 11 .....	83
FIGURA 15 – ATIVIDADE 13 .....	87

# SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS .....	08
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
1.1 LÍNGUA JAPONESA.....	14
1.1.1 Características da Língua Japonesa.....	15
1.1.2 Escrita da Língua Japonesa.....	17
1.1.3 Onomatopeias.....	21
1.2 MANGÁ.....	22
1.2.1 Origens do Mangá.....	22
1.2.2 Características do Mangá.....	24
1.2.3 O Mangá e a Tradução.....	26
1.3 QUESTÕES DE TRADUÇÃO.....	31
1.3.1 Tradução no Contexto Social.....	32
1.3.2 Competência Tradutória.....	34
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	41
2.1 Tipo de Pesquisa.....	41
2.2 Contexto da Pesquisa.....	42
2.3 Perfil dos Sujeitos.....	43
2.4 Instrumentos de Coleta.....	44
2.4.1 Atividades dos Alunos.....	44
2.4.2 Pré-teste e Pós-teste.....	46
2.4.3 Relatórios.....	48
2.4.4 Questionários.....	49
2.4.5 Plano de Curso.....	49
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	57
3.1 Comparação entre pré-teste e pós-teste.....	57
3.2 Atividades dos alunos e relatórios correspondentes.....	67
3.3 Análise de questionários.....	91
3.3.1 Análise do questionário 1.....	92
3.3.2 Análise do questionário 2.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
APÊNDICES.....	111
ANEXOS.....	114

## INTRODUÇÃO

Com o advento da globalização, o contato entre diferentes países e regiões passou a ter um grande e rápido avanço no contexto mundial. Somando-se a esse fato, temos a questão da qualificação cada vez maior exigida pelo mercado, fazendo assim com que cresça a necessidade de se dominar uma língua estrangeira (LE). Dessa forma, cursos de idiomas, através de várias abordagens e métodos, têm ganhado grande notoriedade em nossa sociedade, uma vez que se propõem a agregar esse conhecimento àqueles que procuram desenvolver e aprimorar a LE.

Todavia, por meio da literatura disponível sobre o ensino-aprendizagem de LE e do nosso conhecimento e experiência nessa área, notamos que o foco está quase sempre presente nas quatro habilidades linguísticas tradicionais, ou seja, na leitura, escrita, fala e compreensão auditiva. Dessa maneira, percebemos que a habilidade da tradução, que é bastante relevante no tocante ao uso da LE, é negligenciada dentro da sala de aula e o aluno acaba por não desenvolver a capacidade tradutória (CT), que é de suma importância em vários contextos comunicativos nos quais o uso da atividade tradutória se faz imperativo.

A presente pesquisa, inicialmente, foi pensada com o intuito de trazer para os aprendizes de japonês do Núcleo de Línguas Estrangeiras da Universidade Estadual do Ceará (UECE) uma nova perspectiva de lidar com a língua japonesa, levando em consideração conhecimentos adquiridos através da formação acadêmica do pesquisador nas áreas LE e da Tradução. A ideia surgiu por meio da constatação das dificuldades que os alunos possuíam ao tentar traduzir certos gêneros textuais, como letras de música ou até mesmo textos do próprio livro didático, com a finalidade de estudar ou mesmo de se entreter.

Dessa forma, lançamos uma proposta de pesquisa que tem por finalidade trabalhar com os alunos de língua japonesa a questão da tradução e as diversas implicações que são inerentes a essa atividade. Objetivamos desenvolver, portanto, a competência tradutória (CT) dos aprendizes, que, de acordo com Albir (2005), é um processo de automação gradual que se inicia em uma perspectiva de reflexão calculada e tem por finalidade alcançar um modo de lidar com a tradução de maneira crítica.

Levando-se em consideração as pesquisas desenvolvidas na UECE na área em que se insere a nossa, encontramos três trabalhos sobre língua japonesa. São eles: “*Processo de Aquisição da Escrita Ideogramática Japonesa: O caso dos alunos do curso de japonês da UECE – Núcleo de Línguas*” (FILHO, 2006), “*Haikais de Bashô: O Oriente Traduzido no Ocidente*” (SOUSA, 2007) e “*Ensino de Língua Japonesa no Núcleo de Línguas da UECE: Análise da Produção Oral dos Professores e Proposta Didática*” (ITO, 2010). Em relação à tradução, encontramos diversos trabalhos realizados que abordam a atividade tradutória como ferramenta para o aprimoramento do aprendizado de LE em várias perspectivas, entretanto, eles não focam no desenvolvimento da própria capacidade tradutória do aprendiz. O único que trabalha a questão do desenvolvimento da CT é a pesquisa intitulada “*Ensino da Tradução do Humor: Um Estudo com as Tiras da Mafalda*” (SAMPAIO, 2008).

Tendo em vista esse contexto particular, percebemos que era de grande relevância que um trabalho na área de língua japonesa fosse desenvolvido para capacitar os aprendizes com relação à tradução, atividade de grande importância, que, de modo geral, é pouco abordada no curso de japonês da UECE. Assim sendo, com a intenção de estabelecer um contato dos aprendizes de japonês com teorias e práticas do fazer tradutório, fundamentamos na proposta metodológica de Albir (1999) para criarmos um ambiente no qual o aluno fosse o responsável pelo aprimoramento, de forma gradual, de sua própria habilidade.

Em vista disso, como forma de concretizarmos a ideia de fornecer subsídios aos alunos de japonês para que desenvolvessem a CT, decidimos criar um minicurso de tradução cujo intuito foi o de ser um laboratório experimental para que pudéssemos constatar se, de fato, a nossa proposta era válida e alcançaria os objetivos pretendidos. Dessa maneira, fizemos a escolha do Mangá, histórias em quadrinhos em estilo japonês, como gênero textual a ser utilizado nas atividades de tradução. A proposta foi fazer com que os aprendizes, através de discussões e análises individuais e em grupo das traduções trabalhadas, desenvolvessem e aprimorassem a sua concepção sobre o fazer tradutório.

Este trabalho, portanto, está dividido em três capítulos. O primeiro está subdividido em três partes, sendo que a primeira aborda a língua japonesa, suas características e escrita. É importante que o leitor desta dissertação tenha uma noção do idioma japonês para entender quais implicações que este, por meio de suas particularidades, pode acarretar para a tarefa tradutória. Na segunda parte, abordaremos o Mangá sob o olhar de estudiosos como

Oka (2008) e Zenettin (2008). Esse gênero foi escolhido por fazer parte do cotidiano do aprendiz de língua japonesa e conter, de forma autêntica, características tanto da língua como da cultura do povo nipônico. Na última parte do capítulo, trataremos abordagens teóricas a respeito da tradução e de como autores como Albir (1999) e Arrojo (2000) encaram o trabalho do tradutor. Também teceremos, sob a perspectiva das ideias de Schäffner (2000) e Albir (2005), uma discussão a respeito da competência tradutória e do modo como ela deve ser abordada para que haja uma aprendizagem pautada em um modelo pelo qual os alunos sejam os responsáveis pelo desenvolvimento de sua própria competência.

O segundo capítulo trata do modo como a pesquisa foi conduzida. Através da metodologia da pesquisa-ação, trabalhamos com um foco qualitativo no qual quatro instrumentos diferentes foram utilizados com o intuito de coletar os dados. A coleta aconteceu durante um minicurso de tradução de Mangá proposto para alunos que haviam concluído os seis semestres do curso regular de japonês da UECE e tinham interesse e disponibilidade para frequentar as aulas.

O primeiro instrumento baseou-se na comparação entre a mesma tradução realizada no primeiro dia de aula (pré-teste) e no último dia (pós-teste). Através desse instrumento, tivemos a oportunidade de visualizar o desenvolvimento dos aprendizes no que concerne às suas escolhas e como se deu o aprimoramento da segunda tradução em relação à primeira. O segundo instrumento foi o conjunto de treze atividades de tradução desenvolvidas durante o minicurso. Essas atividades tiveram como finalidade trazer para perto dos tradutores aprendizes situações nas quais a tarefa tradutória se faz desafiadora e, dessa maneira, coloca o tradutor em uma posição na qual ele deve fazer uso de várias subcompetências (ALBIR, 2005) para desempenhar adequadamente o seu trabalho. Os relatórios escritos pelos alunos após a realização de cada atividade, incluindo os testes, formaram o terceiro instrumento de coleta. Esses relatos foram importantes, pois, através deles, pudemos observar se as traduções estavam condizentes com as ideias que os aprendizes tinham a respeito da atividade tradutória. Por fim, do mesmo modo como ocorreu com os testes, aplicamos dois questionários de sondagem na fase inicial e final do minicurso. Os questionários averiguaram a ideia que os alunos tinham sobre a tradução no começo do processo de aprendizagem, se essa ideia foi modificada após a realização de todas as atividades, bem como se deu esse processo.

O terceiro capítulo é a parte mais extensa do nosso trabalho, pois verifica, por meio da análise detalhada dos dados coletados, se de fato os resultados obtidos fazem jus à proposta do nosso minicurso de Mangá e se seu objetivo de desenvolver a CT foi realmente alcançado.

A proposta do presente trabalho, portanto, é de apresentar e trabalhar com os aprendizes de língua japonesa uma habilidade que possa ser útil para a comunicação nos contextos em que a competência tradutória se faz presente e necessária. Através dos instrumentos de coleta explanados acima, a pesquisa se desenvolveu demonstrando que uma abordagem com foco em discussões e na auto-reflexão do tradutor-aprendiz sobre seu próprio fazer tradutório dá subsídios para que ele aprimore sua competência e realize atividades de tradução da forma mais consciente e adequada possível.

## CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão abordados os fundamentos que alicerçam a teoria a ser desenvolvida para a presente pesquisa. Iniciaremos abordando a língua japonesa, possuidora de características singulares tanto no âmbito da escrita como da língua como um todo. É importante que tenhamos um conhecimento de como essa língua se estrutura e quais são as questões relevantes a serem consideradas quando levamos em conta o exercício da tradução. Na segunda, trataremos do gênero Mangá, abordando de forma sucinta sua história e suas características, mostrando que, esse gênero tão popular entre os aprendizes de língua japonesa, pode ser bastante útil no desenvolvimento da habilidade tradutória. Por fim, traçaremos considerações a respeito da atividade de tradução, bem como de teóricos da área, os quais discutem e abordam a questão da competência tradutória, foco da presente pesquisa. Por meio desses tópicos, pretendemos traçar um paralelo entre teoria e prática para que, mais adiante, possamos analisar os dados coletados na pesquisa à luz das teorias abordadas neste capítulo e verificar se, de fato, a competência tradutória pode ser desenvolvida por de exercícios de tradução dos quadrinhos japoneses.

### 1.1 LÍNGUA JAPONESA

A língua japonesa é um idioma falado por mais de 130 milhões de pessoas no Japão e em comunidades de imigrantes japoneses situadas em diversos países, sendo que a maior delas localiza-se no Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo.

A origem do idioma japonês até hoje é incerta. Antigamente, consideravam-no uma língua isolada, ou seja, sem nenhum parentesco com outra língua natural falada. Todavia, hoje se sabe que ele faz parte das línguas japônicas, termo utilizado para caracterizar os dialetos japoneses falados no arquipélago nipônico e as línguas *ryukuan*, família de línguas faladas nas ilhas *Ryukyu* (cadeia de ilhas que se estende do sudoeste de *Kyushu*, terceira maior ilha japonesa, até a ilha de Taiwan). Há também pesquisadores que defendem que o japonês



possui muitas coincidências linguísticas com a língua coreana e as línguas altaicas, como, por exemplo, o turco. Contudo, ainda há muita controvérsia a respeito desse tema.

A palavra utilizada pelos japoneses para designar o seu idioma é *nihongo*, na qual “nihon” significa “Japão” e “go” transmite a ideia de “idioma”. A língua japonesa é aglutinante, isso significa que a maioria dos seus vocábulos é formada a partir da união de morfemas. Ademais, nas línguas aglutinantes, os afixos não se misturam, tampouco mudam sua forma por causa de outros elementos. Em japonês, por exemplo, podemos citar o verbo “見る[*miru*]” que significa “ver”, no qual “見[*mi*]” é a sua raiz. Dessa maneira, quando conjugamos esse verbo, acrescentamos apenas os sufixos à raiz “見[*mi*]”, tendo, por conseguinte, a forma não-passado (em japonês, presente e futuro possuem a mesma forma) 見ます[*mimasu*]; passado, 見ました[*mimashita*]; não-passado negativo, 見ません [mimasen] e passado negativo, 見ませんでした[*mimasendeshita*].

### 1.1.1 Características da Língua Japonesa

O japonês se caracteriza por um complexo sistema de honoríficos, os quais refletem bem a sociedade japonesa, uma vez que, dependendo do contexto conversacional, diferentes formas verbais e lexicais são utilizadas para dar status ao falante, ao ouvinte e às pessoas mencionadas na conversa. As formas honoríficas em japonês são divididas em três categorias: *sonkeigo* (linguagem de respeito), *kenjougo* (linguagem humilde) e *teineigo* (linguagem polida). Tanto o *sonkeigo* como o *kenjougo* são honoríficos utilizados para demonstrar respeito com a pessoa *sobre* quem se fala, sendo que o primeiro se caracteriza por colocar essa pessoa em uma posição de status acima do falante, enquanto o segundo rebaixa o falante em relação a ela. O *teineigo*, por sua vez, é usado para demonstrar respeito com a pessoa *com* quem se fala. Além dessas formas, ainda existe a linguagem informal, utilizada principalmente pelos jovens em seus grupos de amizade. Para efeito de exemplificação, fornecemos as seguintes orações, destacando em vermelho o verbo “comer”.

- (a) 木村先生はこのりんごを召し上がります。  
[kimura-senseiwa kono ringo wo meshiagarimasu].
- (b) 私はこのりんごを頂きます。  
[watashiwa kono ringo wo itadakimasu]

- (c) 私はこのりんごを食べます。  
[watashiwa kono ringo wo tabemasu]
- (d) 私はこのりんごを食べる。  
[watashiwa kono ringo wo taberu]

Tradução:

- (a) O professor Kimura comerá esta maçã.  
(b) Eu comerei esta maçã.  
(c) Eu comerei esta maçã.  
(d) Eu comerei esta maçã.

Como percebemos, todas as orações possuem o verbo “comer” em seu predicado verbal; contudo, cada oração é utilizada em um contexto diferente. Na oração (a), usa-se o verbo “meshiagarimasu”, que, por ser linguagem *sonkeigo*, demonstra respeito pelo sujeito. As orações (b), (c) e (d) são traduzidas da mesma forma em português. Todavia o verbo “itadakimasu” em (b) transmite a ideia de humildade de quem fala. Essa oração poderia ser utilizada após alguém ter recebido a maçã de uma pessoa de *status* superior como, por exemplo, o chefe. Dessa maneira, ao ser usada a linguagem *kenjougo*, é passada a ideia de que o falante encontra-se em uma situação de humildade naquele contexto. Na oração (c), o verbo “tabemasu” (forma *teineigo*) transmite a ideia de polidez, ou seja, é utilizado quando falamos com alguém com quem não temos intimidade. Já “taberu”, na oração (d), cria a sensação de grande aproximação entre os interlocutores, provavelmente essa oração é dita entre amigos ou pessoas da mesma família.

É interessante salientar que a questão dos registros de linguagens como os honoríficos é importante na hora de se realizar uma tradução em japonês, uma vez que eles carregam grande carga cultural e são muito presentes e marcantes nas interações sociais na sociedade japonesa. Dessa maneira, os usuários de japonês que intencionam fazer traduções necessitam ter em mente essas características da língua nipônica para que sua tradução possa transmitir para a língua de chegada a ideia contida na mensagem original, levando-se em conta também toda a questão pragmática e contextual na qual o discurso acontece.

Além da questão dos honoríficos, há também as diferenças de gêneros. Principalmente na linguagem falada, mesmo em contextos informais, as mulheres japonesas utilizam mais formas honoríficas e vocabulário formal para se expressar do que os homens. Isso é uma característica muito interessante do idioma japonês, pois uma pessoa que não é

nativa deve ser muito cuidadosa no momento de utilizar uma expressão, pois ela, além do contexto semântico, também reflete, por vezes, normas de comportamento e papéis sociais de gênero. Por exemplo, o verbo “comer” analisado anteriormente tem sua forma comum “taberu” (食べる), que é utilizada normalmente por ambos os sexos; todavia, há também o verbo “kuu”(食う) com o mesmo significado que é usado em contextos informais e predominantemente pelo sexo masculino.

Outra característica da língua japonesa é a possibilidade de omissão do objeto e do sujeito da oração quando o contexto já torna a mensagem clara. Na realidade, especialmente na língua falada, existe uma tendência de reduzir o enunciado, ou seja, utilizar o menor número possível de itens lexicais caso as sentenças anteriores já tornem evidente o significado. Como exemplo, podemos tomar uma situação na qual alguém liga para o irmão ou um amigo e pergunta onde ele está. Em japonês, a pessoa diria: “Ima, doko?” (onde você está agora?). Na realidade, nessa pergunta, temos apenas o advérbio de tempo “ima” [agora] e o pronome interrogativo “doko” [onde]. A frase completa seria “Ima, dokoni imasuka!?”. Como percebemos, a partícula “ni”, que no caso indica localização, e o verbo “imasu”, que na situação transmite a ideia do verbo “estar” do português, foram omitidos, uma vez que o ouvinte consegue inferir o que o falante intenciona dizer através do contexto de conversação.

### 1.1.2 Escrita da Língua Japonesa

Em relação à escrita, a língua japonesa faz uso de quatro sistemas. O primeiro deles é o *kanji*, que são caracteres logográficos de origem chinesa e que representam ideias. O *kanji* foi trazido da China por volta do século IV d.C juntamente com o budismo e outros elementos culturais chineses e desenvolveu-se a partir de desenhos criados para representar objetos, ideias e sentimentos. De acordo com Rowley (2003), em sua obra intitulada *Dicionário Ilustrado Mnemônico Japonês – Português*, os *kanji* podem ser classificados em quatro grupos:

1) Os *pictográficos*, que representam objetos reais e fenômenos do cotidiano:

山  
(montanha)

火  
(fogo)

木  
(árvore)

2) Os *símbolos*, que indicam ideias abstratas:

愛  
(amor)

三  
(três)

上  
(em cima)

3) Os *ideográficos*, que são formados por radicais que criam uma nova ideia relacionada:

明  
(claro: 日[dia]+月[lua])

好  
(gostar: 女[mulher] + 子[criança])

4) Os *fonoideográficos*, formados por um radical que indica a leitura e outro que fornece a ideia do kanji:

聞

(escutar/perguntar: 耳[orelha] dá o sentido, e 門[portão], a pronúncia)

O Ministério de Educação do Japão estabeleceu oficialmente uma lista denominada de *jyoyou kanji* contendo os caracteres a serem utilizados no Japão. Essa lista, que contém 2,136 kanji, é a catalogação dos ideogramas que devem ser usados em textos oficiais, meios de comunicação e quaisquer outros gêneros de difusão do idioma japonês. Contudo, o número real de *kanji* é bem maior, uma vez que existem caracteres de uso raro que até mesmo os próprios japoneses desconhecem. Além disso, cada kanji possui, de modo geral, pelo menos dois tipos de leitura. A leitura “onyomi”, ou leitura chinesa, e a leitura “kunyomi”, ou leitura japonesa. Como essa escrita foi originada na China, a partir do momento em que os kanji foram levados ao Japão, além da própria escrita, o modo como os caracteres eram lidos pelos chineses também acabou sendo assimilado pelos japoneses, gerando, assim, a leitura “onyomi”.

Além do sistema logográfico, há também dois sistemas fonográficos denominados *hiragana* e *katakana*, cada um possuindo 46 caracteres silábicos. O primeiro é utilizado para

escrever palavras de origem japonesa, enquanto que, com o segundo, escrevem-se palavras de origem estrangeira, onomatopeias e nomes científicos internacionais.

O *hiragana* surgiu da simplificação dos *kanji* utilizados no período Heian (749 d.C.-1185 d.C.), período esse que marca o fim da história clássica japonesa e é caracterizado pelo auge da influência chinesa no arquipélago nipônico, principalmente através do Taoísmo e do Budismo. Naquela época, como o chinês ainda era visto como a linguagem da elite, o *hiragana* foi, inicialmente, utilizado apenas pelas mulheres, uma vez que elas não tinham acesso à educação e, conseqüentemente, ao aprendizado da escrita chinesa. Dessa maneira, outro nome dado a esse sistema fonográfico é 女手(onnade), ou escrita feminina. Com o passar do tempo, entretanto, o *hiragana* começou a ser utilizado em textos literários e em cartas pessoais. Hoje em dia esse sistema é usado para escrever palavras nativas do japonês para as quais não há *kanji*, incluindo partículas, que são recursos gramaticais cuja função se assemelha com as das preposições em português. O *hiragana* também é utilizado nas flexões de verbos e adjetivos, bem como fornece a leitura de *kanji*, nesse caso sendo denominado de *furigana*. A seguir trazemos o quadro do silabário *hiragana*.

Figura 01 – Quadro de *Hiragana*

あ	い	う	え	お	は	ひ	ふ	へ	ほ
a	i	u	e	o	ha	hi	fu	he	ho
か	き	く	け	こ	ま	み	む	め	も
ka	ki	ku	ke	ko	ma	mi	mu	me	mo
さ	し	す	せ	そ	や		ゆ		よ
sa	shi	su	se	so	ya		yu		yo
た	ち	つ	て	と	ら	り	る	れ	ろ
ta	chi	tsu	te	to	ra	ri	ru	re	ro
な	に	ぬ	ね	の	わ				を
na	ni	nu	ne	no	wa				wo
					ん				
					n				

Por sua vez, o *katakana* foi criado por monges budistas no início do período Heian (749 d.C.-1185 d.C.) a partir da simplificação de determinados caracteres chineses. No início

esse sistema foi utilizado para se ler textos búdicos e, com o tempo, outros tipos de textos começaram a ser escritos fazendo uso de *katakana* juntamente com *kanji*. Atualmente o *katakana* é utilizado principalmente para a escrita de nomes estrangeiros e itens lexicais emprestados de outras línguas. Abaixo trazemos a tabela de *katakana*:

Figura 02 – Tabela de *Katakana*

ア	イ	ウ	エ	オ	ハ	ヒ	フ	ヘ	ホ
a	i	u	e	o	ha	hi	fu	he	ho
カ	キ	ク	ケ	コ	マ	ミ	ム	メ	モ
ka	ki	ku	ke	ko	ma	mi	mu	me	mo
サ	シ	ス	セ	ソ	ヤ		ユ		ヨ
sa	shi	su	se	so	ya		yu		yo
タ	チ	ツ	テ	ト	ラ	リ	ル	レ	ロ
ta	chi	tsu	te	to	ra	ri	ru	re	ro
ナ	ニ	ヌ	ネ	ノ	ワ				ヲ
na	ni	nu	ne	no	wa				wo
					ン				
					n				

Para completarmos os sistemas de escritas da língua japonesa, temos o *rômaji*, que é a utilização do alfabeto latino (ou romano) para a representação de acrônimos e para a transcrição fonética da língua japonesa. Dentre os vários sistemas utilizados para a romanização da língua japonesa, o mais comum é o *Hepburn*. Esse sistema foi criado no final do século XIX nos Estados Unidos com a finalidade de transcrever para o alfabeto romano as palavras da língua japonesa e, assim, facilitar a leitura do japonês por parte dos falantes nativos de língua inglesa. Dessa maneira, o *Hepburn* teve sua base fundamentada na fonologia da língua inglesa (CARR, 1939) e, hoje em dia, é utilizado no Japão em diversos locais, como placas de trânsito ou nas sinalizações de lugares para auxiliar, principalmente, os estrangeiros na questão da leitura.

O *rômaji* também é normalmente utilizado por aprendizes de língua japonesa como língua estrangeira que ainda não aprenderam as outras três escritas explanadas

anteriormente. Em um texto escrito em língua japonesa, encontramos as quatro escritas sendo utilizadas concomitantemente. A seguir, colocamos um exemplo de uma sentença que engloba as quatro escritas: (em azul, temos o *kanji*; em verde, o *hiragana*; em vermelho, o *katakana*; e, em preto, o *rômaji*).

私たちはミュンヘンのBMWで働いています。

**(watashitachiwa myunhenno BMWde hataraitemasu)**

**(nós trabalhamos na BMW de Munique)**

Em relação à estrutura da língua, a ordem das palavras do japonês é classificada em sujeito-objeto-verbo (SOV), na qual a única exigência é a de que o verbo venha na posição final da oração, sendo que os outros elementos podem aparecer em ordens variadas, dependendo da ênfase e do impacto que o falante queira dar para o enunciado (ALLEN, 2000).

### 1.1.3 Onomatopeias

Uma característica muito marcante do idioma japonês e que aparece comumente nas histórias de Mangá são as palavras que simbolizam sons, popularmente conhecidas como onomatopeias. Em japonês, elas não se restringem à imitação de sons como geralmente acontece na língua portuguesa, mas abrangem uma variedade maior de significado (HAMANO, 1998). De acordo com Akita (2009), as palavras que simbolizam sons podem ser divididas em três grupos: a) palavras que imitam sons reais, “giseigo” e “giongo”. A primeira representa sons produzidos por seres vivos, como, por exemplo, o som da ovelha “mee-mee”, enquanto a segunda são sons produzidos por objetos inanimados, como o som de “explosão”, “dokan”; b) “gitaigo” ou palavras que retratam sentidos que não podem ser ouvidos, como exemplo “shiin”, que significa “silêncio”; c) gijougo ou palavras que representam estados psicológicos ou sensações corporais, como “dokidoki”, transmitindo o estado de “tensão” através do som da batida do coração.

Pelo exposto, notamos que a língua japonesa possui características bem distintas se comparadas às das línguas ocidentais, levando, portanto, à estranheza por parte de aprendizes brasileiros que estudam o idioma. Essas diferenças de escrita, semânticas, culturais e linguísticas em relação à língua portuguesa devem ser bem assimiladas pelo falante para que

ele possa desenvolver sua competência tradutória e lidar com os diferentes contextos de comunicação.

## 1.2 O MANGÁ

Mangá (漫画), formado por dois kanji, tendo o primeiro o significado de “cômico” e o segundo de “traço” ou “desenho”, é a palavra japonesa utilizada para designar não somente histórias em quadrinhos, mas também tem o significado de revista em histórias em quadrinhos, caricatura, cartum e até mesmo desenho animado (LUYTEN, 2000, p.43). Hoje em dia esse gênero textual é bastante difundido não somente no Japão, mas em vários países ao redor do mundo, e o Mangá é muito popular entre pessoas de todas as idades, pois abrange um grande número de temas, tais como romance, esporte, mistério, comédia, sexualidade, drama, dentre muitos outros, possuindo uma linguagem genuinamente oriunda do contexto oral japonês.

### 1.2.1 Origens do Mangá

As origens do Mangá remontam a um passado distante, sendo que os primeiros desenhos foram encontrados nos templos Toshodaiji e Horyuji (cidade de Nara) e eram caricaturas de pessoas e animais com traços exagerados. A partir do século XI, começaram a surgir os *emakimono*s, narrativas ilustradas horizontalmente e estampadas em rolos. Os *emakimono*s combinavam tanto textos como desenhos e contavam vários tipos de histórias, como contos folclóricos, histórias religiosas e do sobrenatural, romances e descrição de batalhas. Elas eram lidas a partir do desenrolar dos rolos (LUYTEN, 2000). Katsushita Hokusai (1750 – 1849) foi o primeiro artista a fazer uso da palavra Mangá, produzindo um conjunto de obras em 15 volumes intitulado *Hokusai Mangá*. Nessas obras, Hokusai apresenta milhares de imagens retratando paisagens, fauna e flora, a vida cotidiana japonesa e o sobrenatural. Sua obra mais famosa foi *Fugaku Sanju Rokkei* (As 36 vistas do Monte Fuji).



O Mangá moderno surgiu após a Segunda Guerra Mundial e teve como patrono Osamu Tezuka, *mangaka* (desenhista de Mangá) que recebeu grande influência de dois proeminentes desenhistas norte-americanos, Walt Disney e Max Fleischer, e que dedicou 40 anos de sua vida a essa atividade. Tezuka criou seu próprio estúdio denominado *Mushi* Produções, e suas criações, como Astro Boy (Tetsuwan Atom) e A Princesa e o Cavaleiro (*Ribbon no Kishi*), ainda exercem autoridade nos dias de hoje. Suas obras modificaram não só a estrutura da linguagem, desdobrando as cenas em sequências mais fluidas, como também o conteúdo, pela variedade de temas e personagens (LUYTEN, 2000). De acordo com Luyten, deve-se também à Tezuka uma das características mais marcantes do Mangá, que é a caracterização de olhos grandes e desproporcionais dos personagens tanto masculinos quanto femininos. De acordo com o próprio artista, sua inspiração surgiu por causa das atrizes do teatro de Takarazuka<sup>1</sup>, cidade onde morava. O modo como elas se maquiavam fazia com que seus olhos parecessem bastante aumentados, dando a impressão de conter uma estrela brilhante em seu interior, característica essa ainda muito observada tanto nos Mangás quanto nos Animes, desenhos animados japoneses.

Figura 03 – Astro Boy



---

<sup>1</sup> *Takarakuza* é um teatro japonês formado apenas por mulheres que realizam performances musicais no estilo da *Broadway*.

### 1.2.2 Características do Mangá

No Japão, o alcance que o Mangá tem dentro da sociedade japonesa vai além da faixa etária infanto-juvenil. O público consumidor desse gênero textual é muito amplo e variado; dessa forma, como há uma grande afeição por sua leitura, existe uma quantidade grande de estilos cujo intuito é o de agradar a todos os gostos. Por sua variedade de temas, o Mangá penetra em todas as camadas da sociedade japonesa e encontra uma aceitação positiva por parte de todas as gerações, isso é, de certa forma, influenciado também pelo baixo custo das revistas de Mangá.

Diferentemente do que acontece no ocidente, os desenhistas no Japão trabalham de forma independente para jornais e editoras e não estão vinculados a qualquer organização, como acontece com os seus companheiros americanos, por exemplo. Sua editoração é influenciada, como aponta Schodt (1996), por segmentos do mercado com uma divisão por faixa etária e sexo, havendo, portanto, Mangás criados para crianças como os *shogaku*, para moças (*shoujo*), para rapazes (*shounen*), dentre outros.

Em relação às suas características, além dos personagens de olhos grandes, como já foi mencionado anteriormente, e suas expressões caricatas, os quadrinhos de Mangá são como figuras em movimento que revelam detalhes e variam desde movimentos lentos até tomadas que saem de um *zoom* distante para uma imagem em *close-up*. As revistas de Mangá normalmente possuem o formato de 18 cm x 25 cm e têm de 150 a 600 páginas. São monocromáticas, variando entre rosa, azul, verde, roxo e preto, e impressas em papel-jornal (LUYTEN, 2000). Entretanto, as capas das revistas de Mangá geralmente são coloridas e com bastantes detalhes.

Abaixo, trazemos dois exemplos, um de Mangá monocromático e outro de uma capa colorida de revista de Mangá:

Figura 04 – Mangá Monocromático



Figura 05 – Capa de Revista de Mangá



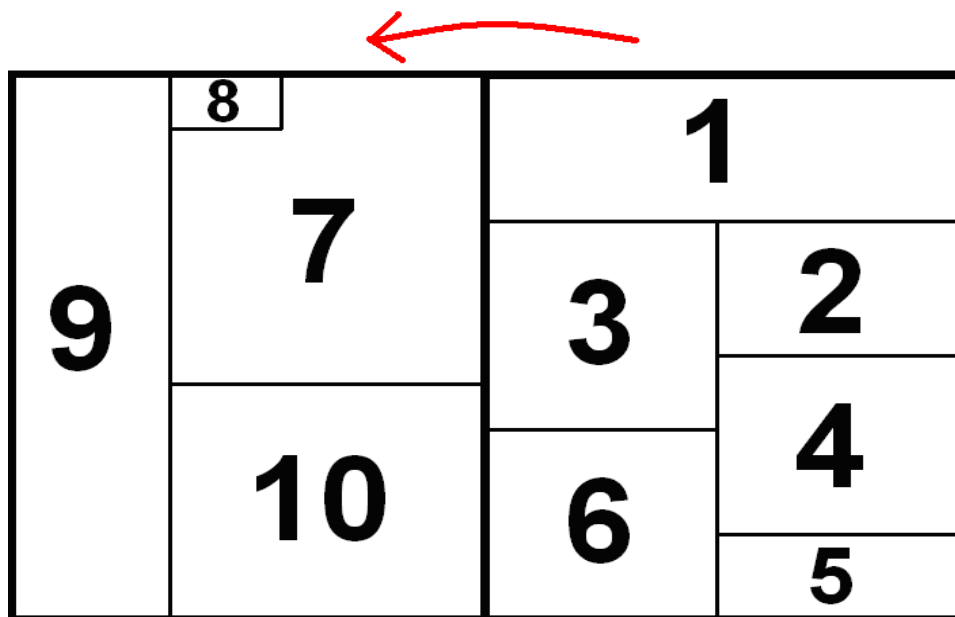
Ainda de acordo com Luyten, essas diferentes cores encontradas no Mangá têm um significado relacionado com o contexto da história em que figura, se for levado em conta a simbologia das cores dentro da cultura nipônica. Nas palavras de Tanaka (1982):

As cores no Japão, se de um lado são suaves, de outro são muito diretas e não causam boa impressão num primeiro momento. Os japoneses, em contraste com os ocidentais, têm uma visão das cores num plano horizontal intuitivo e dão pouca atenção à influência da luz. As cores, mesmo se intensas ou suaves, não são muito identificadas com base no reflexo de luz e sombra, mas em termos do significado ou sentimento associado a elas. Os adjetivos usados para descrever as cores, como *iki* (sofisticado ou *chic*), *shibui* (subjugado ou reprimido) ou *hanari* (alegre ou jovial), salientam mais a sensibilidade do que os valores das cores frente a cada uma. (TANAKA, 1982)

Dessa maneira, para o leitor japonês, a questão das cores funciona como um plano de fundo que auxilia a criar o significado do discurso e fornecer a atmosfera da história.

Já a sua ordem de leitura deve, ao contrário do que estamos acostumados no ocidente, ser feita da direita para a esquerda, como observamos abaixo:

Figura 06 – Ordem de Leitura do Mangá



### 1.2.3 O Mangá e a Tradução

Arnaldo Oka, um dos maiores tradutores de Mangá no contexto brasileiro e que trabalha para a *JBC* (Japan Brazil Communication), maior editora de Mangá do Brasil, em seu trabalho intitulado *Tradução e Adaptação de Mangás para o Português* (OKA, 2008), diz que os títulos de quadrinhos japoneses chegaram às bancas de jornal somente no final da década

de 80 e que todas aquelas histórias eram traduzidas da língua inglesa para a portuguesa, ou seja, eram traduções de traduções.

Ademais, ainda de acordo com o autor, quase uma década teve que se passar para que o Mangá fosse aceito pelos leitores brasileiros, sendo, desta vez, traduzido diretamente da língua japonesa. Isso se deu graças à popularização da Internet e dos videogames e ao sucesso de certos Animes na televisão aberta (Os Cavaleiros do Zoodíaco, Sailor Moon, Dragon Ball Z, Samurai X, Sakura Card Captors, Pokémon, dentre outros).

Oka (2008) lista algumas características peculiares do Mangá que, ao longo de sua longa experiência, puderam ser identificadas como problemáticas para o processo de tradução desse gênero. Nas palavras do autor, são elas:

a) *Sentido de leitura*: Na realidade, este é um problema que não possui solução. O sentido de leitura de qualquer publicação deriva da escrita de cada país e a inversão compromete, não só as leituras das falas, mas também a visualização da sequência de ação desenhada nos quadrinhos. Apesar de ser um problema, de alguma forma, os leitores de Mangá se adaptaram e superaram essa dificuldade; b) *Citações*: Qualquer nome, frase, trecho ou assunto referentes a artistas, filmes, livros, Mangás, Animes, cultura e atualidades. Nos Mangás é possível encontrar de tudo e essas citações demandam uma pesquisa, cuidados e trabalhos que nem sempre é compensada; c) *Transliteração e adaptação de nomes próprios*: Os termos japoneses que não podem ser traduzidos e nomes de personagens necessitam ser transliterados ou adaptados. O sistema de transliteração (japonês -> português) utilizado pela JBC é o Hepburn por ser mais popular no mundo. No entanto, existem alguns obstáculos para se utilizar plenamente o sistema *Hepburn*; d) *Onomatopeias*: A língua japonesa possui uma tradição antiga de usar muitas onomatopeias na fala. No Mangá, a variedade cresce a níveis estratosféricos para dar clima à cena e compensar a ausência de sons. Na hora de adaptar um Mangá, o tradutor é obrigado a inventar um monte de onomatopeias inéditas para compensar a falta. No Japão existem onomatopeias que servem apenas para descrever a situação, como por exemplo, uma onomatopeia para representar a ausência de som e outra que indica uma pessoa ficando vermelha de vergonha; e) *Ditados e Trocadilhos*: Ditados e trocadilhos são muito difíceis de se adaptar porque muitas vezes só fazem sentido na língua japonesa, devido à sonoridade ou do *background* cultural de quem lê; f) *Gramática*: A posição do verbo e do objeto no japonês é invertida em relação ao português. O problema da ordem não parece ser grande coisa, mas pode causar confusão em períodos longos e comprometer a dramaticidade da cena quando a ordem dos elementos tirar o núcleo da frase do quadrinho certo. (OKA, 2008, p. 178-179)

Outro autor que trabalha com a questão do Mangá e sua traduzibilidade é Frederico Zanettin. Em seu livro *Comics in Translation* (2008), Zanettin aborda a questão da tradução de Mangá e suas dificuldades para os tradutores ocidentais. Primeiramente ele aborda a questão dos empréstimos linguísticos quando diz:

Um dos problemas mais interessantes e, de fato, bastante divertidos quando se traduz Mangá é o uso em Japonês de palavras oriundas de empréstimos linguísticos. Há uma tendência a se usar essas palavras apenas para dar efeito, por exemplo, porque elas têm um som bonito ou parecem elegantes. O significado dessas palavras tem geralmente um papel secundário ou até mesmo nenhuma importância. Esses empréstimos não parecem grotescos em um texto japonês, mas eles se tornam assim quando o texto é traduzido para a língua de onde o empréstimo veio. (ZANETTIN, 2008, p.61)<sup>2</sup>

Como exemplo dessa questão de empréstimos, o autor menciona um Mangá cujo título é utilizado em alemão, “Meine Liebe” (Meu Amor). Nessa história, muitos dos locais têm nomes em alemão, como “Kuchen” (bolo) e “Edbeer” (morango), e até mesmo há pessoas que possuem nomes como o “Count of Marmelade” (Conde da Marmelada). Na língua japonesa, essas palavras não possuem nenhum significado, contudo, quando são traduzidas para a língua alemã, acabam por dar um humor indesejado para a história.

Assim como Oka (2008), Zanettin (2008) também se refere à questão das onomatopeias como uma dificuldade para o ato tradutório. Essa figura de linguagem é bastante presente na língua japonesa, inclusive muito encontrada na linguagem do dia a dia. Para o autor, o tradutor tem três possibilidades de escolha quando lida com a questão da tradução das onomatopeias: ele pode traduzi-las, transcrevê-las ou deixá-las como estão. Contudo, ele diz que talvez a opção mais óbvia fosse a transcrição, uma vez que até mesmo os leitores que não falam japonês podem ter uma ideia do som que uma dada onomatopeia quer passar.

Entretanto, a onomatopeia escrita em *katakana*, uma das duas escritas silabárias do japonês, pode desempenhar um importante papel na questão visual do texto, visto que passa a ideia de autenticidade e características de um ambiente japonês e, dessa forma, agrada o

---

<sup>2</sup> One of the most interesting and actually quite entertaining problems when translating Manga is the use of loanwords in Japanese. There is a tendency to use loanwords just for effect, for example because they sound beautiful or look elegant. The meaning of these loanwords is often secondary or not important at all. These loan words do not look grotesque in a Japanese text, but they do so as soon as the text is translated into the language the loanwords came from.

público leitor. Portanto, dependendo da situação, a tradução dessa figura de linguagem bem como de outras palavras escritas em *kanji* e que dão certo efeito ao conjunto de texto e imagem vai ficar a critério do contexto de tradução e das escolhas feitas pelo tradutor baseadas no efeito ou na mensagem que ele decida transmitir.

Outra questão discutida por Zanettin é se o tradutor deve traduzir ou explicar certas palavras japonesas contidas no Mangá. De fato, para muitos, traduzir todos os termos parece o mais sensato a ser feito, mas no caso do Mangá, a questão de manter uma autenticidade japonesa no texto é uma prática bastante comum. Desse modo, muitos tradutores tendem a manter, por exemplo, os honoríficos que são colocados nos nomes próprios, como “-san” (para pessoas fora do seu ciclo social), “-kun” (para homens, de uma pessoa de status superior para uma de status inferior), “-sensei” (para professores) ou “-chan” (para crianças ou garotas).

Aqui, percebe-se que a questão de manter ou não termos do original japonês é bastante debatida. Através da experiência do autor deste trabalho, a tendência é exatamente como Zanettin apontou. Termos como os honoríficos ou exclamações como “kanpai!” (um brinde!), “banzai!” (exclamação para vida longa) ou “ippon!” (ponto para mim!) são normalmente conhecidos pelos leitores brasileiros de Mangá. Dessa forma, a tradução de tais termos para o português acaba por não acontecer e o leitor fica mais próximo do texto e da cultura original.

Outro ponto interessante da tradução de Mangá mencionado por Zanettin é o que se refere ao conteúdo pictórico. Às vezes, a técnica do *Deletio*, ou remoção de textos e figuras, é utilizada quando há elementos que podem ofender os leitores ou então quando se encontram elementos culturais com os quais o público da língua-alvo não está acostumado. Outras mudanças podem ocorrer quando é necessária a adaptação de imagens para reorganização da direção da leitura.

Esse tipo de manipulação ocorre, a nosso ver, quando há muitas cenas violentas ou pornográficas, típicas de certos subgêneros do Mangá. Entretanto, essa prática não é muito comum, pois a tendência é manter as características originais da imagem e do texto, como já

apontamos anteriormente, a fim de conservar o maior número de traços originais do Mangá. Dessa maneira, vai caber ao tradutor a decisão de incluir ou não em sua tradução essas modificações que vão além da questão textual.

Por fim, Zanettin tece comentários a respeito do material utilizado para a produção do Mangá. Como já abordado anteriormente, no Japão as histórias geralmente estão contidas em revistas tão grossas quanto listas telefônicas, o que não acontece no caso de suas traduções nos países ocidentais. No Brasil, os Mangás são divididos em volumes com espessuras menores, entretanto, muitas características são mantidas, como a questão da qualidade do papel e a direção da leitura mantida na tradução feita por muitas editoras.

Levando-se em consideração todas as características do Mangá abordadas neste capítulo, percebemos que ao traduzir esse gênero, acaba-se por enfrentar desafios comumente encontrados em quadrinhos em geral. Além disso, adicionam-se a esses fatores alguns outros que são oriundos da complexa estrutura que é encontrada no Mangá, dentre os quais podemos citar, por exemplo, decisões referentes à direção da leitura dos quadrinhos e a questão de como explicar especificidades culturais. Na realidade, como as outras modalidades de tradução, a tendência no Mangá é a inserção de explicação (explicitação) no próprio texto, ao invés da utilização do rodapé. A explicitação, que é uma das estratégias de tradução apontadas por Baker (1996), acaba sendo o melhor caminho para a tradução de Mangá, principalmente pelo fato de se tratar de quadrinhos. No que concerne às onomatopeias, figura de linguagem que enriquece bastante a língua japonesa, até mesmo no linguajar da vida cotidiana, o tradutor pode transcrever o som, traduzi-lo ou deixá-lo no original em *katakata*, silabário japonês no qual elas sempre vêm escritas.

Os Mangás têm crescido concomitantemente com seus leitores e sua edição representa mais de um terço da tiragem e mais de um quarto dos rendimentos do mercado editorial japonês atualmente. A explicação para o porquê desse gênero ter se tornado um fenômeno mundial deve-se ao fato de ele ter a capacidade de se inserir em todas as esferas sociais e ter alcançado também todas as gerações devido ao seu baixo custo e à diversificação dos temas que aborda.



O Mangá, assim, pode ser considerado como um espelho social e possuidor de funções pedagógicas, uma vez que ele abrange praticamente todos os temas do cotidiano japonês, como, por exemplo, a vida do estudante na escola e do empregado nas empresas, além de esporte, guerra, amor, conflitos pessoais, medo, superstições, mitologias, fatos históricos, dentre muitos outros.

Nesta seção, abordamos a questão do gênero Mangá e sua traduzibilidade, uma vez que esse foi o gênero escolhido para ser trabalhado com os sujeitos da pesquisa. Suas características foram descritas com o intuito de fornecer uma ideia de como esse gênero se difere de outros gêneros textuais, principalmente das histórias em quadrinhos produzidas nos Estados Unidos, conhecidas como HQ's, e que também são bastante populares no Brasil.

A explicação sobre as dificuldades de tradução de Mangá foi necessária também para que, no Capítulo de Análise de Dados, possamos observar o modo como os sujeitos da pesquisa lidaram com os problemas de tradução e quais foram as soluções e estratégias encontradas para sanar essas dificuldades.

### **1.3 QUESTÕES DE TRADUÇÃO**

Nesta seção, abordaremos a tradução e o modo como a capacidade tradutória é vista e trabalhada pelos falantes de línguas estrangeiras. Como é de senso comum, essa é uma habilidade que, por vezes, é deixada de lado em detrimento das quatro habilidades linguísticas tradicionais nos cursos de línguas adicionais. Dessa forma, a tradução ainda carece de mais pesquisas que abordem o modo como os usuários de um idioma estrangeiro a utilizam, bem como as estratégias utilizadas pelos falantes para fazer uso dessa habilidade que é de grande importância, principalmente em nosso mundo contemporâneo.

Como a presente pesquisa objetiva averiguar se a competência tradutória é desenvolvida através da tradução de histórias de Mangá, é relevante que sejam abordados autores e suas teorias a respeito desse tema. Desse modo, teceremos uma visão geral a respeito da tradução e de como se dá a questão da competência tradutória no ambiente teórico/prático.

### 1.3.1 Tradução no Contexto Social

A tradução é um fenômeno social cuja importância é vital para a comunicação entre povos e culturas diferentes. De acordo com Cohen (1986), a prática da tradução começou após o aparecimento da literatura escrita, sendo que um dos primeiros trabalhos envolvendo essa atividade se deu com a tradução da Epopeia de Gilgamesh da língua Suméria para línguas do sudoeste asiático.

Todavia, foi somente após o fim da Segunda Guerra Mundial que a profissão de tradutor e intérprete foi formalizada, gerando, dessa forma, centros específicos para a formação de profissionais dessa área. Somando-se a esse fato, percebemos que, nas últimas décadas, com o advento tecnológico e o contato cada vez maior entre nações em âmbito mundial, houve um grande aumento na procura de profissionais capacitados que lidam com o processo da tradução, fazendo com que centros de formação de tradutores fossem criados progressivamente em vários países do mundo. Para Albir (1999), esses centros se caracterizam da seguinte forma:

...(os centros) separam, em geral, a formação do tradutor e do intérprete, e incorporam às vezes na formação matérias como técnicas de Documentação, Informática, fundamentos de Economia, Direito, etc., para adaptar-se às necessidades do mercado de trabalho (ALBIR, 1999, p.9).<sup>3</sup>

Levando-se em conta as ideias que se têm a respeito do ato tradutório, durante muito tempo a tradução foi considerada como uma ciência cujo processo se dava através do simples transporte de significados de uma língua para outra. Esse processo deveria ser objetivo e pautado através de algum método específico. Diversos estudiosos da tradução, dos quais podemos citar John C. Catford, Eugene Nida, Karl-Heinz Freigang e Otto Kade, trabalham com a vertente de que o texto original deve ser entendido como “um objeto estável e ‘transportável’, de contornos absolutamente claros, cujo conteúdo pode ser classificado de forma completa e objetiva” (ARROJO, 2000, p.12).

---

<sup>3</sup> ...separan, por lo general, la formación del traductor y del intérprete, e incorporan a veces en la formación ,materias como técnicas de Documentación, Informática, fundamentos de Economía, Derecho, etc., para adaptarse a las necesidades del mercado laboral.

Através dessa concepção, percebemos que a tradução tem como finalidade única a tarefa de lidar com o significado supostamente encontrado no texto original e, nesse processo, assume-se a posição passiva do tradutor, cuja tarefa seria apenas a de transportar o significado, nunca interpretando, portanto, o texto original através de seu próprio ponto de vista. Arrojo cita as características desse tipo de abordagem pautada na fidelidade, sendo essa visão sustentada nos seguintes pressupostos:

1. a tradução deve reproduzir em sua totalidade a ideia do texto original;
2. o estilo da tradução deve ser o mesmo do original; e
3. a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do texto original. (ARROJO, 2000, p.13).

Essa visão ainda é muito aceita na concepção popular. Tem-se ainda a ideia de que o tradutor deve manter-se fiel ao texto de partida, sendo seu objetivo principal o de produzi-lo de forma original em outra língua, fazendo, assim, com que sua presença não seja perceptível. Todavia, com o fim da segunda guerra mundial, pôde-se notar um grande aumento nas pesquisas em diversas áreas do conhecimento, sendo a tradução contemplada com muitas pesquisas, que, de uma forma ou de outra, começaram, ao longo dos anos, a questionar essa visão tradicional de fidelidade e sua real importância para o ato tradutório. Arrojo (2000), sobre esse tema, discorre:

É impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido. [...] O autor passa a ser, portanto, mais um elemento que utilizamos para construir uma interpretação coerente do texto. [...] O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção “original” do autor, para o intérprete, o leitor, ou o tradutor. [...] Significa que, mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar nossa visão desse autor e suas intenções. [...] Em outras palavras, nossa tradução de qualquer texto, poético ou não, será fiel não ao texto “original”, mas àquilo que considerarmos ser o texto original, àquilo que considerarmos constituir-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será [...] sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos. (BOHUNOVSKY, 2001, p.54 *apud* ARROJO, 2000).

Percebe-se, com essa concepção, que a questão da fidelidade, de certa forma, se torna questionável, uma vez que a tradução é sujeita a vários outros fatores que não podem ser

descartados do processo tradutório, tornando, assim, a presença do tradutor visível no processo tradutório. Não há, portanto, a possibilidade de se recuperar de forma neutra todo o conteúdo oriundo de um determinado texto de partida, pois a ideia de se transferir objetivamente o sentido de cada palavra ou expressão só seria possível se os vocábulos tivessem um sentido estável e único, o que, de fato, não ocorre.

Através desses questionamentos sobre a tradução e seus conceitos, objetivamos fornecer, aos sujeitos da pesquisa, concepções para que eles, através de estudo e prática do ato tradutório, possam desenvolver seus conhecimentos sobre o presente tema e, assim, aprimorar essa habilidade através de tomadas de decisões adequadas para o desenvolvimento dessa atividade.

### 1.3.2 A Competência Tradutória

A palavra “competência” é geralmente empregada como sendo a capacidade que o sujeito tem de atuar de forma satisfatória em sua área de conhecimento ou profissional, como aponta Schäffner (2000): “Em qualquer ambiente profissional, a atuação do sujeito é julgada de acordo com certos objetivos e ações claramente definidos, que exigem um tipo específico de competência...” (SCHÄFFNER, 2000, p.14)<sup>4</sup>

Quando nos adentramos no ambiente da tradução, aprendemos que essa é uma atividade humana multidisciplinar que vem sendo utilizada para efeito de comunicação entre povos de diferentes culturas desde a criação da escrita, possuindo, portanto, um papel importante no diálogo interlingual e intercultural de sociedades separadas pela barreira linguística.

A competência tradutória surge, então, como sendo o sistema subjacente de habilidades, conhecimentos e atitudes exigidas do tradutor para que ele seja capaz de realizar uma tradução de uma maneira satisfatória. Isso se dá pelo fato de que a CT é muitas vezes descrita como sendo uma atividade de bastante complexidade, que envolve o conhecimento de uma ou mais línguas e requer que a pessoa que a realize possua habilidades que não se restrinjam somente à questão linguística. Christine Schäffner (2000) utiliza uma metáfora que

---

<sup>4</sup> In any professional environment, performance is judged according to certain clearly defined objectives and needs, which demand a specific type of competence.

explana bem a questão do quão complexo é o ato tradutório e o modo como várias competências distintas devem interagir para que o tradutor possa traduzir um texto de uma forma adequada: “O melhor desempenho de qualquer ação, como dirigir um carro, por exemplo, baseia-se em uma competência global que depende da interação de diferentes competências subordinadas que são, obviamente, interrelacionadas.” (SCHÄFFNER, 2000, p.8).<sup>5</sup>

Como percebemos pelas palavras da autora, para que uma tradução seja feita adequadamente, somente o domínio que o tradutor tem de ambas as línguas não é suficiente, pois ele deve ter um conhecimento mais amplo que envolva outros fatores, tais como questões culturais, temporais e diastráticas.

Seguindo essa linha de questionamento, Stella Tagnin, professora e pesquisadora dos estudos da atividade tradutória, aborda a questão da tradução com foco em pontos que devem ser levados em consideração pelo tradutor quando do desenvolvimento de sua atividade. Para a pesquisadora, é importante ter conhecimento das “convenções linguísticas” que estão bastantes presentes nos atos de fala de sujeitos de certa comunidade linguística e, em sua concepção, essas convenções podem ser definidas como “os jeitos aceitos pela comunidade que fala determinada língua. Assim, podemos chamar de convencionalidade o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística”. (TAGNIN, 2005, p.14)

Como observaremos mais adiante, as histórias de Mangá foram selecionadas levando em conta o nível linguístico dos alunos bem como a dificuldades apresentadas nos textos selecionados, dentre as quais podemos destacar as expressões convencionais. Essas expressões são formas linguísticas empregadas na língua para apresentar um conceito em um determinado contexto comunicativo, como encontramos em ditos populares ou expressões idiomáticas, por exemplo. Nas palavras da autora:

É costume em nossa sociedade cumprimentar alguém por ocasião do Natal, seja dando-lhe um presente, enviando-lhe um cartão ou simplesmente dizendo *Feliz Natal*. [...] Pois bem, a mesma noção de convenção pode se aplicar à língua, tanto a nível social, isto é, deve-se saber *quando* dizer algo,

---

<sup>5</sup> Optimal performance of any action, for example, driving a car, is based on a global competence which relies on the interaction of different subordinated competences, which are, of course, interrelated.

quanto a nível linguístico, ou seja, saber *como* dizê-lo. [...] Por exemplo, *Feliz Natal* é uma expressão convencional social, pois está ligada à comemoração do Natal, enquanto *mundos e fundos* é uma expressão convencional devido a sua forma, isto é, convencionou-se combinar os dois vocábulos *mundos e fundos* – e não *universos e profundidades*, por exemplo – unidos pela conjunção *e*. E convencionou-se também ser essa a ordem em que devem aparecer, jamais *fundos e mundos*. (TAGNIN, 1989, p. 12-13)

Por meio da recepção do texto durante a tradução, o tradutor acaba recuperando sequências convencionais já guardadas em sua mente como sintagmas inteiros e outras unidades estáveis que aparecem como blocos em sua memória. Dessa forma, é pertinente inferir que o falante de um idioma faz uso de “frases feitas”, como os “clichês”, bem como de expressões fixas memorizadas, como as expressões idiossincráticas e, através desse armazenamento de construções prontas, ele se comunica e faz o uso efetivo da língua.

A autora expressa a opinião de que é de fundamental importância que o tradutor, principalmente o iniciante, atente para os pontos acima, uma vez que ele irá se deparar com essas questões na sua tarefa tradutória e seu completo entendimento tanto na língua estrangeira como na materna é essencial para um bom desenvolvimento da tradução. Nas palavras da autora:

Um tradutor ingênuo é justamente aquele que desconhece a convencionalidade de uma língua de modo que não é capaz de detectar sua ocorrência no texto que traduz, deixando assim de recuperá-la no texto traduzido. Isso, conforme o caso, pode passar totalmente despercebido ou ter seriíssimas consequências, como no caso do humor baseado na quebra de convencionalidade (TAGNIN, 2005, p.253).

Para as atividades propostas, buscamos fazer uso de histórias de Mangá que possuíssem esse tipo de expressão convencional com a finalidade de verificar como os alunos lidariam com elas bem como as estratégias utilizadas por eles durante o desenvolvimento de suas traduções.

Outra pesquisadora que estuda a CT é Amparo Hurtado Albir. Em sua obra intitulada “A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos” (2005), a autora espanhola aponta que é consenso na área da tradução que a competência tradutória é derivada da competência comunicativa; contudo, esse conhecimento surge de uma forma mais especializada, como aponta Hurtado Albir: “[...] um processo de automatização gradual, no qual se passa do reconhecimento atomístico ao holístico, do consciente ao inconsciente, das

decisões analíticas às intuitivas, da reflexão calculada à reflexão crítica, do nível de objetividade ao nível das implicações.” (ALBIR, 2005, p. 22).

Albir, em seu trabalho, discorre sobre a competência tradutória e discute como ela é dividida em cinco subcompetências que são de grande importância para que o profissional que lida com o ato tradutório possa desempenhar sua atividade de forma satisfatória. São elas:

a) *Subcompetência bilíngue*: é apenas uma das subcompetências que compõe a competência tradutória. É integrada por conhecimentos essencialmente operacionais, necessários para a comunicação em duas línguas: conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos, textuais e léxico-gramaticais; b) *Subcompetência extralinguística*: é composta por conhecimentos essencialmente declarativos sobre o mundo em geral e de âmbito particulares; conhecimentos (bi)culturais e enciclopédicos. Ela envolve a experiência de mundo, que se adquire da vivência em culturas diferentes, que caracteriza a experiência direta, ou através do estudo sobre essas culturas, que implica na experiência relatada; c) *Subcompetência de conhecimentos sobre tradução*: também é integrada por conhecimentos declarativos que envolvem, obviamente, os aspectos teóricos e profissionais da tradução; d) *Subcompetência instrumental*: consiste em conhecimentos operacionais relativos ao uso das fontes de documentação e das tecnologias de informática e comunicação aplicadas à tradução; e) *Subcompetência estratégica*: é integrada por conhecimentos operacionais que garantem a eficácia do processo tradutório. Ela controla o processo de tradução, servindo para planejar o processo e elaborar o projeto tradutório; avaliar o processo e os resultados parciais obtidos em função do objetivo final; ativar as demais subcompetências e compensar deficiências entre elas; identificar problemas de tradução e aplicar os processos para a sua resolução. (OLIVEIRA, 2009 *apud* ALBIR, 2005).

Além das subcompetências sugeridas por Albir como sendo parte da competência tradutória, a autora também afirma que a CT é formada por componentes psicofisiológicos, como, por exemplo, percepção, emoção, atenção e memória, componentes esses que são essenciais para a atuação do indivíduo em qualquer área de atuação profissional. Há também as habilidades do tradutor, como raciocínio lógico, capacidade de análise e síntese e criatividade. Por fim, a autora menciona os aspectos de atitude do profissional, tais como curiosidade intelectual, espírito crítico, perseverança, rigor, conhecimento e confiança em suas próprias capacidades.

Através do modo como Albir aborda a capacidade tradutória, percebemos que muitos elementos estão envolvidos e influenciam o tradutor na tomada de suas decisões. Dessa maneira, ao se realizar o ato tradutório, é de grande importância que o tradutor possua domínio desses elementos, ou pelo menos de sua maioria, e saiba lidar de forma adequada com as subcompetências mencionadas a fim de realizar uma tradução considerada satisfatória.

Além de Albir, há muitos outros estudiosos da tradução que, de fato, concordam com a questão de que uma série de elementos deve ser levada em consideração quando nos voltamos à questão da atividade tradutória. No livro “Conversa com Tradutores: balanço e perspectivas da tradução” de Benedetti e Sobral (2003), que é uma compilação de entrevistas com tradutores importantes e proeminentes da área da tradução no contexto brasileiro, podemos observar a opinião preciosa desses profissionais a respeito dessa atividade tão complexa. Regina Alfrano, professora e tradutora, argumenta:

A tradução, muito mais do que a maioria das profissões, [...] exige um alicerce bastante sólido e eclético. Esse alicerce se baseia na língua materna, na(s) língua(s) estrangeiras e na complexa gama de componentes dos dois universos. Perpassa áreas comuns do conhecimento e traça caminhos específicos com muitas interfaces. Mas exige, acima de tudo, empenho e persistência, observância à disciplina, preciosismo na comunicação, acuidade em relação aos detalhes, olhar alerta e observador, sempre [...] a atividade tradutória exige disciplina na pesquisa, no cumprimento de prazos, na revisão de textos, na elaboração de glossários [...]. Em todos esses momentos, o preciosismo na comunicação nunca é demais. A atividade tradutória pressupõe atualização constante. (ALFRANO, 2003, p.36).

Pelo exposto até aqui através das ideias das autoras acima, tomamos consciência da questão de que, para se tornar um tradutor competente, é necessário mais do que o simples conhecimento linguístico e o domínio de dois idiomas estrangeiros. Essa crença de que a fidelidade é a única forma “correta” de se fazer tradução, ainda é muito forte no domínio popular, e essa ideia errônea a respeito da prática tradutória conduz as pessoas, de modo geral, a simplificarem, de forma demasiada, uma prática que, na realidade, requer um saber eclético e uma gama de conhecimentos por parte do sujeito que a realiza.

Em relação ao ensino-aprendizado da tradução, Albir destaca duas fases progressivas de foco pedagógico. A primeira seria uma fase de iniciação, na qual os aprendizes adquirem bases metodológicas e linguísticas, e a segunda seria mais o momento prático, no qual os alunos desenvolvem atividades de tradução com os textos. Os objetivos de



Albir (1999), portanto, são metodológicos e de índole textual. Sendo que o primeiro tem o intuito de capacitar os aprendizes com estratégias tradutórias, e o segundo, o de fazer com que eles percebam as características dos diferentes gêneros textuais e saibam lidar com suas particularidades e dificuldades.

Dessa maneira, a proposta da autora foi de grande importância para a criação do nosso minicurso de Mangá e para as atividades desenvolvidas com os sujeitos da pesquisa. A metodologia sugerida por Albir, como observada, tem a proposta de unir a teoria e a prática, conduzindo, assim, o aprendiz a utilizar a tarefa de tradução como instrumentação para uma maior conscientização e aperfeiçoamento progressivo de sua própria capacidade tradutória.

De acordo com Albir (1999), essa proposta tem a intenção de:

a) Diminuir a distância que se produz em outras propostas entre objetivos e metodologia, proporcionando realmente uma metodologia ativa; b) Instrumentalizar o estudante através da introdução de tarefas possibilitadoras (pedagógicas) que os ajudam a resolver a tarefa final (a tradução de determinado gênero textual, por exemplo). Assim, consegue-se uma pedagogia centrada no acompanhamento de processos; c) Encadear, constantemente, através das tarefas, uma metodologia viva, na qual o aluno não só aprende fazendo e capta princípios, como também aprende a resolver problemas e adquire estratégias. A maioria das tarefas possibilitadoras serve para que o aluno adquira estratégias tradutórias e estratégias de aprendizagem; d) Fornecer uma pedagogia centrada no estudante, que, por isso, se torne responsável por sua própria aprendizagem e, por conseguinte, fique mais autônomo; e) Permitir incorporar, constantemente, tarefas de avaliação formativa para o estudante, que aprende a se auto-avaliar e medir suas próprias possibilidades e para o professor que pode avaliar seu ensino. (ALBIR, 1999, p.56)<sup>6</sup>

Através da proposta acima, observamos que o aprendiz é colocado em uma posição central no processo de ensino-aprendizagem, fazendo-o, portanto, assumir um papel ativo no que concerne ao desenvolvimento das atividades e a todo o conjunto de procedimentos necessários para realizá-las. Nessa perspectiva, o professor torna-se um

<sup>6</sup> a) Salva la distancia que se produce en otras propuestas entre objetivos y metodología, proporcionando realmente una metodología activa. b) Arma al estudiante, al introducir tareas possibilitadoras (pedagógicas) que le ayudan a resolver la tarea final (la traducción de determinado género textual, por ejemplo); se consigue así una pedagogía centrada en el recorrido de procesos. c) Encadena constantemente, a través de las tareas, una metodología viva en la que el alumno no sólo aprende haciendo, y capta principios, sino que aprende a resolver problemas y adquire estrategias traductoras y estrategias de aprendizaje. d) Se logra una pedagogía realmente centrada en el estudiante, que, además, le hace responsable de su propio aprendizaje y, por consiguiente, más autónomo. e) Permite incorporar constantemente tareas de evaluación formativa para el estudiante (que aprende a autoevaluarse y medir sus propias posibilidades) y para el profesor (que puede evaluar su enseñanza).

facilitador, auxiliando o processo e incentivando a interação dos alunos na busca de soluções adequadas para a tradução das histórias de Mangá. Essa busca pauta-se no fato de que não é considerada a questão de uma tradução ser certa ou errada, mas se ela é adequada ou não, uma vez que trabalhamos com a ideia de que existam várias traduções possíveis para determinado texto ou enunciado.

Após a explicação dos pressupostos teóricos, abordaremos, no capítulo seguinte, a metodologia da pesquisa. Traremos, de forma detalhada, todos os passos seguidos para a realização do trabalho, contextualizando a pesquisa e explanando suas características, bem como apresentando o plano de curso utilizado no minicurso de tradução de Mangá.

## CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Neste capítulo discutiremos a metodologia adotada para a presente pesquisa e teceremos, de forma detalhada, considerações a respeito de todos os elementos envolvidos no processo metodológico: tipo de pesquisa, contexto, sujeitos, material utilizado e instrumentos de coleta.

### 2.1 Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa foi de natureza qualitativa e teve como base a metodologia da pesquisa-ação. De acordo com Franco (2005, p. 486 *apud* MAILHIOT, 1970), em seu artigo intitulado “*Pedagogia da Pesquisa-Ação*”, nesse tipo de metodologia, devemos partir de uma situação social concreta a modificar e, mais que isso, devemos nos inspirar constantemente nas transformações e nos elementos novos que surgem durante o processo e sob a influência da pesquisa. Dessa forma, a escolha dessa metodologia foi feita pelo fato de ela poder proporcionar ferramentas para a observação do desenvolvimento dos sujeitos no que concerne ao seu comportamento em relação ao ato tradutório durante a aplicação da pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida através de um minicurso de Mangá, ministrado em língua portuguesa, língua materna dos alunos participantes e com a duração de 30h/aula. Seu objetivo foi o de trabalhar com os alunos questões relacionadas ao ato tradutório tendo como atividades principais a tradução de histórias de Mangá denominadas de *one-shot*, ou seja, histórias curtas de uma página. Através dos instrumentos de coleta que serão abordados mais adiante, foi possível utilizar uma característica bastante significativa da pesquisa-ação, que é a triangulação de dados. Através da triangulação fornecida pelos instrumentos, pôde-se ter uma ideia mais clara e aproximada do modo como a noção de tradução foi se modificando na percepção dos sujeitos. Em outras palavras, a pesquisa-ação cumpriu o seu papel e deu ao pesquisador ferramentas de análise confiáveis e a possibilidade de se adequar ao contexto específico no qual ele estava trabalhando, de, ao longo do minicurso, entender melhor o processo e de ter a chance de modificá-lo para um melhor desenvolvimento das atividades e, conseqüentemente, do próprio trabalho.

No anexo 1, trazemos o parecer de aprovação do conselho de ética da UECE. A pesquisa deu entrada no dia 11 de junho de 2012 e teve sua aprovação no dia 18 de julho de 2012. Após essa data, fizemos as modificações sugeridas pelo comitê, além de mudanças necessárias que foram discutidas em orientações com o intuito de desenvolver o projeto de maneira apropriada. No anexo 2, colocamos o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), documento necessário para manter em sigilo a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa.

## **2.2 Contexto da Pesquisa**

A presente pesquisa tem como cenário o curso de extensão em japonês do núcleo de línguas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que oferece vários cursos de línguas modernas. Esse curso é pioneiro no ensino de japonês no estado do Ceará, sendo oficialmente estabelecido no ano de 1993 e, atualmente, possui um grupo de monitoria formado por alunos e ex-alunos que se reúnem semanalmente com o objetivo de discutir questões relacionadas ao curso de japonês e aos eventos promovidos por ele.

O curso possui seis semestres regulares que são básicos e dois semestres complementares para aqueles alunos que desejam prosseguir com os estudos da língua japonesa, totalizando, dessa forma, uma carga horária de 480h/aula em quatro anos. Atualmente, o curso possui oito professores e nove monitores. A tarefa destes últimos é a de auxiliar os professores com suas turmas bem como com as atividades diárias dentro de sala de aula. O número de alunos está em torno de cem.

Além do seu objetivo principal, que é o ensino do idioma japonês, o curso de língua japonesa da UECE também desenvolve atividades extras como minicursos, oficinas, apresentações culturais na própria UECE e em outros locais, bem como promove eventos como a oratória local e regional de língua japonesa. Há também a participação em atividades acadêmicas como o Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa e o Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, Seminários de Ensino de Língua Japonesa e Cursos Intensivos de Japonês que são oferecidos pela Fundação Japão, órgão vinculado ao Ministério de Relações Exteriores do Japão, tanto na cidade de São Paulo como no próprio Japão.

A presente pesquisa, portanto, foi desenvolvida nesse contexto particularmente importante em nosso estado, pois é um dos poucos locais onde a língua e a cultura nipônica se encontram e são trazidas para mais perto do próprio povo cearense, que ainda se encontra distante da realidade cultural japonesa.

### 2.3 Perfil dos Sujeitos

O modo de escolha dos sujeitos foi baseado em sua habilidade linguística. Por isso, foram selecionados 15 alunos que já tinham concluído pelo menos o sexto semestre, ou seja, que haviam terminado o nível básico do curso de extensão. Os seis primeiros semestres do curso de japonês da UECE abrangem um total de 360h/a e fornecem ao aluno competência linguística que se adéqua ao nível N4 do teste de proficiência em língua japonesa (noryokushiken) aplicado pelo Ministério da Educação do japonês.

No curso básico de extensão, os alunos utilizaram o livro didático “minna no nihongo I”<sup>7</sup> e “minna no nihongo II”<sup>8</sup>, sendo que, desse último, nem todas as lições foram estudadas. Ambos os livros oferecem aos aprendizes um conhecimento básico da língua japonesa, e, dessa forma, a escolha tanto dos sujeitos como do material utilizado no minicurso de Mangá foram decididos levando em consideração o caminho percorrido pelos alunos no aprendizado do idioma japonês e o conhecimento linguístico adquirido por eles ao final do sexto semestre.

Dentre os 15 sujeitos que iniciaram o minicurso, houve apenas uma desistência. Dos 14 que concluíram todas as atividades, oito haviam acabado de completar o sexto semestre, enquanto os outros já haviam terminado há mais tempo e, por isso, possuíam mais experiência com a língua japonesa. Contudo, nenhum havia tido contato com teorias de tradução e só alguns haviam trabalhado com a tradução de um modo informal, ou seja, sem ter tido nenhum preparo ou estudo anterior para o desenvolvimento dessa atividade, seja ela na forma escrita ou na forma oral (interpretação). Com base também na assiduidade da grande maioria dos participantes, constatamos o comprometimento e entusiasmo dos alunos, pois os mesmos se empenharam em realizar todas as atividades propostas tanto dentro como fora da

---

<sup>7</sup> Japonês de Todos I

<sup>8</sup> Japonês de Todos II

sala de aula. Dessa maneira, foi possível coletar dados suficientes para análise de uma forma mais criteriosa e fiel.

## 2.4 Instrumentos de Coleta

Como explicado anteriormente, para esta pesquisa foi utilizada a metodologia da pesquisa-ação e, por isso, fez-se necessária a utilização de vários instrumentos de coleta para que a triangulação de dados pudesse ser realizada de forma mais fidedigna.

Os instrumentos utilizados para a coleta foram os seguintes:

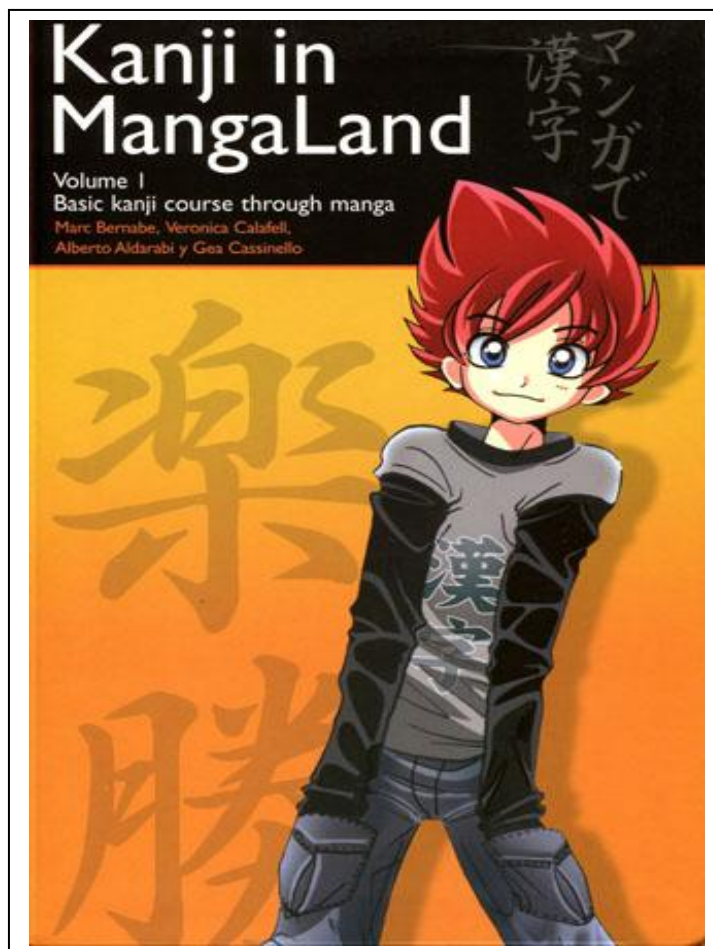
- Atividades de tradução de Mangá (realizadas em sala de aula e em casa) e discussões em grupo sobre as mesmas. (13 atividades)
- Pré-teste e pós-teste.
- Relatórios (relatórios individuais após cada atividade e relatório individual final em relação ao pré-teste e pós-teste).
- Dois questionários de sondagem (um no início e outro no final do mini-curso).

A seguir, serão descritos todos os instrumentos de forma mais detalhada:

### 2.4.1 Atividades dos Alunos

Os sujeitos realizaram 13 atividades de tradução de Mangá do tipo “*one-shot*”, ou histórias curtas, retiradas do livro “Kanji in Mangaland - Volume I” (imagem abaixo).

Figura 07 – Kanji in MangaLand



O livro é voltado para o ensino básico de kanji e, ao fim de cada lição, possui uma história de Mangá, totalizando 21 histórias. A escolha das histórias contidas nesse livro se deu, primeiramente, por ser material de posse do curso de extensão de japonês da UECE e, por muitas vezes, já ter sido utilizado nas aulas, sendo, portanto, de conhecimento tanto de professores quanto de alunos. A isso, pode-se acrescentar o fato de serem histórias adequadas ao nível linguístico dos alunos, ou seja, não possuem, por exemplo, expressões, termos ou estruturas gramaticais muito além do nível linguístico dos sujeitos. Ademais, são histórias que trazem uma linguagem original, uma vez que o livro em questão é uma publicação de *Japan Publications Trading Co.* (日本出版貿易), cujo objetivo é publicar e distribuir livros acadêmicos e didáticos, periódicos e materiais audiovisuais dentro e fora do Japão.

Abaixo, trazemos uma das histórias traduzidas pelos alunos durante o minicurso (atividade 11) para exemplificação:

Figura 08 – Exemplo de Atividade de Mangá<sup>9</sup>

Como observado, as histórias são curtas (de apenas uma página) e sua escolha foi feita baseada nas dificuldades de tradução apresentadas nos textos bem como no tempo hábil para a sua realização dentro do tempo previsto para as aulas.

#### 2.4.2 Pré-teste e Pós-teste

Outro instrumento de coleta do qual fizemos uso foi o pré e pós-teste aplicados aos sujeitos da pesquisa. Além das 13 histórias de Mangá traduzidas no decorrer do minicurso, outra foi escolhida e aplicada antes e depois das atividades para servir de parâmetro para medir se, de fato, houve alguma melhora na competência dos alunos no que concerne à tradução e suas escolhas durante o processo tradutório.

<sup>9</sup> As traduções das atividades de Mangá serão trabalhadas mais adiante no Capítulo 3 – Análise de Dados.



A utilização desse instrumento, a nosso ver, foi de grande valia, pois, ao iniciarem o minicurso, os participantes possuem uma determinada noção do que seja tradução e, no decorrer das aulas e das atividades desenvolvidas, essa noção é reconstruída para um conhecimento mais alicerçado em teorias e na prática da tradução, o que pode ser constatado com as possíveis escolhas feitas pelos sujeitos no pós-teste. A história de Mangá para constituir os testes foi a seguinte:

Figura 09 – Pré-teste / Pós-teste<sup>10</sup>



<sup>10</sup> Essa história será explanada com mais detalhes na análise do pré e pós-teste no Capítulo 3.

A escolha dessa história se deu pelo fato de apresentar certas possíveis dificuldades de tradução. Temos, por exemplo, a oração 宇宙船は羽を広げて[uchuusenwa hanewo hirogete], que, literalmente, significa “A nave espacial abriu suas penas”. Há também a frase 牛のように元気な人です[ushinoyouni genkina hitodesu] (Uma pessoa saudável como um boi) e a expressão がんばって[ganbatte] (lit.: esforce-se). Encontramos também na história o ジャンケンポン[jankenpon], expressão utilizada em japonês quando se quer decidir algo na sorte. Essas expressões, portanto, possuem seu grau de dificuldade por serem voltadas para o mundo cultural japonês e distantes do contexto brasileiro.

Pelo exposto acima, podemos observar que a história foi de bastante valia para a avaliação dos alunos no que se refere ao seu desenvolvimento durante o curso. Fomos capazes de analisar se houve uma melhora na questão de suas escolhas e como tais escolhas foram embasadas, levando à comparação os conhecimentos que os alunos possuíam no início do minicurso com o conhecimento adquirido no final, após a aquisição de elementos que envolveram a teoria e a prática tradutória.

### 2.4.3 Relatórios

Os relatórios produzidos pelos alunos perfizeram um total de 14, e, através deles, tivemos uma percepção de como os aprendizes tinham noção de seu ato tradutório bem como de seu próprio desenvolvimento durante o minicurso. Os relatórios foram produzidos da seguinte maneira: a cada aula os alunos faziam uma tradução de uma história de Mangá e, em seguida, a tradução era discutida em grupo. Os alunos comentavam sobre suas escolhas e como chegaram à solução de um determinado problema, tendo sempre em mente que sempre haverá mais de uma tradução possível. Em casa, os alunos faziam relatos escritos referentes àquela atividade realizada e discutida em aula.

Nos relatos foi-lhes pedido que abordassem os pontos relevantes da história em questão, os problemas e as soluções encontradas bem como quaisquer outros pontos relevantes que, em sua opinião, deveriam ser mencionados. Eles também produziram um relatório final a respeito do pré e pós-teste.

#### 2.4.4 Questionários

Durante o minicurso, foram aplicados dois questionários de sondagem, um no primeiro dia de aula, e outro no último. O objetivo do primeiro questionário (Apêndice A) foi de coletar informações a respeito dos participantes da pesquisa, suas experiências com tradução e a concepção a respeito do ato tradutório. Também foi questionado até que ponto os participantes tinham contato com o gênero textual Mangá que seria trabalhado durante as atividades de tradução, bem como a opinião deles em relação à questão linguística do idioma japonês e as possíveis dificuldades que ela poderia trazer para o ato tradutório.

O segundo questionário (Apêndice B) tratou de questões que envolvem o ato tradutório e o modo como o tradutor deveria se portar e analisar a tradução durante a sua realização. Esse questionário funcionou como um instrumento útil para captar a evolução dos sujeitos no transcorrer do minicurso e como a noção que eles possuíam no início sobre tradução foi modificada. Os alunos tiveram a oportunidade de expressar a sua opinião e dizer o que de relevante o minicurso de tradução de Mangá proporcionou a eles como aprendizes e usuários da língua japonesa.

#### 2.4.5 Plano de Curso

Nesta seção, trazemos o plano de curso que foi o norteador de todas as atividades realizadas durante o desenvolvimento do minicurso de Mangá. Nele, apresentamos, detalhadamente, o foco de cada aula, bem como os pontos abordados nas tarefas de tradução.

#### **Minicurso de Tradução de Mangá: Plano de Curso**

##### **1. Identificação**

**Período:** 2012.2 (Outubro e Novembro)

**Carga Horária:** 30h (24h presenciais e 06 não-presenciais). As 24h presenciais são divididas em 12 aulas (cada uma com duração de 2h), nas quais os alunos terão noções teóricas a respeito do gênero Mangá e de teorias de tradução. As 6 horas não-presenciais serão dedicadas às atividades de casa e à escrita dos relatórios.

**Nível do Curso:** Pré-intermediário.

**Público-alvo:** Alunos de língua japonesa que concluíram o curso básico de seis semestres de japonês no núcleo de línguas da UECE.

## **2. Ementa**

Trabalhar a tradução do gênero Mangá, com o qual a maioria dos aprendizes de língua japonesa tem grande familiaridade.

## **3. Objetivo Geral**

Propiciar o desenvolvimento da habilidade tradutória de aprendizes de nível básico de língua japonesa através da tradução do Mangá.

## **4. Objetivos Específicos**

- > Desenvolver, no aprendiz de nível básico de japonês, estratégias de tradução referentes ao gênero Mangá.
- > Ensinar os diferentes registros de linguagem do idioma japonês presentes no gênero Mangá.
- > Desenvolver a habilidade leitora dos aprendizes de língua japonesa.

## **5. Conteúdo-Base**

- Explicação sobre gênero textual;
- Gênero Textual “Mangá”, suas características, temáticas abordadas e linguagem utilizada nesse gênero;
- Conceitos sobre tradução (Fidelidade x Recriação);
- Onomatopeias;
- Tradução de Mangá no Brasil.

## **6. Procedimentos Didático-Pedagógicos**

Primeiramente será aplicado um questionário de sondagem e será realizado um pré-teste com uma história de Mangá retirada do livro “Kanji in Manga Land”. Durante o curso, serão explanadas teorias que abordem a questão do Gênero Mangá e Conceitos de tradução. Além disso, os alunos terão a parte prática na qual realizarão traduções de 13 histórias curtas também retiradas do livro supracitado. As histórias foram selecionadas pelo seu grau de dificuldade e possíveis obstáculos para o ato tradutório.

O curso seguirá o seguinte esquema:

**Aulas:**

**Aula 1 (09/10/2012)**

- a) Explicação do curso e de seus objetivos. (Será explicado também que, após cada atividade, os sujeitos deverão fazer um relatório em casa a respeito da atividade e da discussão da mesma em sala de aula).
- b) Aplicação do questionário de sondagem (questionário 1), que tem por objetivo averiguar o perfil do aluno, tentando entender o seu contato com o gênero Mangá bem como a sua experiência com o ato tradutório.
- c) Pré-teste: Atividade que verificará o modo como os tradutores-aprendizes (sujeitos) lidam com o processo de tradução, identificando as estratégias utilizadas pelos mesmos durante tal atividade (história 13).

**Aula 2 (11/10/2012)**

- a) Abordar conceitos de tradução (fidelidade x adaptação)
- b) **Atividade de tradução 1** (história 2). Essa atividade terá como objetivo trabalhar expressões convencionais da língua de partida, como “しまった” (shimatta).
- c) Discussão em grupo da tradução realizada por eles e de suas estratégias para a solução dos possíveis problemas da atividade de tradução 1.

**Aula 3 (16/10/2012)**

- a) Explicação sobre gênero e, em seguida, sobre o gênero Mangá e suas características.
- b) **Atividade de tradução 2** (história 4). Essa atividade tem por objetivo trabalhar a questão de expressões idiomáticas (というわけですか “toiu wake desu”) bem como expressões convencionais (さすが “sasuga”).
- c) Discussão em grupo da tradução realizada por eles e de suas estratégias para a solução dos possíveis problemas da atividade de tradução 2.

#### **Aula 4 (18/10/2012)**

- a) Abordar a questão da tradução de Mangá e como se dá essa atividade no contexto brasileiro.
- b) **Atividade de tradução 3** (história 5). Essa atividade tem por objetivo trabalhar com os alunos questões que envolvem jogos de palavras na língua estrangeira (大食い “oogurai”) e expressões convencionais (ひどい目を “hidoi me wo”).
- c) Discussão em grupo da tradução realizada por eles e de suas estratégias para a solução dos possíveis problemas da atividade de tradução 3.

#### **Aula 5 (23/10/2012)**

- a) Discussão de elementos presentes no ato tradutório (o jogo fonológico, a questão do humor, os elementos culturais e usuais da língua de partida, a questão da intraduzibilidade de palavras e a questão imagética do Mangá).
- b) **Atividade de tradução 4** (história 6). Trabalhar com os alunos questões culturais como 死神 “shinigami”.
- c) Discussão em grupo da tradução realizada por eles e de suas estratégias para a solução dos possíveis problemas da atividade de tradução 4.
- d) Atividade para casa: **Atividade de tradução 5** (história 17). Presença de expressão convencional da língua japonesa 耳はするどい “mimi wa surudoi”.

#### **Aula 6 (25/10/2012)**

- a) Abordar a questão das onomatopeias e sua importância no idioma japonês.
- b) **Atividade de tradução 6** (história 10). O objetivo da atividade é trabalhar

onomatopeia (だらだらを言う “daradara wo iu”).

c) Discussão em grupo da tradução realizada por eles e de suas estratégias para a solução dos possíveis problemas das atividades de tradução 5 e 6.

#### **Aula 7 (30/10/2012)**

a) Trabalhar a questão dos registros de linguagem utilizados na língua japonesa e sua importância para o ato tradutório.

b) **Atividade de tradução 7** (história 9). O objetivo é trabalhar o nível de linguagem informal.

c) Discussão em grupo da tradução realizada por eles e de suas estratégias para a solução dos possíveis problemas da atividade de tradução 7.

#### **Aula 8 (01/11/2012)**

a) Trabalhar com os alunos, através de exemplos, a questão da necessidade de se conhecer bem tanto a sua cultura como a cultura da língua fonte.

b) **Atividade de tradução 8** (história 14). Essa atividade tem por objetivos: 1) trabalhar a importância do conhecimento cultural. A história tem como pano de fundo a lenda da “kitsune” ou raposa; 2) Trabalhar o nível de linguagem honorífica presente no texto e sua importância para o ato tradutório.

c) Discussão em grupo da tradução realizada por eles e de suas estratégias para a solução dos possíveis problemas da atividade de tradução 8.

d) Atividade de casa: **Atividade de tradução 9** (história 19). O texto possui elemento usual da língua de partida, お姉ちゃんたち “oneechan-tachi”. O vocábulo “oneechan” significa irmã mais velha, mas seu significado pode variar em relação à situação de fala.

#### **Aula 09 (06/11/2012)**

a) Trabalhar com os alunos, através de exemplos, a questão da importância de conhecimento de mundo por parte do tradutor.

b) **Atividade de tradução 10** (história 15). Essa Atividade tem como objetivo

trabalhar a necessidade de conhecimento prévio (no caso, conhecer o personagem Sherlock Holmes) para a realização de uma tradução adequada.

c) Discussão em grupo da tradução realizada por eles e de suas estratégias para a solução dos possíveis problemas das atividades de tradução 9 e 10.

#### **Aula 10 (08/11/2012)**

a) Trabalhar com os alunos questões de termos que não possuem tradução direta do japonês.

b) **Atividade de tradução 11** (história 1). Trabalhar elementos culturais 鬼 “oni” e こたつ “kotatsu”.

c) Discussão em grupo da tradução realizada por eles e de suas estratégias para a solução dos possíveis problemas da atividade de tradução 11.

d) Atividade para casa 3: **Atividade de tradução 12** (história 3). Texto escolhido por trazer o vocábulo なんか “nanka”.

#### **Aula 11 (13/11/2012)**

a) Trabalhar com os alunos a questão da variação linguística e o regionalismo, algo muito presente na língua japonesa.

b) **Atividade de tradução 13** (história 7). Esse texto foi escolhido por: 1) Trazer variação linguística do japonês; 2) Trazer elemento cultural.

c) Discussão em grupo da tradução realizada por eles e de suas estratégias para a solução dos possíveis problemas das atividades de tradução 12 e 13.

#### **Aula 12 (20/11/2012)**

a) Aplicação do pós-teste (história 13): Tendo como base o pré-teste, usaremos a mesma atividade para o pós-teste. Esse fato se justifica não apenas para observarmos a possível evolução da tradução dos alunos do primeiro teste para o segundo, mas também objetiva-se verificar se houve uma melhoria por parte dos sujeitos (tradutores aprendizes) em relação às suas escolhas e capacidade crítica de tomadas de decisões durante o ato tradutório.



- b) Discussão em sala da atividade aplicada como pré-teste e pós-teste.
- c) Relatório final que diz respeito à visão dos alunos em relação ao próprio pré-teste.
- d) Aplicação do questionário 2: Esse questionário objetiva avaliar como se deu o desenvolvimento dos sujeitos durante o curso.

## **7. Avaliação**

A avaliação será feita através dos dados coletados a partir dos seguintes instrumentos:

- a) Atividades de traduções de Mangá realizadas em sala de aula e em casa e discussões em grupo sobre elas. (13 atividades)
- b) Pré-teste e pós-teste.
- c) Relatórios (Relatório individual após cada atividade e relatório individual final em relação ao pré-teste e pós-teste).
- d) 2 questionários (um no início e outro no final do minicurso).

## **8. Material**

O material utilizado nas atividades de tradução será composto de 21 histórias de Mangá, retiradas do livro “Kanji in Manga Land”. Tal escolha deve-se ao seguinte:

- 1) É um livro que pertence ao curso de língua japonesa da UECE e possui histórias curtas e originais que podem ser traduzidas por inteiro durante as aulas (tempo para a tradução dos alunos somado ao tempo para a discussão em grupo).
- 2) Histórias que se adequam ao nível de leitura dos alunos (nível 初級 “shokyû”, nível esse em que se encontram os alunos que terminaram o nível básico do curso de japonês da UECE).
- 3) Presença de linguagem 普通体 (futsuutai), ou linguagem informal, e de linguagem 丁寧語 (teineigo), ou linguagem polida. Na língua japonesa,

dependendo do contexto situacional de fala e com/sobre quem estamos falando, a linguagem muda (no campo morfológico e lexical). Tanto a linguagem informal como a polida são linguajares que alunos no nível “shokyû” já estudaram e, no contexto tradutório, eles serão forçados a atentar para tais linguagens durante o processo de tradução e sua adequação no contexto situacional.

### **9. Recursos**

Quadro branco, pincel, data show, *handouts*, computador.

Após a explicação do modo como foi conduzida a metodologia da presente pesquisa, seus instrumentos de coleta, bem como o minicurso de Mangá criado com o objetivo de coletar os dados, passaremos, no capítulo seguinte, para a análise do material coletado. Tendo em vista casar a teoria explanada no capítulo teórico com a prática realizada com os sujeitos no decorrer das aulas, objetivamos constatar se, de fato, a utilização de atividades de tradução de Mangá forneceu aos participantes da pesquisa a habilidade de lidar, de forma mais adequada, com o ato tradutório e como esse processo se deu.

## **CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE DADOS**

O presente capítulo sobre análise dos dados coletados no minicurso de Mangá está dividido em três partes. No primeiro momento, abordaremos o pré-teste e o pós-teste realizados no primeiro e no último dia de aula respectivamente. Teceremos uma análise global das traduções dos alunos ao mesmo tempo em que abordaremos aspectos relevantes desse instrumento de coleta. No segundo momento, das treze atividades de tradução trabalhadas com os sujeitos da pesquisa, analisaremos cinco em ordem cronológica, levando em consideração traduções dos sujeitos e seus respectivos relatórios. Por fim, traremos os dois questionários de avaliação que foram aplicados no início e no final do minicurso.

### **3.1 Comparação entre Pré-teste e Pós-teste**

Escolhemos a comparação entre o pré-teste e o pós-teste como um dos instrumentos para realizarmos a coleta de dados para análise porque intencionamos verificar se, de fato, houve evolução em termos de adequação das escolhas tradutórias dos alunos. Essa adequação leva em consideração os referentes apontados no capítulo teórico em relação à tradução de Mangá, sendo eles: sentido da leitura, citações, transliteração e adaptação de nomes próprios, onomatopeias, ditados e trocadilhos e gramática. Para a comparação dos dois testes, escolhemos cinco sujeitos para análise, pois consideramos esse um número representativo do grupo de alunos que fez parte da pesquisa. Para efeito de praticidade, colocaremos em anexo as traduções dos alunos na sequência em que forem sendo analisadas nesta seção.

A história de Mangá utilizada nos testes é sobre uma nave espacial construída por uma fábrica japonesa e que está prestes a ser lançada. Contudo, há um problema na escolha do piloto que a conduziria em sua missão a Marte, porque há uma disputa entre dois candidatos a essa vaga. Durante a história, podemos encontrar expressões que geram confusão entre os alunos, uma vez que ambas as línguas, japonesa e portuguesa, não possuem similaridades pragmáticas em diversas situações comunicativas, como no caso de “牛のように元気な人

[ushino youni genkina hito]” (saudável como um touro) e “宇宙船は羽を広げて [uchuusenwa hanewo hirogete]” (a nave espacial abre suas asas).

Abaixo trazemos a história de Mangá original explanada acima e utilizada nos testes e, em seguida, abordamos essas e outras expressões fazendo um paralelo com o que foi produzido pelos alunos nas próprias traduções e em seus relatos.

Figura 10 – Pré-teste e Pós-teste



O sujeito 1 (ver traduções nos anexos 3 e 4) escreveu o seguinte em relação aos testes:

*Uma das diferenças entre pré-teste e pós-teste foi a tradução de forma mecânica e literal, uma fala longa, utilizada no pré-teste que se tornou uma tradução fluida e mais agradável ao leitor, uma fala curta, no pós-teste, como no primeiro quadrinho, a fala “それから、日曜日の正午に、日本工場で作られた宇宙船は羽を広げて、火星へ出発する予定です。[sorekara, nichiyoubinoshougoni, nihonkoujoude tsukurareta uchuusenwa hanewo hirogete, kasei e shuppatsusuru yoteideu]” que no pré-teste traduzi como “Uma empresa japonesa que construiu um foguete tem planos de lançá-lo até marte nesse domingo ao meio-dia.” e que modifiquei no pós-teste para “Neste domingo ao meio-dia um foguete fabricado no Japão será enviado para marte.”*

*Outra diferença foi o uso de expressões da língua de chegada que transmitem a ideia das expressões da língua de origem, mesmo que não possuam a mesma sintaxe, como no quinto quadrinho, a fala “楽な選択じゃないね。じゃ、しょうがない。最終テストをさせるんだ！[rakuna sentakujanaine. Ja, shouganai. Saishuu tesutowo saserunda]” que no pré-teste fui mais literal e traduzi como “Não tem jeito, essa decisão não é fácil, vou passar o teste final para eles.” e que no pós-teste utilizei uma expressão idiomática para representar a ideia de “não tem jeito, temos que escolher logo”, então traduzi como “Então, para decidirmos isso de uma vez por todas, eles vão passar pelo teste final.*

*Uma última diferença foi a liberdade de modificação do texto da língua de origem para um texto que faça mais sentido ou passe mais uma questão cultural para fazer com que o leitor-alvo entenda melhor a graça ou a seriedade da situação, por exemplo, como no último quadrinho, a fala “がんばって！[ganbatte]” que no pré-teste fui mais fiel à língua de origem e traduzi como “Se esforcem!” mas no pós-teste eu tomei mais liberdade na tradução para deixar o cenário mais engraçado, então traduzi como “Vai! Vai! Vai! Apostas na mesa!. (sujeito 1)*

Pelo relato do sujeito 1, percebemos que ele teve consciência do progresso do seu fazer tradutório. Logo no início, como foi relatado, ele mudou a sentença “それから、日曜日の正午に、日本工場で作られた宇宙船は羽を広げて、火星へ出発する予定です [sorekara, nichiyoubinoshougoni, nihonkoujoude tsukurareta uchuusenwa hanewo hirogete, kasei e shuppatsusuru yoteideu]” de um teste para o outro com o intuito de se adequar mais ao público brasileiro, que leria o primeiro quadrinho de uma forma mais fluida. Isso demonstra um amadurecimento da sua percepção sobre a tradução e como seria um modo mais adequado de lidar com uma situação favorecendo o público da língua de chegada.

Interessante notar também que a expressão “牛のように元気な人 [ushino youni genkina hito]”, comentada no início desta seção como uma possível dificuldade para o tradutor aprendiz, foi adaptada pelo sujeito, uma vez que ele reorganizou essa sentença de modo que ela transmitisse a mensagem sem ter que se voltar para uma tradução literal, que no caso soaria estranho para um falante de língua portuguesa. Essa decisão de adaptar é

observada tanto no pré-teste como no pós-teste, remetendo a uma questão bastante trabalhada em sala sobre a fidelidade linguística ao texto original.

Outra questão bastante relevante encontrada no texto é a expressão “がんばって [ganbatte]”. Ela é utilizada muito pelos japoneses quando eles querem incentivar o interlocutor a ter ânimo para realizar alguma tarefa, dando o melhor de si e não desistindo. Dessa forma, no texto, essa expressão é utilizada pelas pessoas ao redor quando os dois candidatos a piloto da nave espacial estão disputando, em uma brincadeira tipicamente japonesa, quem será o escolhido. No primeiro teste, o sujeito 1 acabou sendo literal à expressão e a traduziu como “se esforcem!”. Contudo, esse tipo de frase não é utilizado no contexto da língua portuguesa quando pessoas estão na torcida por alguém. Dessa forma, ele tomou consciência desse fato e, na segunda tradução, resolveu traduzir “ganbatte” por “Vai! Vai! Vai! Apostas na mesa!”, expressão bem mais natural para o contexto de fala de um falante brasileiro em dada situação.

Por fim, citamos a brincadeira que é o foco da disputa dos dois pilotos. No último quadrinho eles jogam o “ジャンケンポン” [jankenpon]”, que seria o equivalente ao jogo brasileiro “pedra, papel e tesoura”. Na verdade, a maioria dos sujeitos decidiu traduzir essa expressão pelo nome brasileiro, demonstrando que, de fato, o tradutor precisa ter um conhecimento extralinguístico, como abordado por Albir (2005), para lidar com fatores, por exemplo, de ordem cultural e que façam a tarefa tradutória fluir com mais facilidade.

Todavia, alguns alunos demonstraram uma variação de amadurecimento em relação ao ato tradutório. Alguns tiveram um desenvolvimento de percepção em certo grau maior ou menor, e isso, obviamente, se dá pelo fato de que cada um tem o seu próprio ritmo de aprendizagem e assimilação, como podemos observar pelo relato do sujeito 2 abaixo:

*No início do curso de Mangá foi proposta a tradução de uma história de uma única página. Ao Final do curso esta tradução foi novamente proposta e foi possível notar uma leve variação nas traduções.*

*Inicialmente pôde-se atentar para o fato de que o aluno não conhecia o método de leitura de Mangás, de modo que iniciou sua primeira tradução lendo o texto na direção oposta à correta. Após algum tempo de confusão e questionamento o aluno foi instruído corretamente e iniciou a leitura e tradução. Este fato mostra que a tradução pode requerer elementos culturais totalmente inesperados que podem inviabilizar totalmente o processo de tradução em um primeiro momento. O contato*

*e a experiência com a mídia tornam absolutamente impossível a recorrência deste erro, de modo que este não foi cometido novamente em qualquer outra tradução.*

*Pode-se notar também que a tradução procedeu de modo mais rápido e fluido, dada a familiarização do aluno com a língua durante o treinamento de tradução proporcionado pelo curso. Este fator é proveniente, tanto da agilidade adquirida na pesquisa de palavras e kanji desconhecidos, como da afinidade com expressões e métodos de linguagem.*

*No que diz respeito à tradução propriamente dita, pôde-se notar que o aluno mostrou uma tendência a manter a fidelidade na segunda tradução. Isto se deu, provavelmente, ao fato de uma conscientização com relação à mensagem passada. Nesta segunda tradução, houve uma preocupação maior em “acostumar” o leitor com a linguagem original do texto, mantendo algumas características do escritor original. Em contraste, a primeira tradução havia sido, em geral mais desleixada, particularizando a mensagem ao ponto de vista do tradutor.*

*No primeiro balão, pôde-se notar menos preocupação com o significado da frase na primeira tradução, ao passo que, na segunda, optou-se por manter certa fidelidade. Os balões da segunda linha mantiveram-se praticamente inalterados, salvo algumas palavras isoladas.*

*No primeiro balão da terceira linha, observa-se novamente a tentativa por manter a fidelidade na segunda tradução. No segundo parágrafo desta linha, embora não haja grande diferença no texto, houve uma maior ponderação com relação ao seu conteúdo durante a segunda tradução, por se tratar de um balão que contém o clímax da história. Devido às discussões com outros alunos durante o curso, desenvolveu-se um maior cuidado com este tipo de efeito. O objetivo da segunda tradução passou a ser o de manter a atratividade da história, a pós identificá-la.*

*Por fim, a questão da tradução do “jo-ken-pô” ainda se mostrou difícil, culminando em uma tradução diferente da feita anteriormente, mas que ainda assim não se mostrou satisfatória. Provavelmente esta questão seria mais bem solucionada após uma observação da satisfação do público alvo com as diferentes abordagens de traduções semelhantes. É importante ver que, na primeira tradução o aluno havia expressado maior satisfação com a expressão que substituiu o termo “jo-ken-pô”, ao passo que após o curso, despertou-se um sentimento de inquietação e de necessidade de uma melhor representação desta situação ao leitor que compartilha a cultura local. (sujeito 2)*

Através do relato escrito em terceira pessoa pelo sujeito 2 (ver traduções nos anexos 5 e 6), que foi bastante extenso e válido, podemos notar que houve uma evolução em alguns pontos quando ele menciona “[...]a tradução pode requerer elementos culturais totalmente inesperados que podem inviabilizar totalmente o processo de tradução em um primeiro momento[...]”. Assim como o primeiro sujeito, o sujeito 2 criou uma consciência de que elementos extralinguísticos podem influenciar o ato tradutório. No pré-teste ele traduziu “ジャンケンポン [jankenpon]” por “pedra, papel e tesoura”, assim como o sujeito 1 e a maioria dos outros. Entretanto, no pós-teste ele decidiu modificar e traduziu essa brincadeira como “Par ou Ímpar”. Como ele mesmo relatou “*após o curso, despertou-se um sentimento de inquietação e de necessidade de uma melhor representação desta situação ao leitor que compartilha a cultura local*”, temos a clara certeza de que essa “inquietação” relaciona-se

com o fato de ele se tornar mais crítico em relação a sua própria tradução, demonstrando pois, que também para ele houve uma mudança de paradigmas em relação ao ato tradutório. Para o aluno, a insatisfação e a tentativa de representar melhor o “jankenpon” deve-se também à sua preocupação com o público alvo, como foi salientado pelo próprio sujeito.

Em relação à expressão “がんばって [ganbatte]”, que já foi explanada, o aluno, em sua primeira tradução, traduziu-a como “vamos lá” e na segunda como “melhor de três”, provavelmente para reforçar o jogo de “par ou ímpar”. O fato de ele ter desprezado o significado japonês da expressão significa que ele, realmente, decidiu trocar um aspecto da cultura de origem por um modo de expressão comum aos brasileiros, reforçando, assim, a sua ideia de ter o leitor-alvo como foco.

Outro ponto abordado pelo sujeito 2 foi o de que “*a tradução procedeu de modo mais rápido e fluido, dada a familiarização do aluno com a língua durante o treinamento de tradução proporcionado pelo curso*”. Isso sustenta a relevância do curso e seu papel de fornecer ao aluno ferramentas e conhecimentos para lidar melhor com a tarefa tradutória. O sujeito continua relatando que “*este fator é proveniente, tanto da agilidade adquirida na pesquisa de palavras e kanji desconhecidos como da afinidade com expressões e métodos de linguagem*”. A questão abordada por ele sobre “agilidade adquirida na pesquisa” adéqua-se à subcompetência instrumental descrita por Albir (2005), a qual é necessária para o tradutor, uma vez que este adquire conhecimento de cunho operacional que se aplica a pesquisas necessárias para se realizar a tradução. Além do mais, o fato de ele mencionar a questão do kanji remete à particularidade do japonês, que, como visto na seção sobre língua japonesa, necessita que o aluno tenha um conhecimento amplo também sobre a escrita, sobretudo o kanji. Dessa forma, saber utilizar um dicionário de kanji ou mesmo um dicionário eletrônico<sup>11</sup> é de importância imprescindível para quem trabalha com tradução de textos em japonês.

Todavia, o sujeito em questão relata em um dado momento o seguinte: “*No que diz respeito à tradução propriamente dita, pôde-se notar que o aluno mostrou uma tendência a manter a fidelidade na segunda tradução*”. Percebemos isso na expressão “牛のように元気な人 [ushino youni genkina hito]”. Na primeira tradução, o aluno a traduziu como “*fortes*

---

<sup>11</sup> Dicionário Eletrônico é um dispositivo bastante utilizado por aprendizes de línguas em geral, mas que no Japão é de uso comum de todos os estudantes. Sua popularidade tem crescido também entre os aprendizes brasileiros nos últimos anos.



*como um touro*” e acrescentou “*excepcionalmente saudáveis*” para complementar. Já na segunda tradução, ele preferiu traduzir apenas como “*saúde de um touro*”. Esse fato demonstra que o aluno preferiu ficar mais próximo do japonês na segunda tradução, aproximando mais o seu leitor de aspectos culturais do Japão, mostrando o estrangeiro ao invés de procurar algo parecido no contexto brasileiro.

A perspectiva que temos após a análise do sujeito 2 é que, de fato, houve uma progressão, mas como já mencionado em um momento anterior, esse aprimoramento depende do aluno e demanda tempo e exercício da atividade tradutória para que crenças, ideais e opiniões já enraizados a respeito do ato tradutório, principalmente no que diz respeito à fidelidade na tradução, deixem de ser algo tão presente na consciência tradutória do tradutor-aprendiz.

Um último ponto desse relatório que chama a atenção é o fato de o sujeito, logo no início, atentar para o fato “*de que o aluno não conhecia o método de leitura de Mangás, de modo que iniciou sua primeira tradução lendo o texto na direção oposta à correta*”. Isso demonstra como é importante que o tradutor esteja familiarizado com o gênero textual com o qual vai trabalhar. Sendo assim, o minicurso, com certeza, auxiliou o sujeito no cumprimento de sua tarefa, pois ele afirma em seguida que “*após algum tempo de confusão e questionamento o aluno foi instruído corretamente e iniciou a leitura e tradução*”, demonstrando a importância de uma educação pedagógica que guie os aprendizes, especialmente em seus primeiros passos, na tarefa tradutória.

O relatório do sujeito 3 (ver traduções nos anexos 7 e 8) e de suas traduções dos testes, também podemos ter uma visão de como o desenvolvimento da Competência Tradutória deu-se de uma forma geral com todo o grupo. Segue o relato desse sujeito:

*O que mais melhorou durante o curso foi a capacidade de tornar o texto mais próximo da realidade do leitor para o qual o texto será direcionado, e também no ato da tradução, tornando o texto mais natural, sem a necessidade de traduzir ele [sic] ao pé da letra, o que visivelmente deixa o texto muito mecânico. Por exemplo, no primeiro texto, da primeira vez na parte "ushi noyouni genkina hito desu", eu traduzi como "suportam qualquer coisa", na segunda traduzi como "tem uma saúde de ferro".*

*Na parte "junbigadekimashitaga", da primeira vez traduzi como "os preparativos já estão prontos, mas..." já na segunda vez eu traduzi como "está quase tudo pronto,mas..."*

*Acho que essas mudanças mostram que o texto ficou mais natural e mais próximo do nosso modo de falar e expressar. (sujeito 3)*

Do mesmo modo como foi percebido através da análise dos relatórios e traduções dos dois sujeitos anteriores, o sujeito 3 demonstra também um aprimoramento de suas ideias em relação à concepção de tradução. Como observamos na construção "牛のように元気な人 [ushino youni genkina hito]", o sujeito, no primeiro teste, traduziu como "suportam qualquer coisa" e na segunda tradução ele resolveu adaptar para a expressão utilizada comumente em português para o mesmo contexto que é "tem uma saúde de ferro". No relatório o próprio sujeito aborda essa questão e relata que a mudança foi com a intenção de tornar o texto mais natural. Na realidade, ambas as escolhas são adequadas para a situação, pois transmitem o sentido semântico da expressão. Contudo, é interessante notar a preocupação do sujeito em melhorar a sua prática tradutória, levando em consideração na segunda tradução outros fatores como a questão de fazer o seu texto soar mais "próximo do nosso modo de falar e expressar" como ele mesmo escreve.

Com relação à expressão "ジャンケンポン [jankenpon]", o sujeito 3 teve a mesma atitude do sujeito 2, ou seja, na primeira tradução ele traduziu como "pedra, papel ou tesoura", e na segunda, sua preferência foi por "par ou ímpar". Apesar de não ter relatado por escrito em seu relatório, durante a discussão em sala sobre os testes, ele observou que tal escolha havia sido feita exatamente por achar que a segunda expressão é mais comum para o contexto dos brasileiros e ainda acrescentou dizendo que, dessa forma, a tradução estaria mais perto dos leitores da língua-alvo, mostrando uma preocupação maior, assim, com uma leitura mais fluida para o entendimento do seu público.

Importante notar que os sujeitos, de uma maneira ou outra, preocupam-se com o seu fazer tradutório e pensam em suas traduções não somente no sentido de estar traduzindo a ideia do texto, mas também no modo como os leitores possam se sentir ao fazer a leitura do Mangá traduzido. Para finalizar esta subseção, trago o relato dos sujeitos 4 e 5. O sujeito 4 (ver traduções nos anexos 9 e 10) disse o seguinte sobre os dois testes:

- Inicialmente, fiz uma leitura dinâmica e tentei recordar a história;
- Fiz muitas mudanças em quase todos os quadrinhos, tirando do sentido literal e colocando de outra forma, para que ficasse mais espontâneo e fluido;
- Da primeira tradução para essa, o texto mudou, pois preferi não preservar a fidelidade, mas o contexto e a adequação de uma linguagem mais informal e contextualizada;

- *Acredito que da primeira vez, traduzi o terceiro quadrinho errado, tendo outro sentido no pós-teste;*
- *Primeiramente, o objetivo era conseguir traduzir, agora foi de fazer da maneira mais adaptada e atrativa para o leitor, o que modificou a forma de construção textual da tradução. (sujeito 4)*

Novamente temos um relato que reforça o que já analisamos com os sujeitos anteriores. O sujeito 4 não menciona nenhum exemplo, mas pela comparação de seus testes podemos notar que, de fato, o que ele relata é refletido em suas traduções. Na parte que encontramos no texto original “両方とも天才で牛のように元気な人です [ryouhoutomo tensaide ushino youni genkina hito desu]”, o sujeito traduziu no pré-teste como “Ambos são inteligentes e parecem saudáveis como touros”, já no segundo teste, esse texto foi traduzido como “Todos os dois são extremamente fortes e inteligentes”. Aqui temos uma mudança que torna o texto mais natural. Primeiramente pela reconstrução de “saudáveis como touros”, expressão não utilizada por falantes do português; além disso, a mudança de “ambos” para “todos os dois” acaba por se tornar uma tentativa de tornar a expressão mais natural para o contexto, uma vez que se adéqua à situação e ao tipo de história abordada na tradução, levando em conta também o público-alvo, que, dependendo da formação linguística, pode ainda não estar muito familiarizado com a palavra “ambos”.

Outro ponto interessante das traduções do sujeito 4 é que, no primeiro quadrinho, quando há a notícia pela televisão de que a nave espacial será lançada, o texto foi traduzido iniciando-se por “Atenção!” no pré-teste e “Últimas notícias!” no pós-teste. Em ambos os textos, foi utilizada a estratégia da explicitação em relação ao texto original, indicando que o tradutor-aprendiz achou interessante acrescentar esses elementos textuais para fornecer ao leitor uma ideia mais impactante sobre a importância da notícia, enfatizando o modo como ela seria transmitida em um contexto brasileiro.

O sujeito 5 (ver traduções nos anexos 11 e 12) fez seu relato sobre os testes de forma similar aos anteriores. Isso, mais uma vez, reforça o progresso da CT sentido pelo grupo de aprendizes de forma geral. Abaixo, trazemos o seu relato:

- *Não houve nenhuma parte difícil com relação à gramática.*
- *Foi necessária pesquisa de vocabulário.*
- *Traduzindo pela segunda vez foi possível perceber erros cometidos anteriormente e, então, corrigi-los. Ter procurado evitar a tradução literal e buscado fluidez do texto e história através da adaptação, embora ainda não completamente bem*

*sucedida, pode ser considerado amadurecimento proporcionado pelos ensinamentos e prática.*  
 - *Ainda há dificuldade em adaptar e contextualizar fatores muito ligados à cultura e peculiaridades da língua, constantemente presentes no quadrinho japonês. (sujeito 5)*

Notamos que o sujeito retoma vários pontos já apontados pelos seus colegas e discutidos anteriormente. No seu relato, ele não menciona os exemplos de erros que diz ter cometido, mas pela análise de suas traduções percebemos esses equívocos. No primeiro balão do pré-teste, “日本工場 [nihonkoujou]” foi traduzido como “fábrica Japão”, pois o sujeito considerou que Japão seria o nome próprio. Todavia, pela segunda tradução, na qual a mesma expressão foi traduzida por “fábrica japonesa”, percebemos que houve um maior cuidado por parte do tradutor aprendiz em buscar o real significado da junção das palavras em kanji 日本 [nihon] +工場[koujou], que estaria, simplesmente, referindo-se a uma fábrica japonesa não específica. Em relação ao “両方とも天才で牛のように元気な人です [ryouhoutomo tensaide ushino youni genkina hito desu]”, as duas traduções foram as seguintes: no pré-teste: “ambos são muito inteligentes e extremamente saudáveis”, e no pós-teste: “os dois são geniais e muito saudáveis”. Percebemos que não há muita diferença entre as duas traduções, a não ser a mesma questão tratada anteriormente sobre “ambos”, que, no segundo momento, o sujeito 5 também decidiu, assim como o sujeito 4, em traduzir por “os dois”, tornando o texto mais natural para um público mais abrangente. Em relação à metáfora japonesa “saudável como um touro” [ushino youni genki], em ambas as traduções ela foi adaptada e apenas o seu sentido foi recriado, não sendo utilizada nenhuma metáfora equivalente em português. Esse fato marca a presença do tradutor e sua decisão de ser mais fluido com seu público.

No relato do sujeito 5, assim como em todos os outros anteriores, encontramos sempre o desejo dos tradutores aprendizes em tornar a tradução mais fluida e natural para o público da língua de chegada. Esse fato corrobora as questões metodológicas abordadas por Albir (1999) quando diz que, para a capacitação do aprendiz no exercício tradutório, é necessário *encadear, constantemente, através das tarefas, uma metodologia viva, na qual o aluno não só aprende fazendo e capta princípios, como também aprende a resolver problemas e adquire estratégias* (ALBIR, 1999).

No geral, foi percebido que, através dos pré-testes em comparação aos pós-testes, houve uma melhora significativa das traduções em relação a questões mais amplas que, no

primeiro momento, os alunos ainda não possuíam conhecimento. Dos catorze sujeitos, mesmo aqueles que nos afirmaram já ter tido contato prévio com a tradução tiveram uma melhora significativa e evidente pela avaliação dos testes. Por esse fato, conclui-se que a proposta do minicurso foi fornecer, como abordado anteriormente, ferramentas e estratégias para que, através da prática, os alunos conseguissem alcançar um aprimoramento referente ao seu domínio das questões relativas à tradução. Esse fato ficou evidente através desse instrumento de coleta cujos dados foram avaliados e considerados de relevância significativa.

### **3.2 Atividade dos alunos e relatórios correspondentes**

Nesta seção, das treze traduções de histórias de Mangá realizadas pelos alunos no decorrer do minicurso, escolhemos, por questão de adequação à estrutura desse trabalho, analisar cinco, que representam, de forma relevante, alguns dos principais problemas encontrados pelos tradutores-aprendizes. Elas se encontram na ordem trabalhada, sendo as atividades três, cinco, oito, onze e treze. Ademais, compararemos as traduções com os relatórios desenvolvidos pelos sujeitos para termos a noção de como foi o seu caminhar durante as aulas e como se deu o desenvolvimento de sua competência tradutória através da assimilação dos mecanismos tradutórios. Escolhemos três sujeitos para avaliação em cada uma das cinco atividades, não sendo esses sujeitos, necessariamente, os mesmos para todas as análises. Do mesmo modo como ocorreu na comparação do pré e pós-teste, a escolha dos sujeitos na análise das atividades foi feita por, em nosso entender, ser um número adequado e representativo das ideias e discussões feitas pelo grupo como um todo. No anexo 28, trazemos todas as histórias originais em japonês trabalhadas no minicurso.

A primeira história a ser analisada foi aplicada no quarto dia de aula após os alunos já terem realizado e discutido outras duas atividades nas aulas anteriores. A história é a respeito de um cachorrinho perdido que é encontrado por uma garota que, sentindo pena dele, resolve adotá-lo. No final, ela percebe uma característica de bastante destaque do animal, a gula. Essa história foi selecionada por trazer, primeiramente, um jogo de palavras que envolve o nome do cachorrinho perdido 大食らい [oogurai]. O primeiro kanji 大[oo] representa a ideia de “grande”, e o segundo “食” [gu-rai] repassa o sentido de “comer”. Dessa forma, a garota, a princípio, fica sem saber o porquê daquele nome quando o lê na coleira, só vindo a entendê-lo no último quadrinho quando ela o observa devorar a ração.

Além desse ponto, podemos encontrar na história uma expressão convencional (TAGNIN, 1989) quando, no quarto quadrinho, a garota fala “どうしてこんなひどい目を [doushite konna hidoime wo]”. Na realidade, como foi abordado na parte teórica sobre a língua japonesa, dependendo da clareza do contexto, partes da oração podem ser retiradas. Esse fato ocorre na sentença acima, uma vez que o verbo está omitido e é entendido pela situação. A convencionalidade aparece na expressão “ひどい目 [hidoi me]”, na qual, literalmente, “ひどい [hidoi]” é um adjetivo que significa “terrível” ou “cruel”, e “目 [me]”, “olho”. Entretanto, não podemos traduzir a oração utilizando esse significado, uma vez que o cachorrinho não possui olhos cruéis, pelo contrário. Na realidade, a expressão “ひどい目 [hidoi me]” é utilizada quando alguém passa por uma experiência terrível. Abaixo trazemos a história em questão e, em seguida, analisaremos a tradução dos alunos:

Figura 11 – Atividade 3



A respeito de sua tradução, o sujeito 1 relata:

*Assim como na atividade anterior, esta história não pôde ser completamente entendida sem que o texto fosse efetivamente lido. Isto se dá ao fato de que o nome do cachorrinho é confundido com o adjetivo atribuído a ele, tornando a situação de fato engraçada. A tradução também foi dificultada por expressões, frases e kanjis menos comuns ao tradutor. Em adição, a protagonista utiliza uma estrutura específica de texto (decorrente do contexto casual e do fato de esta ser do sexo feminino) que dificulta a tradução por ser um pouco estranha ao tradutor.*

*Ao que parece a história se inicia com uma expressão típica que não possui sentido completamente definido na língua portuguesa. Aparentemente o excesso de recursos ao descrever esta situação é intencional, objetivando uma quebra de formalidade no balão seguinte. Assim, “[...] 太陽が火のように赤くなった時...[taiyouga hinoyouni akaku nattatoki]” foi traduzido como “[...] no momento em que o astro rei se tornava vermelho como fogo...”. A tradução do segundo balão do primeiro quadro representou certo grau de dificuldade, devendo possuir um nível de quebra de padrão que não foi atingido pelo tradutor. A tradução para “え... つまり、夕方でした[e..tsumari, yuugataadeshita].” foi “Éé... B-bom... Era fim de tarde.”.*

*No terceiro quadro, embora o termo “ どうしてこんなひどい目を...[doushite konna hidoime wo...]” não se refira a pessoas, a tradução “Como puderam fazer algo tão cruel...” mostrou-se mais apropriada para a indagação da protagonista.*

*A fim de manter certo grau de fidelidade ao texto e proporcionar uma confusão com o nome do cachorro, o termo “大食らいです[oogurai desu]” foi traduzido como “Este é guloso”. Desta forma a confusão da personagem torna-se possível, mesmo com a tradução.*

*Embora o verbo “飼う” (sétimo quadro) possa significar alimentar, fazendo referência ao quadro seguinte, pareceu mais adequado na tradução transmitir o ato da adoção do cachorro ao invés de simplesmente chamar o quadro seguinte, logo, a tradução dada para este verbo foi “cuidar”. (sujeito 1)*

Pelo relato do sujeito 1 (ver tradução no anexo 13), que, se comparado aos dos outros sujeitos, foi bem longo e detalhado, percebemos que ele se preocupa com a própria tradução e se ela atingiu o seu propósito. Percebemos isso logo no início, quando ele fala que precisou ler todo o texto para que este fosse compreendido. Como Albir (1999) profere em seu trabalho, atividades de tradução fazem com que o tradutor em formação aprenda a resolver problemas e adquirir estratégias, sendo a leitura completa do texto, antes de sua tradução, bastante importante para o desenvolvimento da atividade. Ele menciona que já havia feito isso na atividade anterior, o que nos faz concluir que essa estratégia foi adquirida, provavelmente, durante a realização das atividades anteriores, reforçando a ideia de Albir que a prática, através de tarefas, encadeia uma metodologia viva, fazendo com que o aluno capte princípios.

Outro ponto interessante é quando o sujeito 1 relata “*A tradução do segundo balão do primeiro quadro representou certo grau de dificuldade, devendo possuir um nível de quebra de padrão que não foi atingido pelo tradutor*”. Aqui encontramos o que Albir (1999) considera um ponto importante na formação do tradutor, que é a questão do sujeito aprender a se autoavaliar. Através de suas palavras, notamos que o sujeito não ficou satisfeito com o fato de não ter alcançado a tradução que gostaria para a frase “え...つまり、夕方でした [e..tsumari, yuugatadeshita]”, quando a traduziu como “Éé... B-bom... Era fim de tarde”. Na realidade, com um pouco mais de pesquisa, ele poderia ter descoberto que o termo “tsumari” pode ser traduzido como “em outras palavras”. Entretanto, o fato de o sujeito fazer uma autocrítica, já demonstra que ele está descobrindo suas próprias estratégias para lidar com a tarefa da tradução.

Em relação à expressão “どうしてこんなひどい目を [doushite konna hidoime wo]”, o sujeito 1 decidiu traduzi-la por “*Como puderam fazer algo tão cruel...*”, demonstrando que, em sua concepção, a tradução não ficou presa à questão linguística, mas à questão do significado transmitido pela imagem. Dessa maneira, acreditamos que a sua escolha foi bem apropriada para o contexto, pois a ideia de sofrimento do cachorro foi repassada na tradução. Por outro lado, ele traduziu o nome do animal “大食らいです [oogurai desu]” como “este é guloso”. De fato, essa escolha faz com que a piada, que só é revelada no último quadrinho, perca, de certa forma, a graça. Notamos que não houve um trabalho mais apurado para a escolha do nome, diferentemente de outros sujeitos que decidiram ser mais cautelosos com o nome do cachorro a fim de que o humor fosse revelado apenas no final. Desses outros sujeitos, podemos citar um que decidiu traduzir o nome por “papão”, revelando uma maior atenção com relação ao objetivo da história, que é de criar humor no final.

No último parágrafo do seu relatório, o sujeito 1 considera o verbo 飼う [kau] como tendo o sentido de “alimentar”, mas, pela questão da imagem, decide traduzi-lo como “cuidar”. Na realidade, as palavras na língua japonesa, assim como na língua portuguesa, podem possuir vários significados, forçando o tradutor a ter cuidado redobrado com a questão polissêmica no momento em que for buscar a tradução de um vocábulo. O verbo 飼う [kau] pode ter esse significado, mas também transmite a ideia de “criar (animal)”, sentido esse mais adequado para o contexto da história. Dessa maneira, constatamos que houve um pouco de



confusão ou mesmo imperícia do sujeito na hora de buscar o significado mais adequado para o vocábulo em questão.

A seguir, traremos o relato do sujeito 2 e analisaremos sua tradução (ver tradução no anexo 14):

*No primeiro quadrinho traduzi a fala “ある土曜日、太陽が火のように赤くなった時・・・[arudoyoubi, taiyouga hinoyouni akakunattatoki]” para “Em um sábado, quando o sol parecia vermelho...” porque parece algo mais sério, que aconteceu uma tragédia ou um apocalipse zumbi, mas que vai passar o sentido de humor quando for lida a próxima fala “え・・・つまり、夕方でした。[e...tsumari, yuugata deshita]” que traduzi como “Bem, na verdade, era no entardecer.” o que vai quebrar o clima sério da primeira frase.*

*No quinto quadrinho traduzi a fala “ん？このラベルは？[n? kono raberuwa?]” para “O que tem escrito na sua coleira?” porque passa a ideia da fala de uma forma mais natural em português.*

*No sexto quadrinho traduzi o nome “大食らいです[oogurai desu]” para “Comilão” porque se encaixa na história de forma perfeita.*

*No sétimo quadrinho traduzi a fala “かわいい～！もう大丈夫！[kawaii～! Mou daijoubu]” para “Que fofinho!” que passa um fluxo mais natural com a frase seguinte “これからあたしが飼ってあげるわ！[korekara arashiga katte ageruwa!]” que traduzi como “Eu vou cuidar de você!”, por isso resolvi ignorar a parte “もう大丈夫！[mou daijoubu]”.*

*No último quadrinho traduzi a fala “小さくても、本当に「大食らい」だわ！[chiisakutemo, hontouni 「oogurai」dawa]” para “É pequeno, mas é mesmo um (Comilão)!” porque achei que ficava mais natural que “Mesmo que seja pequeno, na verdade é um (Comilão)!” Na tradução da fala “やっぱり、あの名前はヒントだったわね・・・[yappari, ano namaewa hinto dattawane...]” eu coloquei inicialmente “Na verdade, aquele nome era uma dica...”, mas achei que soou um pouco estranho, que a palavra “dica” não se encaixava ali, então mudei para “Na verdade, aquele nome era uma pista da verdade...”, o que também soou estranho ter duas palavras “verdade” na mesma frase, então resolvi tirar a parte “da verdade” e deixei a frase assim “Na verdade, aquele nome era uma pista...”, o que pra mim melhorou a compreensão da frase. (sujeito 2)*

Percebemos que a subcompetência estratégica do sujeito, como descrita por Albir (2005), foi ativada durante a tradução. Logo no início de seu relato, ele fala sobre o texto do primeiro balão descrevendo a frase “太陽が火のように赤くなった時...[taiyouga hinoyouni akaku nattatoki]” e depois a frase seguinte “え・・・つまり、夕方でした。[e...tsumari, yuugata deshita]”. Diferentemente do primeiro sujeito, o sujeito 2 fez uma ligação entre ambas as frases, percebendo que a primeira tinha uma carga mais poética, enquanto a segunda tinha a intenção de quebrar esse efeito e trazer o texto para a linguagem comum. Entendemos que esse conhecimento operacional fez com que o sujeito tenha tido a capacidade de reconhecer esse efeito na história e então passá-lo para a tradução no português.

Em relação ao nome do cachorro, o sujeito 2 o traduziu como “comilão”. Apesar de em seu relatório ele afirmar que o nome se encaixa na história perfeitamente, percebemos que “comilão” não seria a escolha mais adequada se o propósito do seu uso fosse gerar confusão no falante brasileiro até a leitura da parte final da história. Possivelmente, ele poderia ter utilizado outro vocábulo para que essa palavra cumprisse com mais efeito a sua intenção.

A expressão convencional “どうしてこんなひどい目を...[doushite konna hidoime wo...]”, apesar de não ser contemplada no relatório, foi traduzida como “porque fizeram esse tipo de crueldade...?”. Do mesmo modo do sujeito anterior, o sujeito 1 traduziu a expressão de forma que ela transmitisse a ideia de sofrimento do animal, sendo bastante apropriada para o contexto apoiado pela própria imagem. Em relação ao verbo 飼う [kau], o sujeito 1 também decidiu traduzi-lo como “cuidar”, o que de fato se encaixa perfeitamente no contexto onde ele aparece.

A próxima tradução analisada é do sujeito 3 (ver tradução no anexo 15). Em seu relatório ele diz o seguinte:

*Na primeira tira ela fala: "太陽が火のように赤くなったとき [tayouga hinoyouni akakunatta toki]" eu traduzi como: "O sol estava vermelho como fogo". Achei melhor não traduzir ao pé da letra, pois na minha opinião seria desnecessário usar a expressão "quando sol se tornou vermelho como fogo".*

*Depois essas pequenas expressões como: "あら[ara]" eu traduzi como: "nossa". "あつ!" [a!], eu traduzi como "meu deus!". Eu traduzi de acordo com o que eu achava que para nós se encaixaria melhor pela situação que ela se encontra em cada quadrinho. Nessas expressões eu prefiro chegar a não ser tão fiel e tentar repassar o sentimento do quadrinho.*

*Depois disso só o nome do cachorro que traduzi como "guloso". Por ter lido a história completa e tentei encaixar o nome dele já com o último quadrinho, porque para nós independente de expressar mais abertamente ou não a questão da gula do cachorro, não se tornaria prejudicial na minha visão. (sujeito 3)*

Na mesma questão abordada pelos sujeitos anteriores sobre a frase “太陽が火のように赤くなった時 [taiyouga hinoyouni akaku nattatoki]”, o sujeito 3 resolve traduzi-la com a figura de linguagem da comparação quando traduz “O sol estava vermelho como fogo”. Contudo, no balão seguinte, onde temos “え・・・つまり、夕方でした。 [e...tsumari, yuugata deshita]”, ele decide omitir “tsumari”, que significa “em outras palavras”, e traduz a frase apenas como “era fim de tarde”. Em nossa concepção, ao deixar de traduzir essa palavra, o tradutor perdeu o sentido da graça que encontramos na tradução do sujeito 2, na qual ele fez

uma transição entre a linguagem poética e a linguagem comum. Dessa forma, achamos que o sujeito acabou por não ter tido a capacidade de avaliar a tradução como um todo e saber que certas palavras trariam comicidade para o texto.

A expressão convencional “どうしてこんなひどい目を...[doushite konna hidoime wo...]” foi trabalhada de forma adequada também pelo sujeito 3, uma vez que ele a traduziu como “Por que alguém faria isso com um...?”, demonstrando que, assim como nas outras traduções avaliadas, o sujeito teve uma consciência do real significado da expressão no contexto situacional.

Em relação ao nome do cachorro, o sujeito decidiu traduzi-lo como “guloso” por ter a ideia de que essa tradução não traria prejuízo para o efeito do humor na parte final da história. Na realidade, apesar de acharmos que ele poderia ter encontrado outra solução para o nome do animal para fazer o efeito mais eficaz, ele já demonstrou em seu relato consciência de uma estratégia importante para o tradutor quando diz “[...] *por ter lido a história completa eu tentei encaixar o nome dele já com o último quadrinho, porque para nós independente de expressar mais abertamente ou não a questão da gula do cachorro, não se tornaria prejudicial na minha visão*”. Observamos que ele coloca a própria opinião como autor da tradução, o que reforça a ideia de Arrojo (2000), quando ela diz que a tradução é sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos.

Por fim, temos a questão do verbo 飼う [kau]. Assim como os outros sujeitos, esse traduziu o verbo como “cuidar”, suportando a ideia da adequação em relação à situação.

Após abordar e discutir as três traduções, passando um paralelo entre os sujeitos, percebemos que, de uma forma ou outra, eles já estavam na terceira aula sendo mais conscientes da questão do ato tradutório e criando estratégias para o desenvolvimento da atividade proposta. O fato de eles já estarem fazendo uma autocrítica sobre as traduções nos faz ter uma ideia da importância de uma metodologia que os façam ser autorreflexivos, metodologia essa desenvolvida no decorrer do minicurso.

A próxima história a ser analisada é a atividade cinco, que foi passada como tarefa de casa após o término da quinta aula. Ela foi escolhida por dois motivos: Primeiro, encontramos nela a expressão convencional “耳はするどい[mimiwa surudoï]”, que passa a

ideia de a pessoa ter uma boa audição, sendo que “耳 mimi” significa “orelha/ouvido” e “するどい[surudoï]”, “afiado”. Além disso, há uma questão bastante delicada para o tradutor. No texto em japonês, aparece a frase “肌色が黒なら” [hadairoga kuro nara], que, literalmente, significa “se a pele (dela) fosse preta”, remetendo a uma questão de preconceito racial no contexto brasileiro. A história é a seguinte:

Figura 12 – Atividade 5



A história ocorre em um teatro onde está acontecendo uma seleção para a escolha de um cantor ou cantora para fazer parte de algum grupo ou evento. Uma das participantes, ao

se apresentar, acaba sendo alvo de chacotas por parte dos jurados, o que acaba fazendo com que ela se irrite bastante. É interessante notar que a candidata está trajando roupas e usando um chapéu que faz lembrar os *vikings*. Na concepção popular, uma mulher de origem *viking* era sempre vista como sendo bruta e bastante corpulenta. Esse fato é importante para dar aos sujeitos a imagem que os jurados na história tinham a respeito da candidata. Observemos o relato do sujeito 1:

*Essa atividade foi relativamente bem simples. Sem vocabulário novo, sem grandes trocadilhos e sem demora para adaptar. O humor da tira se concentra no último quadro, mas mesmo assim não exige continuidade no método de adaptação nem revela grandes diferenças culturais.*

*Quando dizem “Se a pele dela fosse preta, seria igual a uma baleia”, a adaptação “na fantasia certa seria uma baleia perfeita” provavelmente adaptaria o palavreado considerado “preconceito racial” no Brasil, mas o tradutor precisaria ter percepção do quadro social do Brasil e saber optar por “saltar” ou “omitir” o “preto” da pele.*

*Durante a atividade eu mesmo não percebi isso, tendo sido fundamental a discussão em grupo para que viesse esse ponto, a crítica da expressão eminentemente “racista”. O grupo ajuda a construir uma visão mais ampla, mais geralmente aceita do texto. (sujeito 1)*

No relato acima, percebemos que o sujeito 1 (ver tradução no anexo 16) possui uma visão crítica sobre o seu próprio fazer tradutório, trazendo à tona a subcompetência extralinguística de Albir (2005), quando a autora fala sobre a necessidade de o tradutor possuir conhecimentos biculturais. Essa capacidade é importante para que a tradução seja adequada ao contexto da cultura para a qual o texto é traduzido. No caso do Brasil, remeter à cor da pele de forma pejorativa é considerado preconceito; dessa forma, quando no texto um dos jurados diz “肌色が黒なら、くじらそっくりだったな！ [iroga kuronara, kujira sokkuri dattana!]”, que, na tradução literal, fica “se a cor da pele fosse preta, ela seria exatamente como uma baleia”, percebemos esse fato. Em sua tradução, o sujeito 1 traduziu como “se pintassem ela de preto, seria perfeita para um papel de baleia”. Percebemos com isso que, apesar de ele ter adaptado a sentença, ainda percebemos certo grau de preconceito racial na fala do jurado. Contudo, após a realização da atividade, foi feita uma discussão em sala a respeito do tema e naquele momento o sujeito teve uma visão mais ampla do assunto e percebeu que, na realidade, sua tradução ainda carregava elementos preconceituosos no âmbito racial. Dessa maneira, no relatório, ele reformula a frase e diz que teria sido melhor se tivesse omitido a questão da cor e traduzido de uma forma que passasse somente a ideia que era sugerida no texto, a de que a moça era corpulenta. Isso demonstra uma criticidade em seu próprio ato tradutório, e isso foi alcançado durante a discussão em grupo e na troca de ideias

entre os sujeitos, fortalecendo mais uma vez o tipo de metodologia que favorece a autonomia de pensar do aluno.

A expressão convencional “耳はするどい[mimiwa surudoï]” foi traduzida como “audição perfeita”, e ele ainda acrescentou no balão a pergunta “como ela ouviu?!?”. Dessa maneira, observamos a escolha do tradutor em explicitar em português elementos da cultura japonesa que poderiam não ser entendidos, deixando sua própria marca no texto com o objetivo de dar uma impressão mais forte para a cena em favorecimento do leitor.

Em seu relato, o sujeito 2 escreve (ver tradução no anexo 17):

*No terceiro quadrinho traduzi a fala “何の用で来たのかな、あの太ったブス？ [Nannoyoude kita nokana, ano futotta busu?]” como “Aquela gorda feia veio pra quê mesmo?” e traduzi a fala seguinte “通路から通られないぐらいです！ [Tsuuro kara toora renai guraidesu]” como “Deve ter vindo pra entalar na porta!” porque uma complementa a outra no sentido do xingamento de gorda.*

*No quarto quadrinho eu tinha traduzido a fala “肌色が黒なら、くじらそっくりだったな！ [iroga kuronara, kujira sikkuri dattana!]” como “Se a pele fosse preta ia ser igual a uma baleia!”, mas depois da discussão em sala sobre o problema de racismo, resolvi modificar para “Se a pele fosse pintada de preto ia ser igual a uma baleia!”.*

*No sexto quadrinho traduzi a fala “耳はするどいし・・・ [mimiwa tooishi]” como “e ainda conseguiu nos escutar.” porque é uma expressão idiomática que passa o sentido de que alguém estava falando algo sobre uma pessoa estando distante desta, mas que mesmo assim esta pessoa ouviu o que foi dito, é mais usada se a pessoa estivesse falando mal da outra. (sujeito 2)*

Com relação à questão da cor da pele, o sujeito, assim como o sujeito 1, teve a sua visão a respeito do assunto expandida com o desenrolar da discussão em sala sobre o tema. No final das contas, ele acabou traduzindo como “se a pele fosse pintada de preto ia ser igual a uma baleia”. Na realidade, aqui também encontramos preconceito, que é sentido na fala do personagem, algo que, no original japonês, não havia sido intencionado. Apesar da discussão, o sujeito acabou por não optar por uma tradução na qual a questão da cor da pele não estivesse presente, acarretando no que aborda Zanettin (2008) chama de conteúdo pictórico, ou seja, aquele elemento que pode ofender o leitor e que muitas vezes é removido pela técnica do *delitio*, ou remoção de texto ou imagem.

Em relação à expressão “耳はするどい[mimiwa surudoï]”, o sujeito já tem noção de que ela é uma expressão convencional, demonstrando que o entendimento dessas expressões (TAGNIN, 1989) é de importância fundamental para a recuperação do texto

traduzido. Em seu texto, o sujeito traduziu como “*e ainda conseguiu nos escutar*”, o que retrata em português, de forma natural, o espanto do personagem pelo fato de a candidata tê-los escutado de tão longe.

O sujeito 3 (ver tradução no anexo 18), por sua vez, escreveu em seu relatório o seguinte sobre a tradução da atividade cinco:

- *Não houve nenhuma parte dificultosa com relação a gramática.*
- *Foi preciso substituir uma expressão usada com sentido pejorativo por uma usual da língua para o qual o texto estava sendo traduzido.*
- *No balão que se usa o texto “pele de cor preta” em uma fala, foi preciso ignorar a menção a fim de evitar que o texto trouxesse uma conotação errônea, uma vez que o texto, caso literalmente traduzido, pudesse trazer uma mensagem preconceituosa que não estava contida no original.*
- *Foi necessária a pesquisa de uma expressão.*
- *Ao invés de traduzir a expressão literalmente foi preciso adaptá-la. (sujeito 3)*

O sujeito 3 abordou a questão da cor da pele, tão discutida em sala de aula, de forma mais simples. Como ele coloca em seu relatório “*Foi preciso substituir uma expressão usada com sentido pejorativo por uma usual da língua*”. Sua tradução foi baseada em uma expressão mais usual em português que transmitisse a ideia sem acrescentar o conteúdo pejorativo. No seu texto traduzido, temos “*é igualzinho uma baleia*” [sic]. Percebemos que o sujeito utilizou, mesmo sem conhecimento da técnica, o *delitio* (Zanettin, 2008), que foi mencionada anteriormente. Dessa maneira, ela recriou o texto, utilizando elementos que transmitissem, de forma natural, a mensagem do texto de origem e, ao mesmo tempo, evitando a utilização de uma frase que pudesse agredir o leitor de certa forma.

Com relação à expressão “*耳はするどい*[*mimiwa surudo*]”, foi criativo o modo como o sujeito lidou com essa tradução. Na realidade, ele fez proveito do texto que aparece antes “*歌が上手だし* [*utaga jouzudashi*]” e construiu uma expressão bastante natural para o português e que acaba por transmitir a comicidade da cena na qual a candidata está perseguindo furiosa os dois sujeitos que estavam fazendo chacota dela. Na tradução do sujeito 3, encontramos “*ela canta tão bem! e escuta melhor ainda!*”. Essas frases acabam por corroborar a questão do humor da cena, transmitindo a ideia de forma natural e fluida para o leitor brasileiro.

Comparando os três sujeitos, percebemos que suas estratégias variam de um para outro, mas que todos, em certo grau, foram críticos em relação ao próprio ato tradutório e ao modo como a tradução foi realizada, levando-se em consideração o público do texto

traduzido. Através das atividades analisadas e da discussão em grupo, tomamos ciência de que os sujeitos, no geral, acolheram de forma positiva a questão de que a frase que remetia à cor da pele deveria ser tratada com cuidado e sua tradução deveria levar em conta o contexto social brasileiro.

A terceira história de Mangá escolhida para representar a análise das traduções foi a atividade oito, realizada na oitava aula. A história oito é a seguinte:

Figura 13 – Atividade 8



Essa história tem a sua relevância, pois trabalha duas questões importantes que devem ser abordadas quando da tradução de textos de língua japonesa. A primeira é a questão cultural, que na realidade é um elemento presente em textos de qualquer idioma natural, e que, no japonês, possui uma relevância muito forte, uma vez que o Japão, por seu



distanciamento nas tradições culturais, é riquíssimo, para o olhar ocidental, em elementos que representam o povo e os costumes japoneses em suas mais diversas formas e particularidades. O segundo ponto é a questão do registro de linguagem que aparece na história, mais especificamente a linguagem humilde (kenjougo). É importante que o tradutor saiba como proceder com esses diferentes registros quando lidar com o contexto situacional de um texto em língua japonesa. Esses registros transmitem muito o modo como os japoneses se relacionam em seu contexto social.

A história se inicia com um rapaz ajudando uma raposa que está com a perna presa em umas rochas e não consegue se movimentar. A raposa então o agradece e diz que irá recompensá-lo na próxima vez em que eles se encontrarem. Depois de certo tempo, uma moça viajante aparece em sua casa e pede um pouco de água. O rapaz pensa então que ela é a raposa disfarçada e tenta se aproveitar para lhe dar um beijo. No entanto, a verdadeira raposa surge no final e oferece ao rapaz a recompensa dele, que é o “onigiri”, um bolinho de arroz típico da culinária japonesa.

No folclore japonês, a “kitsune” ou raposa é considerada um ser dotado de capacidades mágicas, sendo a habilidade de se transformar em pessoas, principalmente em mulheres jovens, a mais comum. Elas usam a transformação para pregar peças e enganar as pessoas. Dessa maneira, é fundamental que o tradutor tenha ciência desse aspecto cultural e, através de conhecimento intertextual oriundo da leitura de textos folclóricos japoneses, possa ter um entendimento completo da história e, assim, tomar as decisões que achar serem compatíveis para com o texto traduzido. O outro aspecto é a linguagem (kenjougo) utilizada pela moça quando ela conversa com o rapaz e lhe pede água. “失礼いたします。わたくしは迷子になった旅人でございます。お水を飲ませてくださいますか。[Shitsureiitashimasu. Watakushiwa maigoninatta tabibitode gozaimasu. O-mizuwo nomasetekudasaimasenka.]”, que na tradução ficaria como “Com licença. Eu sou uma viajante que está perdida. Não poderia dar-me um pouco de água?”. Nessa frase, o sentido da tradução vai ser dado levando-se em consideração as estratégias que o tradutor achar mais conveniente para o contexto. A seguir, analisaremos algumas das traduções e relatórios respectivos dos sujeitos levando em consideração os aspectos apresentados acima. Iniciamos com o relato do sujeito 1 (ver tradução no anexo 19):

*No primeiro quadrinho traduzi a fala “ほらほら！キツネじゃないの、それ？！  
あっ！[hora hora! Kitsune janaino, sore?! A!]” como “Olha só! Essa é uma*

*Kitsune?*”, resolvi deixar “Kitsune” ao invés de traduzir para “Raposa” porque se refere ao ser místico e não ao animal.

No terceiro quadrinho traduzi a fala “はい、はい。[hai, hai]” como “Já vai!” porque é assim que respondemos quando estamos indo atender a porta.

No quarto quadrinho traduzi a fala “失礼いたします。わたくしは迷子になった旅人でございます。お水を飲ませてくださいますか？[Shitsureiitashimasu. Watakushiwa maigoninatta tabibitode gozaimasu. O-mizuwo nomasetekudasaimasenka.]” como “Com licença, eu estava viajando e acabei me perdendo. Será que eu poderia entrar para beber água?”, para tentar passar o sentido do Keigo usado nessa fala para o português.

No quinto quadrinho traduzi a parte da fala “へへ・・・ちよっとからかってやろうか？[hehe...chottokarakatte yarouka?]” como “Hehe... Vamos esquentar um pouco as coisas por aqui?” para conectar com a tentativa de beijo do próximo quadrinho.

No sexto quadrinho traduzi a palavra “麦茶[mugicha]” como “Cerveja” no lugar de “Chá com cevada” por causa que ele disse no quadrinho anterior que ia esquentar a situação, então aqui no Brasil é mais comum levar pra beber. Ainda nesse quadrinho traduzi a palavra “無礼者[bureisha]” como “Perverso!” por que fica mais natural ela gritar isso do que “Seu rude!”.

No sétimo quadrinho traduzi a parte da fala “はい、恩返しだこのおにぎり！[hai, ongaeshida, kono onigiri!]” como “Aqui, esse onigiri é a sua retribuição!” e preferi deixar onigiri para deixar um gancho de pesquisa cultural e porque é uma palavra menor que “Bolinho de arroz” para colocar no balão da fala. (sujeito 1)

O sujeito acima, através de um relato detalhado da atividade de tradução em questão, faz uso de seu conhecimento cultural ligado à sua subcompetência extralinguística (ALBIR, 2005) para a tomada de decisão em relação ao ser místico presente na história. O tradutor-aprendiz decide deixar a palavra no original japonês “kitsune” com o intuito de preservar um elemento cultural e, então, trazê-lo para mais perto do público que irá ler a sua tradução. É função do tradutor, como foi discutido em sala pelos sujeitos, ter em mente quem é o público-alvo que entrará em contato com a tradução para que, dessa forma, ele possa conduzir a tarefa tradutória de forma mais adequada. No caso do Mangá, cujos leitores, em sua maioria, são apreciadores da cultura nipônica, não seria prejudicial deixar a palavra “kitsune” no texto traduzido, pelo contrário, muitos provavelmente já a conheceriam, fazendo com que o texto ficasse ainda mais interessante para eles. Essa escolha vai ao encontro das palavras de Zanettin (2008), quando este fala que a questão de manter uma autenticidade japonesa no texto é uma prática bastante comum entre os tradutores.

Em relação à linguagem honorífica encontrada no texto (kenjougo), o sujeito teve a preocupação de passá-la em sua tradução. Apesar de não ser uma tarefa fácil o transporte cultural que as expressões de *keigo* possuem, é importante transmiti-las no texto traduzido para que possam passar a ideia de humildade ou respeito, dependendo do contexto que o

falante se encontre. Na tradução do sujeito, percebemos que ele tentou utilizar uma linguagem mais formal na língua portuguesa para tentar traduzir a ideia do texto em japonês e utilizou o verbo “poderia”, que transmite o distanciamento do falante com o ouvinte para causar um efeito mais formal. Contudo, a questão relativa ao *keigo* poderia ter sido um pouco mais explorada e outros elementos utilizados para, assim, fornecer uma imagem mais forte de que a moça estaria em uma posição inferior naquele contexto em relação ao rapaz.

O sujeito 2 (ver tradução no anexo 20), por sua vez, escreve:

*Desse texto pra mim, a dificuldade seria só nas falas dos personagens, pois a moça perdida fala mais polidamente, e a "raposa" e o carinha lá não. E além disso, seria em uma linguagem mais antiga. Ela usa "watakushi", "degozaimasu" etc. Tentei usar uma linguagem formal, mas não muito difícil e tal. Essa foi a questão dessa tradução pra mim. (sujeito 2)*

Ao analisarmos o relato do sujeito acima em paralelo com sua tradução, podemos observar que, em relação à questão da raposa, ele não faz nenhuma menção ao fato de ela ser um ser místico. Contudo, quando ele se refere a ela em seu relatório, o mesmo coloca o nome “raposa” entre aspas, sugerindo que ele reconhece que o animal da história possui características que o torna especial e o distingue de outros animais.

Com relação à questão do *keigo*, o sujeito 2 relata que a palavra “watakushi” e a expressão “degozaimasu” são linguagem antiga. Na realidade, elas são parte da linguagem de respeito da moça em relação ao rapaz, algo que, aparentemente, não foi identificado de forma adequada por esse tradutor aprendiz. No seu texto traduzido, ele coloca a seguinte tradução: “*Desculpe-me pelo incômodo. Eu sou uma viajante e me perdi. Será que você poderia me dar um copo com água por obséquio?*”. Apesar de o sujeito dizer que tentou retratar a fala de uma forma não tão difícil, percebemos que, em relação ao sujeito 1, ele usa expressões até mais formais como “por obséquio” e “desculpe-me”.

O sujeito 3 (ver tradução no anexo 21) relata:

*- Não houve nenhuma parte dificultosa [sic] com relação a gramática.  
- Foi preciso a pesquisa de algumas palavras.  
- A moça nesta história faz uso de um discurso polido o qual não existe equivalente em português. Devido às ilustrações mostrarem que a história se passa num período do passado as falas dela foram traduzidas com vocabulário não usado atualmente, mais regrado e polido. (sujeito 3)*

Primeiramente, em relação à questão do ser mitológico, não há nenhuma menção

por parte do sujeito 3 de que ele tivesse conhecimento sobre a história da “kitsune” no momento da atividade, dessa forma, assim como o sujeito 2, ele preferiu deixar a tradução do vocábulo como “raposa” e, de certa forma, não reforçando a questão cultural, diferentemente do que fez o primeiro sujeito. Na realidade, de todas as traduções analisadas em relação a essa atividade, somente o sujeito 1 fez referência à questão da mitologia japonesa. Isso demonstra que o conhecimento de mundo é imprescindível quando lidamos com o texto que aborda questões culturais, pois o tradutor que tem grande conhecimento da cultura da língua estrangeira termina por ter mais ferramentas e mais elementos para transportar o texto para sua língua materna do modo como achar mais adequando para o contexto no qual a tarefa tradutória se insere.

O sujeito 3, no que se refere à questão do “keigo”, traduziu a frase como “*Desculpe-me. Sou uma viajante que perdeu o caminho. O Sr. poderia me conceder a gentileza de um copo d’água?*”. Primeiramente, percebemos que em relação à gramática, especificamente às sentenças longas, como aponta Oka (2008), o tradutor pode encontrar certa dificuldade para lidar com a dramaticidade da cena em relação ao espaço nos balões destinados ao texto escrito. Ao analisarmos a tradução do sujeito 3, percebemos que ele encontrou dificuldade mais de uma vez em relação a essa questão, fazendo o texto do balão 3 e do 7, onde se encontra a frase do “keigo”, ser insuficiente para conter o texto traduzido adequadamente. Dessa forma, o tradutor aprendiz necessita fazer uma condensação do texto, ou seja, reformulá-lo para que a ideia possa ser transmitida ao mesmo tempo em que respeita as características do gênero textual Mangá. Em relação à própria tradução, percebemos que foram utilizados termos em português cujo propósito foi de transmitir a nuance da linguagem de respeito como “*desculpe-me*” e “*poderia me conceder a gentileza*”. De fato, todos os aprendizes tiveram a preocupação de traduzir, de alguma forma, a ideia de respeito que é encontrada nesse registro de linguagem do japonês. Na realidade, os vários registros da língua japonesa geram grande dificuldade para o tradutor, pois, como assinala Zanettin (2008), dependendo da situação, muitos tradutores de Mangá preferem deixar certos termos honoríficos em japonês. O importante, em nosso ponto de vista, é perceber que os tradutores-aprendizes tiveram a noção da importância do nível de formalidade do idioma japonês e que ele interfere de forma relevante na pragmática da língua, fato esse também constatado e reforçado pelos relatórios.

A quarta atividade de tradução de Mangá a ser analisada é a seguinte:

Figura 14 – Atividade 11



A história trata de dois elementos culturais que não têm uma tradução direta para o português e podem causar dificuldades para o tradutor aprendiz durante o processo tradutório. Essa história foi trabalhada na décima aula e é sobre dois irmãos que decidem brincar de esconde-esconde. Na história, o irmão mais velho, que é quem vai à procura do mais novo, recebe a denominação de “鬼 (oni)”, nome dado à pessoa que precisa encontrar os outros participantes da brincadeira que estão escondidos. No japonês, “oni” significa “demônio”, denominação não utilizada em português quando as crianças se divertem com a mesma

brincadeira. O irmão menor decide, então, se esconder embaixo do “こたつ (kotatsu)”, que é um tipo de mesa coberta por um cobertor grosso e com um aquecedor elétrico embutido no centro. Esse móvel é bastante comum no Japão e tem por finalidade esquentar as pernas das pessoas nos meses de inverno ou em regiões frias do país. Dessa forma, o irmão mais novo se esconde embaixo do “kotatsu” e acaba ficando em uma situação bem complicada.

Através da análise dos relatórios e das traduções, percebemos que muitos dos sujeitos decidiram não traduzir a palavra “oni”, mas encontrar uma forma natural de expressar a mesma ideia no texto em português. Sobre “kotatsu”, muitos dos sujeitos preferiram deixar a palavra no próprio original. Vejamos alguns relatórios e traduções sobre a atividade.

A respeito da atividade 11, o sujeito 1 (ver tradução no anexo 22) escreve:

*O único problema nesse texto foi como traduzir "kotatsu". Eu preferi manter a palavra e colocar uma nota. Como é algo que não tem aqui no Brasil, e para ser uma curiosidade a mais dos costumes no Japão, achei que ficaria mais interessante colocar a nota. (sujeito 1)*

Ao analisarmos a tradução do sujeito acima, percebemos que ele lidou com a questão do “oni” de uma forma simples. Ao invés de procurar um equivalente em português, ele preferiu adaptar e traduzir da seguinte forma: “*Você me procura*”, que é uma forma adequada de uma criança se expressar nesse tipo de situação. Nesse ponto do minicurso, percebemos, pelos relatórios, traduções e discussões em sala de aula, que a questão da adequação já surgia de forma mais natural, uma vez que os tradutores-aprendizes já se preocupavam em passar a ideia de forma fluida, preocupando-se com a fidelidade linguística do texto. Em relação ao móvel “kotatsu”, como podemos observar pelo relato, o sujeito preferiu deixar a palavra na língua original, uma vez que não há um correspondente em língua portuguesa para o objeto. Como ele mesmo coloca: “*Eu preferi manter a palavra e colocar uma nota [...] para ser uma curiosidade a mais dos costumes no Japão*”. Como foi abordado anteriormente, o fato de não se traduzir certos elementos da cultura japonesa ocorre principalmente por eles serem comuns para o público-alvo ou então pela questão do autor desejar trazer para seu público a cultura da língua de origem, o que ocorreu nesse caso pela decisão do sujeito.

O sujeito 2 (ver tradução no anexo 23), em relação ao termo “oni”, tomou a decisão de naturalizar a fala do irmão menor, o que se assemelha à escolha feita pelo primeiro sujeito. Em sua tradução, encontramos: “*Você que procura, né?*”. Em seu relatório, o sujeito 2

escreve:

- Não houve nenhuma parte dificultosa com relação a gramática.
- Não foi necessária pesquisa de vocabulário.
- O termo “鬼[oni]” para designar o jogar que procura no esconde-esconde foi ignorado, uma vez que não existe um termo correspondente em português e sua exclusão não compromete a compreensão da história.
- No último balão “こたつ[kotatsu]” foi substituído por “perto do aquecedor”. Mas, em discussão, foi concluído que o termo devesse permanecer como no original com a adição de uma nota explicando o objeto em questão. Não vejo como, neste caso, a nota possa atrapalhar a fluidez da leitura, na verdade se torna interessante para o leitor uma vez que pode de alguma maneira entrar em contato com algum tipo de curiosidade cultural japonesa, no caso. (sujeito 2)

Observamos, pelo próprio relato do sujeito, que ele decidiu não considerar o termo “oni” por, em sua opinião, não ser prejudicial para a leitura do texto em português. De fato, a recriação do termo para naturalizar o texto acabou surtindo um efeito positivo e adequado para a tradução e sua leitura pelo público-alvo. Com relação ao termo “kotatsu”, o sujeito decidiu pela tradução “perto do aquecedor”, o que implica que ele resolveu também adequar esse termo para a realidade brasileira, que, em sua grande maioria, desconhece climas gélidos como os do inverno japonês e, portanto, não possui conhecimento prévio do que seria “kotatsu”. Entretanto, o sujeito também acabou por concordar, após discussão em grupo, de que essa palavra também poderia permanecer no original como um empréstimo e esse objetivo seria, como relatou o primeiro sujeito, de trazer um aspecto cultural para mais perto do público brasileiro.

O sujeito 3 (ver tradução no anexo 24), por sua vez, relata:

*No primeiro quadrinho traduzi a fala “わーい！兄ちゃんが鬼だね！ [waai!niichanga onida ne!]” como “Sim! O maninho que vai procurar!”. Resolvi traduzir “兄ちゃん[niichan]” como “maninho” devido à discussão da aula anterior sobre fala de criança e traduzi “鬼” como “que vai procurar!” mas poderia ter traduzido como “que vai ser o pega”, só não fiz assim porque acho que criança pequena ainda não diria “que vai ser o pega”.*

*No terceiro quadrinho traduzi a fala “もういいかい[mou iikai]?” como “Já se escondeu?” e a fala seguinte “もういいよ！[mou iiyo]” como “Sim!” porque também transmite a ideia de que o irmão maior já terminou de contar e vai começar a procurar.*

*No quinto quadrinho traduzi a parte da fala “布団の下にいないし・・・ [futonno shitani inaishi・・・]” como “Não está debaixo do cobertor...”. Resolvi traduzir “布団” para “cobertor” para que o público-alvo (leitores brasileiros) pudessem entender mais facilmente, mas devido à discussão sobre manter os termos japoneses para que os leitores possam pesquisar e entender mais da cultura japonesa ou passar para algum termo parecido do português para entendimento*

*imediatamente, eu acho que poderia ter deixado como “futon”, mas mesmo assim resolvi deixar “cobertor” já que é bastante parecido.*

*No oitavo quadrinho traduzi a fala “お前、バカだろう！こたつの下に隠れるなんて・・・[omae, bakadarou!kotatsuno shitani kakurerunante・・・]” como “Tá doido? Foi se esconder logo embaixo do kotatsu...”, porque antes da discussão que citei anteriormente eu tinha traduzido “kotatsu” para “tapete”, mas depois dessa discussão e também devido à figura, resolvi deixar como “kotatsu” mesmo. A fala seguinte “く・・・苦しい・・・[ku・・・kurushii・・・]” traduzi como “Eu não... conseguia... respirar... tá muito... quente...” para transmitir melhor a agonia do garotinho. (sujeito 3)*

Da mesma forma que os sujeitos anteriores, a tradução escolhida pelo sujeito 3 para o termo “oni” foi a seguinte recriação: “*O maninho que vai procurar!*”. Essa escolha reforça mais uma vez o fato de os sujeitos, de um modo geral, já estarem à procura de naturalizar a tradução para o público-alvo. Com relação ao termo “kotatsu”, percebemos mais uma vez pelo relato que as discussões em sala de aula foram bastante válidas para um aprofundamento das traduções trabalhadas no minicurso de Mangá. O sujeito, primeiramente, havia traduzido “kotatsu” como “tapete”, demonstrando, então, que não tinha o conhecimento sobre a existência desse móvel. Após a discussão com os outros sujeitos, ele descobre o significado real do móvel e, auxiliado pela questão imagética, decide deixar o termo como “kotatsu”, do mesmo modo como no original japonês.

Pelas análises acima, tomamos ciência de que a discussão em sala foi bastante positiva para os sujeitos. É interessante notar que os tradutores-aprendizes, no geral, tiveram a intenção de naturalizar, através da recriação, o termo “oni”, uma vez que sua tradução direta soaria estranha para o leitor brasileiro. Já a palavra “kotatsu” foi bastante discutida em grupo no que concerne ao modo como o tradutor deveria lidar em sua tradução. Pela avaliação das traduções, notamos que os sujeitos, em sua maioria, decidiram deixar a palavra original em japonês, visto que não há um correspondente em português. Dessa maneira, o tradutor toma parte do processo de tradução e decide que o mais adequado é trazer o leitor para perto da cultura do texto de origem.

A quinta tradução a ser analisada é a atividade 13 trabalhada na décima primeira aula do minicurso de Mangá. Sua escolha para análise foi feita por ser a última tradução feita pelos sujeitos antes do pós-teste e, portanto, os alunos já teriam uma experiência considerável através das traduções realizadas e discutidas anteriormente. Abaixo, trazemos a atividade em questão:



Figura 15 – Atividade 13



Na história, uma moça está cansada de estudar para o exame de admissão da universidade e decide dar um passeio pela natureza com o intuito de relaxar. Durante sua caminhada, ela encontra um “露天風呂 [rotenburo]”, que é um tipo de “風呂 (furo)” ao ar livre. “Furo” é a palavra japonesa para “banheira”, sendo que no contexto da história, o “rotenburo” é um tipo de banho quente coletivo de grande popularidade no Japão. É um local onde as pessoas se refugiam da vida agitada e estressante das grandes cidades. Nesse lugar, ela encontra uma senhora já de idade, que começa a falar sem parar, o que deixa a garota bastante incomodada. A fala da idosa traz muitos aspectos de variação linguística diastrática do japonês no que concerne à questão da idade. Variação linguística, como é sabido, é comum

em qualquer sociedade, e na tradução em questão, ela é importante, pois traz um grau de comicidade para o desfecho da história. Interessante notar também que, na entrada do “onsen”, há um símbolo (comumente visto em Mangá e Anime) que fica entre os kanji de 男 (homem) e 女 (mulher) e que faz referência ao fato de lá dentro ter uma velhinha tagarela, mas que não é entendido a princípio pela moça. Esse símbolo reforça a questão cômica do texto juntamente com a imagem quando ele aparece novamente, no último quadrinho, no lugar dos olhos da moça enquanto ela tem que aturar a fala contínua da velhinha.

Dos três sujeitos que analisaremos, o sujeito 1 relata (ver tradução no anexo 25):

5° Quadrinho

*Deixei 露天風呂 [rotenburo] em vez de colocar "banho ao ar livre". Prefiro conservar alguns termos japoneses, até porque o Mangá mostra um pouco da sua cultura, então acho importante preservar.*

6°, 7° e 8° Quadrinhos

*Pense numa coisa confusa pra traduzir, não entendi muito bem, mas espero que não tenha ficado muito errado.*

*(No 6° quadrinho- Achei desnecessário eu colocar que as letras eram arredondadas ou que faziam voltas, para quem conhece a escrita daria para entender, mas pra quem não conhece acho meio complicado).*

*(No 8° quadrinho- Pesquisei que へらへら é uma onomatopeia que se refere à tagarelice, então substituí por blah blah que é comum aqui. (sujeito 1)*

O sujeito 1 decidiu deixar o termo “rotenburo” em japonês. Como já havia sido discutido na análise da atividade anterior sobre o termo “kotatsu”, os sujeitos-aprendizes, durante a discussão em sala de aula, começaram a demonstrar uma postura de deixar certos termos que não possuem similar em português em japonês, concordando com as palavras de Zanettin (2008). Essa decisão pode ser observada pelas palavras do próprio sujeito quando fala “[...] *prefiro conservar alguns termos japoneses, até porque o Mangá mostra um pouco da sua cultura, então acho importante preservar*”. Em relação à fala da velhinha, o sujeito decidiu não transmitir nem adaptar a linguagem característica encontrada no texto em japonês, revelando que sua decisão de ignorar esse fato acarreta a perda até certo ponto da comicidade do contexto, que, no caso, será transmitida apenas pela questão da imagem da moça atormentada.

O sujeito 2 (ver tradução anexo 26) escreve:

- Não houve nenhuma parte dificultosa [sic] com relação à gramática.
- Foi necessária pesquisa de vocabulário.
- O humor é um fator cultural e de difícil transmissão. Mesmo o texto e ideia geral não apresentam dificuldade para tradução, neste caso o humor é perdido pela

*piada fazer referência a um conceito cultural internalizado. Nesta história seria que na entrada havia um símbolo de aviso sobre a velhinha que tagarela e te deixa tonta. (Sujeito 2)*

O sujeito 2, por sua vez, já consegue fazer uma conexão entre o símbolo encontrado na entrada do “onsen” e o fato de lá dentro haver algo que poderia causar algum tipo de tormento, no caso, a própria velhinha. Pelas suas palavras, transmitir o humor, mesclando o texto e a imagem, acaba sendo bastante complicado, uma vez que ele se perde por ser um elemento cultural específico do entendimento do japonês. Entretanto, o sujeito esqueceu-se de considerar o fato de que, assim como as palavras em japonês que permanecem na tradução para o português, certos símbolos também podem ser considerados de comum presença nos Mangás, já fazendo assim parte da leitura e entendimento natural dos falantes. Além disso, o fato de os olhos da personagem ficarem no formato do símbolo na última parte da história faz com que o leitor possa fazer uma associação entre a situação e o símbolo em questão. Em relação à fala da velhinha, o sujeito traduziu “若い[wakai]” como “com medo”. Possivelmente ele confundiu o adjetivo “wakai”, que significa “jovem”, pelo 怖い[kowai], que tem o sentido de “assustado”. O sujeito também acabou por não trazer a questão da fala da velhinha para o texto em português, o que, assim como o sujeito 1, acabou por não transmitir totalmente o sentido de comicidade do contexto. Assim, consideramos que o sujeito 2 pecou na questão de não levar em conta a fala da velhinha bem como de não ter tido uma maior atenção com os adjetivos que acabaram por serem confundidos. Contudo, o fato de ele ter percebido a ligação entre a relevância do símbolo para com o texto já demonstra um amadurecimento no modo como trabalhar a tradução do Mangá e a importância que a imagem gera para o entendimento da história contida nesse gênero textual.

O sujeito 3 (ver tradução no anexo 27) faz seu relato sobre essa história da seguinte forma:

*No primeiro quadrinho traduzi a fala “わあ・・・大学の入学試験は大変、大変！ [wa...daigakuno nyuugakushikenwa taihen, taihen!]” como “Porque o vestibular tem que ser tão difícil?!”. Resolvi trocar apenas a exclamação por uma interrogação para transmitir melhor a cena do quadrinho, acho que passa melhor o desespero, e também porque já ouvi muito essa frase quando estava estudando pro vestibular.*

*No terceiro quadrinho traduzi a fala “やっぱり、自然は最高だ！ [yappari, shizenwa saikouda!]” como “Ah! Como eu gosto da natureza!” porque achei que ficaria mais natural do que “A natureza é a melhor!”. Traduzi a fala “町から出かけて山へ行ってみると気分転換できるのね。 [machikara dekakete yamae ittemiruto kibuntenkan dekirunone.]” como “Minha disposição sempre muda*

quando venho para as montanhas.”. Resolvi ignorar a parte “町から出かけて山へ行ってみる[machikara dekakete yamae ittemiru]” “quando saio da cidade para as montanhas”, porque sair da cidade já está implícito na parte “quando venho para as montanhas.”

No quinto quadrinho traduzi a fala “そして、山なら、露天風呂に入ることもできる！[soshite, yamanara, rotenburoni hairukotomo dekiru!]” como “E já que estou nas montanhas, tenho que entrar nas termas!”. Resolvi traduzir o termo “露天風呂[rotenburo]” como “termas” porque me lembrei das termas de Mossoró, que fui quando era pequeno, e que também é um banho a céu aberto.

No sexto quadrinho traduzi a fala “あれ？その字、なんだろう？子供？ぐるぐる回れ？インターネット？[are? Sonoji, nandarou? Kodomo? guruguru maware? intaanetto?]” como “Hã? Que letra é essa? Crianças? Tá girando? É o arroba?”. Resolvi traduzir “インターネット？” como “É o arroba?” porque faz mais sentido do que dizer apenas “internet” já que o arroba é o sinal usado no e-mail e muitas pessoas sempre acharam que esse era o símbolo da internet, porque só existe nos computadores, assim ela deve ter achado aquela letra parecida com o sinal de arroba.

No sétimo quadrinho traduzi a fala “なあ、若いのお・・・” como “Jovenzinha!” para passar o tipo de fala dos idosos. Traduzi a fala “迷っているようじゃのお・・・こっち来てみい・・・” como “Entre aqui minha filha...”. Resolvi ignorar a parte “迷っているようじゃのお・・・” “Você está perdida?” e traduzi apenas a parte final “こっち来てみい・・・” passando também o tipo de fala dos idosos porque, pela vivência com minha avó, notei que os idosos não enrolam, falam direto o que querem falar.

No oitavo quadrinho traduzi a onomatopeia “ぺらぺら” como “Blá, Blá, Blá” porque já vi esse tipo de onomatopeia sendo utilizada na Turma da Mônica e em outras historinhas para passar o sentido de que alguém está falando sem parar. (sujeito 3)

O sujeito 3 fez um relato bem detalhado de sua tradução e percebemos que, em relação aos pontos discutidos sobre essa atividade, ele acabou levando em consideração a sua própria vivência e conhecimento de mundo para realizar a tarefa tradutória, como já aponta Arrojo (2000), trazendo, portanto, o seu texto em português para mais perto do contexto brasileiro. Em relação ao “rotenburo” o sujeito faz menção às termas que ele havia visitado quando criança e, dessa maneira, achou natural traduzi-las dessa forma, pois o local possui as mesmas características do lugar onde a garota vai tomar banho. Sobre a velhinha, o sujeito decide, como ele mesmo relata, marcar a sua fala na tradução do mesmo modo como as pessoas idosas falam no Brasil. Dessa maneira ele decide traduzir como: “Jovenzinha. Entre aqui minha filha”. A nosso ver, o sujeito já trabalha com subcompetências descritas por Albir (2005), tais como a extralinguística e a estratégica a fim de poder repassar, de forma fluida, o texto do japonês para o português.

Através das atividades de tradução realizadas durante o minicurso de Mangá,

objetivamos colocar os tradutores-aprendizes defronte a situações que geram dificuldades e que aparecem comumente na vida diária de um profissional da área. A partir da prática em conjunto com a teoria, levamos os sujeitos da pesquisa a discutir e questionar suas próprias traduções, criando, assim, um senso de criticidade necessário para a realização da tarefa tradutória. Através das diversas situações encontradas nas histórias, acreditamos que os sujeitos ampliaram sua percepção sobre tradução, tomando consciência de que é imprescindível que o tradutor sempre busque aprimorar sua prática por meio de uma autoavaliação de seu próprio texto, tendo em vista fornecer ao seu público uma tradução pertinente e adequada para o contexto no qual ela é realizada.

### **3.3 Análise dos questionários**

Nesta seção seguiremos com a análise dos dados coletados através dos dois questionários de avaliação mencionados no capítulo da metodologia da pesquisa. Esses questionários fazem parte da triangulação de dados da pesquisa-ação e foram aplicados tanto no início como no final do minicurso de Mangá.

O primeiro questionário (apêndice A), respondido pelos alunos no primeiro dia de aula, teve por objetivo traçar o perfil dos sujeitos bem como conhecê-los de forma mais precisa na questão de sua competência linguística na língua japonesa e em sua concepção do que para eles seria a tarefa tradutória e suas possíveis crenças relacionadas a essa atividade.

O segundo questionário (apêndice B), respondido no último dia de aula, objetivou verificar a validade do minicurso na concepção dos alunos e até que ponto ele foi, de fato, importante para que a ideia que eles possuíam sobre tradução fosse modificada em pontos tais como a traduzibilidade de um texto, a questão da fidelidade e da recriação e as características da língua japonesa que podem afetar as decisões do sujeito durante a realização do ato tradutório. Esse último questionário também foi importante para que pudéssemos ter a noção da validade do minicurso cuja finalidade era de desenvolver uma habilidade que não fora trabalhada com os alunos no decorrer de seu aprendizado da língua japonesa.

### 3.3.1 Análise do questionário 1

O primeiro questionário foi composto de seis perguntas e, para efeito de análise, trabalhamos com aqueles respondidos pelos 14 alunos que concluíram o minicurso. A primeira parte do questionário requeria apenas que os participantes fornecessem o nome, telefone de contato e a formação acadêmica. Em relação a esse último item, dez alunos estão cursando ou já concluíram o ensino superior, e quatro possuem o ensino médio, sendo que um deles está frequentando um curso técnico.

A seguir, discorreremos a respeito de cada pergunta do questionário 1 de forma individual, relatando a visão geral do grupo de sujeitos e exemplificando com respostas quando necessário.

A primeira pergunta foi bem simples e contemplou há quanto tempo os alunos estudavam a língua japonesa. Dos 14 participantes, seis estudavam japonês em torno de três anos; dois, há quatro anos; quatro, em torno de cinco anos; um, há sete anos; e outro, há onze anos. Essa questão foi interessante, pois pudemos ter uma ideia do contato dos participantes em relação ao idioma japonês. Do total, percebemos que todos, com exceção de dois, estudam japonês há, no máximo, um pouco mais de cinco anos, o que se leva a deduzir que a maioria dos participantes possui, até certo grau, habilidades linguísticas parecidas, fazendo com que as atividades pudessem ser conduzidas e tratadas de forma nivelada com o grupo.

A segunda questão teve como objetivo saber a familiaridade dos sujeitos com relação ao gênero Mangá, uma vez que eles iriam trabalhar com a tradução dos quadrinhos japoneses no decorrer do minicurso. Também foi requerido a eles que, se a leitura de Mangá fosse recorrente, com qual frequência ela acontecia e em qual idioma. De todos os participantes, apenas dois informaram que não leem Mangá, sendo que os outros doze sujeitos fazem a leitura desse gênero em uma frequência que varia de semanal a apenas algumas histórias em um período de um ano. Daqueles que leem Mangá, um informou que lê somente em língua portuguesa; três, apenas em língua inglesa; um, unicamente em língua japonesa; e os outros sete leem em mais de um idioma, geralmente português, inglês e japonês, sendo que um desses informou que também lê em italiano.

Pudemos, pois, inferir que, em relação ao gênero Mangá, a maioria dos participantes tinha, em grau maior ou menor, contato com esse gênero textual em uma frequência razoável. Dessa maneira, ao serem introduzidas as atividades de tradução durante o minicurso, os alunos, no geral, não enfrentariam uma estranheza em relação a esse gênero. Pelo contrário, a aproximação ao Mangá já poderia ser um ponto positivo para que o aluno desenvolvesse as atividades de uma maneira mais confortável. De fato, essa suposição se tornou verdadeira, pois as atividades correram de maneira fluida durante todo o período do curso e, por muitas vezes, os alunos demonstraram abertamente a satisfação de estarem trabalhando com esse gênero textual.

A terceira pergunta focou na questão de se os sujeitos da pesquisa já haviam realizado algum tipo de atividade tradutória envolvendo o japonês e para qual propósito. Na realidade, de todos os participantes, apenas três informaram que nunca tinham feito nenhum tipo de tradução. Entre os outros, sete haviam realizado essa atividade com a finalidade única de estudo ou entretenimento, através da tradução de Mangás ou de músicas e quatro tinham feito traduções para *fansubs*<sup>12</sup> de maneira informal. Desses últimos, somente um relatou ter realizado traduções com uma variedade maior de gêneros textuais, tais como resumos acadêmicos, slides de palestras e artigos publicitários.

É importante notar que, em sua maioria, os sujeitos da pesquisa tiveram, por razões diversas, contato com a atividade tradutória do japonês para o português. Apesar de alguns terem tido uma maior experiência com essa atividade em relação a outros, notou-se, no decorrer do minicurso, que a prática da maioria se deu, realmente, de modo bem informal e sem uma base que os norteasse para a sua realização. Dessa maneira, o grupo, com a exceção de poucos, acabou iniciando as atividades propostas de uma maneira nivelada e, portanto, as ideias e crenças sobre a tradução eram, de certa forma, similares.

A quarta questão inquiriu os alunos sobre questões linguísticas referentes à língua portuguesa e japonesa e como as características dessas línguas, com foco no japonês, poderiam facilitar ou dificultar o processo tradutório. Dentre as respostas dos participantes, encontramos opiniões referentes às nuances da língua japonesa, à polissemia dos vocábulos,

---

<sup>12</sup> *Fansub* é a palavra de origem inglesa utilizada para designar grupos de fãs de Anime e Mangá que fazem a tradução e legendagem de histórias desses gêneros de forma independente e, na maioria das vezes, sem a autorização dos criadores das obras.

às questões culturais, aos dialetos regionais, às expressões idiomáticas, às onomatopeias, às estruturas gramaticais como as partículas do japonês, à sintaxe dessa língua, bem como a sua própria escrita complexa, com a predominância dos kanji. É interessante notar que os sujeitos citaram muitos dos pontos abordados durante o minicurso, demonstrando assim que, apesar de não terem uma base metodológica formal em relação às questões envolvidas do fazer tradutório, eles possuíam já uma ideia de como tais questões poderiam sim, de fato, causar problemas para o tradutor durante as suas atividades. Abaixo, trago a resposta de um dos alunos sobre o assunto:

*A ordem das palavras nas orações, a diferença na sintaxe dos dois idiomas e a “nuance” na formalidade da língua japonesa são fatores que dificultam a tradução. No caso da tradução do japonês para o português, dialetos e gírias complicam mais do que no sentido inverso. (Sujeito 1)*

Durante o minicurso de Mangá, essas questões foram trabalhadas com mais cuidado, fornecendo aos alunos teorias e práticas que pudessem despertar uma consciência maior desses pontos tão relevantes na hora de se trabalhar questões de tradução, principalmente que tenham como foco a língua japonesa em toda a sua complexidade linguística e cultural.

A quinta questão abordou a concepção de tradução dos alunos no início do minicurso. Essa pergunta foi de grande valia, uma vez que pudemos ter um parâmetro para analisar como eram as crenças deles concernentes a essa atividade no início das atividades, se ela se reestruturou até o último dia de aula e como se deu tal processo. Essa resposta foi obtida com a análise do questionário 2.

A partir das respostas encontradas nos questionários, foi constatado que os participantes possuíam ideias abrangentes sobre o ato tradutório, mas a maioria deles toca em um ponto comum, que é a transmissão da ideia do texto original para o texto traduzido. Dos quatorze sujeitos, quatro já mencionaram em suas respostas a questão da adaptação, enquanto os outros se restringiram a uma opinião mais simples de que traduzir é uma habilidade cuja função é representar o original e, por vezes, assumir uma função mais pragmática. Abaixo, trazemos algumas das respostas que exemplificam essas questões:



*Traduzir é diferente de dicionarizar pela necessidade de adaptar o significado das palavras de acordo com o contexto e não necessariamente por uma definição. Na maioria dos casos, a chamada 'tradução literal' não é a mais adequada. (sujeito 1)*

*(traduzir é) passar a ideia do texto para a língua nativa do leitor, sem que se perca o significado original. (sujeito 2)*

*Traduzir textos é importantíssimo. Ser alguém capaz de transmitir uma mensagem de uma língua para outra enaltece o indivíduo e fortalece a comunicação e interação com diferentes povos. (sujeito 3)*

Percebemos que, para o sujeito 1, cujo contato com a tradução, de acordo com seu questionário, era mais constante, já possui uma consciência maior do que seria a tarefa da tradução. O sujeito 2, que vai ao encontro da opinião da maioria dos participantes, tem uma visão mais tradicional e, como já abordado na parte teórica do presente trabalho, possui a ideia de que tradução é “produto” que pode ser transportado de uma língua estrangeira para outra sem que outros fatores estejam envolvidos. O sujeito 3, por sua vez, encara a tradução como uma forma de comunicação e interação entre os indivíduos de povos diferentes, trazendo, então, uma concepção que vai além da questão linguística.

Todas essas ideias foram trabalhadas no decorrer do minicurso e organizadas através das teorias explanadas e das discussões oriundas da realização das atividades que tiveram a função de levantar, através da prática, questionamentos de assuntos sobre os quais os alunos não possuíam muito domínio ou noção.

A última questão abordou os fatores que devem ser atentados durante o processo tradutório, tendo como foco a questão da fidelidade e da recriação do texto traduzido. Dentre as respostas fornecidas pelos alunos, observa-se que alguns se preocupam com o público-alvo, como observamos no relato abaixo:

*A expressão deve ser traduzida para o público alvo, no caso de palavras específicas, jargões, por exemplo, se for o texto de medicina para médicos ou para leigos. (sujeito 1)*

Outros alunos destacaram o fato de a fidelidade ser a peça fundamental da atividade tradutória, ideia essa que vai ao encontro das definições mais tradicionais sobre a teoria da tradução. Como exemplos, temos:

*Fidelidade [ao texto original]. Muitas adaptações acabam fugindo do contexto histórico. (sujeito 2)*

*Traduzir com fidelidade, sem modificar para a sua língua materna, e se o fizer, colocar notas do tradutor. (sujeito 3)*

*Creio que a fidelidade do texto é importante, do ponto de vista de transmitir a ideia que é exposta. Não creio que adaptar a história ao universo do leitor alvo seja correto. (sujeito 4)*

Por fim, observamos que cinco sujeitos descrevem diretamente a sua simpatia pela ideia de que o texto deve passar por uma recriação no momento em que está sendo traduzido. Essas opiniões já demonstram certa clareza por parte dos sujeitos em relação à atividade da tradução, pois, apesar de não terem muita convivência com a tarefa tradutória, já conseguem ter uma sensibilidade a respeito das características complexas dessa atividade. Com a finalidade de exemplificar, citamos:

*Adaptação para o público alvo, pois muitas expressões não fariam sentido se traduzidas ao pé da letra. (sujeito 5)*

*Para mim, seria a adaptação do texto traduzido para o público alvo, [...] claro, sem fugir da ideia do texto original. (sujeito 6)*

*Adaptação que torne o texto adequado ao 'leitor-alvo', que varia desde o absolutamente leigo ao especialista. (sujeito 7)*

Essa última pergunta foi bastante interessante, pois nos forneceu dados para afirmar que, até o início do minicurso, apenas cinco dos sujeitos tinham uma opinião mais amadurecida sobre a tradução e suas características. Durante o minicurso, a questão da fidelidade foi abordada, e outras sobre os mecanismos da recriação do texto quando da sua tradução foram discutidas em grupo após a realização de cada atividade. No próximo tópico, será avaliado o questionário aplicado no último dia de aula e, através de sua análise, teremos um melhor parâmetro para observarmos o desenvolvimento dos sujeitos em relação às ideias até agora expostas e analisadas.

### 3.3.2 Análise do questionário 2

Assim como o primeiro questionário, o segundo foi composto por seis perguntas, todas relativas tanto à questão do desenvolvimento dos sujeitos em relação à competência

tradutória quanto à opinião deles sobre a relevância do minicurso de Mangá. Entre as perguntas, foram retomadas algumas questões inquiridas aos participantes no primeiro dia de aula e já analisadas através do questionário 1, tais como a questão da fidelidade do texto traduzido em relação ao original e questões linguísticas inerentes à língua japonesa.

A primeira pergunta foi relacionada à tradução do gênero Mangá e se ela é eficaz para o desenvolvimento da competência tradutória. Dentre os quatorze participantes, obtivemos respostas afirmativas de todos. Seus argumentos tratavam a respeito de o Mangá ser um facilitador para o aprendiz, dos quais podemos destacar aqueles que diziam ser esse gênero o portador de uma grade carga cultural da sociedade japonesa, ter características que facilitam os primeiros passos do aprendiz se comparado a outras formas de textos, além de a questão imagética ser um ponto positivo para que o desenvolvimento da atividade seja feita de forma mais segura e eficaz para aqueles que não têm ainda muito domínio do ato tradutório. Para ilustrar a opinião dos alunos, trazemos alguns exemplos:

*[...] o Mangá possui um tipo de leitor e é desenvolvido em uma língua muito diferente da nossa. Ao traduzir um Mangá, você começa a pensar na melhor forma de adequar expressões, falas e costumes inexistentes na nossa cultura em uma linguagem que seja de fácil compreensão para o leitor alvo, e isso é algo importantíssimo no trabalho de um tradutor. (sujeito 1)*

*[...] o auxílio das imagens pode ajudar o tradutor a ter uma primeira experiência tranquila e menos difícil se comparada com outros tipos de texto. O Mangá também pode abranger termos variados assim como linguagem diversificada, colaborando para o desenvolvimento da capacidade tradutória e aumento de conhecimento de vocabulário. (sujeito 2)*

*Inicialmente, devido à existência do acompanhamento ilustrado, o processo de aprendizado, no que se diz respeito à tradução, é facilitado, pois reduz-se desgaste e perda de tempo com entendimento do contexto ou pesquisas em dicionários. Além disso, a tradução de Mangás se torna muito mais atraente, por se tratar de uma leitura mais descontraída. (sujeito 3)*

Através dos exemplos, percebemos uma atitude bastante positiva dos sujeitos para com o gênero Mangá, suas características concernentes à linguagem e a própria imagem tornam-se fatores positivos para que as atividades sejam conduzidas de forma prática, trazendo bons benefícios para aqueles aprendizes que estão a iniciar no desenvolvimento da própria prática tradutória.

A segunda pergunta teve como centro de questionamento a competência tradutória e se os alunos consideravam-na importante para os falantes da língua japonesa. Novamente

houve unanimidade positiva de todos os sujeitos com relação a esse questionamento. No geral, as respostas incluíam o fato de a tradução ser uma ponte essencial para a comunicação e, através de sua prática, o falante da língua que faz uso da atividade tradutória acaba por desenvolver uma competência gradual dessa prática ao mesmo tempo em que acumula conhecimentos intrínsecos a ela. Abaixo trazemos alguns relatos dos alunos:

*Uma vez que o objetivo da língua (de qualquer língua/linguagem) é a princípio COMUNICAR, nada mais importante a um portador da capacidade de COMPREENDER uma língua que a capacidade de adaptá-la, transladá-la, traduzi-la e transmiti-la para que o objetivo principal da mensagem seja cumprido. (sujeito 1)*

*[A CT é importante]porque saber comparar casos da língua e até onde há proporcionalidade entre uma e outra pode ajudar na construção de discurso. Também a pesquisa exigida para se executar uma tradução pode colaborar para o acúmulo de conhecimento da própria língua traduzida. (sujeito 2)*

*É necessário saber traduzir em certas ocasiões, principalmente caso você vá trabalhar em áreas onde isso é exigido. (sujeito 3)*

*Com a competência tradutória o falante de japonês poderá traduzir e entender melhor o que se é falado, além de adquirir novos conhecimentos e um vocabulário mais amplo, que é necessário para uma boa tradução. (sujeito 4)*

Esses exemplos ilustram como os sujeitos adquiriram uma opinião de caráter positivo sobre a necessidade da tradução, como relatou o sujeito 3 ao falar da importância do ato tradutório na questão do trabalho, por exemplo. Podemos também destacar as palavras do sujeito 2 quando relata a questão da pesquisa para desenvolver a atividade tradutória e, assim, “acumular” conhecimento a respeito da língua. Isso remete ao que Albir (2005) considera como uma das subcompetências da habilidade tradutória, a de que o sujeito necessita de conhecimentos relativos a aspectos teóricos da tradução, além também da subcompetência estratégica, que auxilia no processo de elaborar o projeto tradutório.

A terceira pergunta questionou os sujeitos sobre quais pontos devem ser levados em consideração pelo tradutor quando ele realiza traduções entre a língua japonesa e a portuguesa. Essa questão já havia sido abordada no primeiro questionário quando aos alunos foi inquirida sua opinião sobre as características das duas línguas que poderiam dificultar a questão da atividade tradutória. Enquanto naquele primeiro momento a maioria dos aprendizes destacou questões de caráter mais linguístico, como expressões idiomáticas, onomatopeias e estruturas gramaticais, nessa terceira questão, respondida após a realização do

minicurso, as opiniões mudaram de foco. Os aprendizes começaram a se preocupar mais com o público-alvo e em fazer as devidas adaptações para que a mensagem do texto pudesse ser transmitida levando-se em consideração fatores extralinguísticos, como podemos observar nos relatos abaixo:

*Saber adaptar a tradução de acordo com o público alvo e de acordo com as situações abordadas em cada texto, aproximando o contexto geral para que os brasileiros possam entender, mas sem desfigurar significados e simbologia japonesa presentes na cultura. (sujeito 1)*

*Deve ser levado em conta a fluidez do texto para passar uma melhor sensação para o leitor. Deve-se lembrar qual é o público-alvo, pois este irá determinar, em certa escala, qual a linguagem a ser utilizada e quais os principais cuidados, como uso ou não de notas de rodapé. (sujeito 2)*

*A cultura e os costumes [devem ser levados em consideração, pois] acho importante a adaptação do texto em termos únicos de cada cultura, mas também acho importante que hajam notas em termos muito específicos para que desperte um maior interesse na cultura. (sujeito 3)*

*São tantos [pontos que devem ser levados em consideração] que preencheriam compêndios inteiros. Autor e personagens (sua posição hierárquica, sua função, idade, época, nível de instrução, região/dialeto, entre outros), gênero do texto, função do texto, público-alvo, prazo para a tradução, características do mercado, mídia de vinculação, número de caracteres, necessidade ou não da fidelidade literal, estilística, vocabulário e técnicas razoáveis a textos educativos ou não, como restrição de vocabulário xulo (ou não). (sujeito 4)*

É interessante notar, por meio dos relatos acima, em especial o do sujeito 4, como a visão dos aprendizes foi modificada durante o desenvolvimento das atividades conduzidas no minicurso de Mangá. Sua opinião, que antes era restrita a fatores inerentes à língua japonesa e suas dificuldades aparentes, foi ampliada para a visão que contempla outros elementos que, durante as aulas, foram explanados e discutidos através da prática tradutória.

A quarta questão levantou o tema da fidelidade do texto traduzido em relação ao original. Aos alunos foi perguntado se o tradutor deveria se preocupar com o público da língua-alvo ou ser fiel às ideias do autor do texto da língua de partida. Como já pôde ser constatada nas respostas dos alunos na questão anterior, a preocupação destes com os leitores do português surgiu no decorrer das discussões em sala de aula e são refletidas nas respostas abaixo:

*Deve-se manter uma fidelidade à história e contexto, mas de forma a se adequar ao público, à linguagem deste. Alguns elementos devem ser mantidos fieis para, além de se transmitir a história em si, ser passada a cultura do local de origem. No geral, deve ser adequado aos leitores para manter o texto mais fluido ao ser lido. (sujeito 1)*

*Na minha opinião, tem que haver o equilíbrio de ambos na tradução. Há partes das tirinhas em que não é possível ser fiel por causa de termos um humor da tira que não corresponde ao público alvo. Também terá momentos em que não se pode desprezar vocábulos relacionados à cultura do país de origem. (sujeito 2)*

*[A questão da fidelidade] depende muito. Cada tradutor leva em consideração diversos pontos e cada um tem a sua maneira de agir e interpretar. Não existe algo como uma tradução original, pois todas têm nexos e cada tradutor “acrescenta” um pouco de sua personalidade ao traduzir. Dessa forma, se constroem laços com o leitor que vem a tê-lo como preferido ou não. (sujeito 3)*

Tomando como base os três sujeitos e suas respostas, percebemos que nenhum deles defende a questão da fidelidade como sendo o único modo de se fazer a tarefa tradutória. Se compararmos com as respostas dadas na questão seis do questionário 1, no qual essa mesma questão foi abordada, tomamos consciência de que a posição dos alunos foi amadurecida em relação a esse tema. Diferentemente daquele primeiro momento quando alguns defendiam a fidelidade ao texto original e poucos haviam mencionado o caráter de recriação do texto traduzido, percebemos, nesse segundo momento, que a percepção deles foi ampliada, uma vez que nenhum dos sujeitos defendeu o “ser fiel” ao texto original como a forma única de se traduzir. Na realidade, como observado nos relatos, a maioria defende uma ponderação entre a fidelidade e a recriação, demonstrando, pois, uma maior consciência do que seria o traduzir.

Alguns alunos, contudo, possuem uma ideia ainda não totalmente amadurecida, como constatamos com o sujeito 2 quando ele menciona “*Não existe algo como uma tradução original, pois todas têm nexos[...]*”. Em nossa visão, não é a questão de todas as traduções teremnexo ou não como o sujeito opinou, pois é sabido que, na realidade, existem traduções que são adequadas e outras que não são, dependendo de suas finalidades. Então, dizer que *todas* as traduções temnexo é uma ideia um pouco errônea. Contudo, apesar dessa ideia equivocada, o mesmo sujeito logo em seguida continua “[...] *e cada tradutor ‘acrescenta’ um pouco de sua personalidade ao traduzir.*” Essa opinião vai ao encontro do que já foi discutido sobre o que afirma Arrojo (2000) a respeito das intenções do autor durante o processo tradutório. Para ela a tradução será sempre, inevitavelmente, a visão do tradutor daquilo que poderia ter sido o texto original.

Pelo discutido acima, observamos o fato de que, apesar de algumas ideias ainda precisarem ser trabalhadas, de fato, a ideia que os alunos possuíam sobre a tradução foi modificada, fazendo com que houvesse um progresso de suas ideias e conceitos que circundam a área da tradução e sua antiga crença sobre fidelidade.

A quinta questão teve por intuito saber dos sujeitos o que de mais relevante eles aprenderam durante o minicurso de Mangá. Essa pergunta nos pareceu relevante para podermos ter uma ideia se realmente houve uma mudança de mentalidade dos alunos a respeito do objetivo metodológico proposto (desenvolvimento da competência tradutória) e como eles tinham consciência dele. Após a leitura de todos os questionários, percebemos que a finalidade a qual nós nos propusemos a alcançar fora atingida. Algumas das respostas à questão cinco seguem abaixo:

*Amadureci profundamente. Aprendi a não ficar preso às traduções literais, pois conversar com um japonês é uma coisa e se expressar em uma tradução é outra. Aprendi a reconhecer e a trabalhar mais os pontos importantes para executar uma tradução de qualidade, apesar de que reconheço que ainda falta muito para aprender. (sujeito 1)*

*[Aprendi] que tradução não é só procurar e escrever o significado das palavras, mas sim dar ao texto naturalidade e emoção. É se importar em tornar o texto compreensível para o leitor sem desprezar o que o autor quis passar no texto e sem desprezar a cultura do país de origem na tradução. (sujeito 2)*

*[Aprendi] que não há tradução sem ponto de vista do tradutor. O tradutor nunca é imparcial. (sujeito 3)*

Creemos que o modo como as aulas foram planejadas e desenvolvidas, colocando os alunos como o centro do processo de aprendizagem foi bastante favorável ao desenvolvimento de seus conhecimentos e ao aprimoramento da habilidade tradutória. Trabalhos em equipe, incentivo à criticidade e discussões em grupo foram alguns dos pontos importantes que, a nosso ver, criaram um ambiente adequado e trouxeram aos alunos novas perspectivas de lidar com uma habilidade a respeito da qual, até então, eles não haviam tido nenhuma oportunidade de ensino voltado para essa área.

A última questão pediu aos alunos que fornecessem suas opiniões a respeito do minicurso de Mangá. Por meio das respostas, poderemos reavaliar o plano de curso e ter um

*feedback* para melhorarmos nossa prática em futuras aplicações didáticas com o foco na competência tradutória. Algumas das opiniões foram:

*Gostei muito! Através desse curso aprendi muitas palavras e expressões japonesas. Além disso, tenho agora outra visão sobre o que é traduzir. (sujeito 1)*

*Excelente. Acredito que outros devam existir para só assim enriquecer ainda mais nossos currículos, sem falar da interação do grupo. A troca de experiências fica visível e só enriquece a cada um envolvido. (sujeito 2)*

*Excelente. Foi uma ótima oportunidade para os alunos exercitarem uma competência que quase nunca é exercitada no curso regular de idiomas. (sujeito 3)*

*Muito interessante e necessário não só para estudantes de língua japonesa, mas para línguas estrangeiras no geral, pois exige uma maior pesquisa e aprofundamento não só na língua, mas em toda a cultura em si. (sujeito 4)*

*Excelente. Me ajudou a entender aspectos da tradução que eu não conhecia ou ignorava, principalmente a adaptação de texto para a transmissão da ideia de forma legível para o público-alvo e a ver com outros olhos, sem criticar, as traduções de outras pessoas. (sujeito 5)*

No geral, todas as opiniões foram favoráveis e os alunos elogiaram a iniciativa de criar um curso para tratar de uma habilidade importante, mas que praticamente nunca é abordada durante todo o curso de japonês da UECE. Em relação a críticas, apenas um dos sujeitos manifestou a opinião dizendo que houve um excesso de exercícios extraclasse. Entretanto, a proposta do plano de curso foi elaborada para que a presente pesquisa pudesse ser conduzida de forma adequada e de forma a fazer com que os dados fossem coletados adequadamente. Dessa forma, a quantidade de atividades passadas tanto para casa quanto para serem feitas em sala foi imprescindível para a condução da pesquisa.

Ao concluirmos a fase de análise dos dados, tomamos ciência de que a realização do minicurso de Mangá, cujo foco foi o de desenvolver a competência tradutória de aprendizes de língua japonesa, foi deveras positivo, pois, através dos testes, traduções, relatórios e questionários, observamos uma melhora na consciência dos tradutores-aprendizes no que concerne ao ato tradutório e, conseqüentemente, o alcance dos objetivos idealizados.

Tínhamos o intuito de defrontar os tradutores-aprendizes com situações comuns na prática tradutória. Por meio das atividades e discussões que foram feitas a cada aula, os aprendizes tiveram a oportunidade de entrar em contato com problemas relativos à questão da



fidelidade linguística do texto, às questões relacionadas à própria língua japonesa e suas particularidades, como código de comunicação, além, claro, de pontos importantes que envolvem a cultura e os hábitos da sociedade nipônica. As atividades não só evidenciaram um aprimoramento da prática da tradução por parte dos alunos, mas também provaram ser um instrumento que evidenciou as deficiências que os tradutores-aprendizes estavam tendo sobre essa prática, permitindo, então, que se fizesse um acompanhamento a fim de sanar tais problemas. Esse olhar crítico sobre a própria atividade é uma das características principais da metodologia da pesquisa-ação, pois ela fornece subsídios para que o pesquisador reflita sobre a sua própria prática, e essa reflexão, trabalhada em conjunto com os aprendizes, foi de grande auxílio para que as traduções se tornassem cada vez mais adequadas a cada aula.

O pré e o pós-teste também se mostraram bastante eficazes, pois forneceram aos alunos a oportunidade de adentrarem em um processo de reflexão entre o momento inicial e final do minicurso. Através da comparação e de um relato crítico a respeito das duas traduções, os aprendizes puderam se autoavaliar e, por meio de dados concretos, ter a percepção da sua própria evolução em relação ao desenvolvimento de suas traduções. Esse instrumento também foi de suma importância para o pesquisador, visto que forneceu a possibilidade de se visualizar o desenvolvimento de cada participante no final do minicurso.

Já os questionários de sondagem foram importantes, pois, do mesmo modo que o pré e pós-teste, foram aplicados no momento inicial e final do minicurso, e, por sua análise, tivemos a oportunidade de constatar a maneira como os sujeitos evoluíram no decorrer do processo de ensino-aprendizagem da tradução. Os questionários tocaram em pontos, de certo modo, obscuros ou até mesmo desconhecidos para os alunos, como a questão de se manter fiel ou não ao texto original, bem como questões relacionadas ao próprio gênero Mangá e sua influência, juntamente com as particularidades oriundas da língua japonesa sobre a tarefa tradutória.

No geral, consideramos enriquecedor a criação do minicurso, pois a sua proposta foi válida e as aulas passaram a ser mais um espaço para que os alunos tivessem a oportunidade de trabalhar com a língua japonesa em uma concepção bastante diferente daquela encontrada por eles dentro da sala de aula do curso regular de línguas. Capacitá-los com outra habilidade, a tradutória, foi bastante gratificante, pois os aprendizes estarão mais aptos a lidar com situações nas quais a tradução se faz necessária. Os dados forneceram, com

bastante clareza, o resultado de que a educação fundamentada em teoria e aliada a discussões e práticas é eficaz e traz bons resultados para que os alunos se tornem críticos de sua própria prática e, assim, desenvolvam traduções adequadas que alcancem a sua finalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução é uma atividade que tem ganhado popularidade e importância nas últimas décadas devido ao contato cada vez maior entre culturas e povos antes muito distantes. O desempenho do usuário da Língua Estrangeira no que concerne à atividade tradutória se torna, dessa forma, essencial para que ele possa lidar com a tradução nos vários contextos comunicativos nos quais ela se faz necessária. Levando-se em conta a competência tradutória (CT), e o fato de ela ainda não ser muito explorada em nosso contexto acadêmico, lançamos uma proposta de minicurso de tradução cuja finalidade foi a de trabalhar essa habilidade com alunos que haviam terminado o ensino básico de japonês no curso de extensão em língua japonesa da UECE. Propusemos, então, fazer o uso do Mangá como gênero textual utilizado nas atividades de tradução.

Inicialmente, escolhemos histórias de Mangá do estilo *one-shot* por serem curtas e com a possibilidade de poderem ser trabalhadas de forma adequada dentro da proposta do minicurso. A partir desse ponto, utilizando a metodologia da pesquisa-ação, cuja característica principal é a de se aprimorar a prática através de tentativas contínuas e sistemáticas, escolhemos quatro instrumentos de coleta. Eles foram utilizados com o intuito de coletar os dados para a observação dos tradutores-aprendizes no que concerne ao seu desenvolvimento da capacidade tradutória.

O primeiro instrumento foi a comparação da mesma tradução feita pelos aprendizes no primeiro e no último dia do minicurso de Mangá (pré-teste e pós-teste). Tivemos a oportunidade de observar a evolução dos alunos que, no começo, praticamente não tinham nenhuma familiaridade com a tarefa tradutória e, no final das atividades, já demonstravam mais desenvoltura em lidar com os vários elementos necessários para se realizar uma tradução de forma apropriada. As suas escolhas durante o desenvolvimento das traduções se tornaram mais seguras e, apesar de às vezes ainda cometerem alguns deslizes na questão de adequação, é fato que os aprendizes se tornaram mais capazes de escrever seu texto com mais fluidez e naturalidade.

O segundo instrumento de coleta utilizado foi o conjunto de treze atividades de tradução realizadas durante o minicurso de Mangá. Essas atividades foram trazidas aos alunos

com o intuito de apresentar pontos dificultosos com os quais o tradutor precisa lidar quando da realização de sua atividade. Questões linguísticas e extralinguísticas foram bastante debatidas e, através de discussões em grupo a respeito de pontos importantes inerentes ao fazer tradutório, tivemos, de forma gradual, um aprimoramento das escolhas feitas pelos alunos, pois, com o passar do tempo, eles começaram a traduzir de forma mais adequada. Ademais, os aprendizes demonstraram considerar mais a naturalização de seu texto para o português, ponderando questões relativas ao texto original e sua cultura ao mesmo tempo em que se preocupavam com o seu público-leitor.

Os relatórios, terceiro instrumento de coleta, surgiram como ponto de apoio para que nós pudéssemos acompanhar, através dos relatos dos alunos, o modo como eles se comportavam e lidavam com as atividades de tradução e suas dificuldades. Esse instrumento mostrou-se bastante útil, visto que pudemos fazer um paralelo entre o que observávamos nas traduções dos participantes e o modo como eles as relatavam. Os relatórios indicavam se, realmente, os aprendizes estavam tendo uma evolução em suas escolhas bem como nos davam uma visão a respeito do modo como eles observavam e autocriticavam a sua própria tradução e a maneira pela qual buscavam solucionar os problemas encontrados.

Por fim, fizemos uso do último instrumento de coleta, os relatórios de sondagem. Esses relatórios foram aplicados no início e no final do minicurso de Mangá e objetivaram, prioritariamente, traçar o perfil dos participantes e entender a sua concepção a respeito da tarefa tradutória. Pela comparação entre os questionários, percebemos que muitos dos participantes não possuíam uma opinião clara ou formada a respeito da tarefa do tradutor, sendo que alguns até defendiam a fidelidade como a forma “correta” de se fazer tradução. Contudo, no final do minicurso, tivemos a constatação de que todos os alunos estavam mais críticos e considerando o contexto do público-leitor da língua-alvo como parte importante da realização adequada de uma tradução.

Tendo em vista os resultados, concluímos que o minicurso de tradução de Mangá influenciou de forma positiva em relação ao desenvolvimento da competência tradutória dos participantes. Os aprendizes, através de uma metodologia que incentivou o autodesenvolvimento por meio de atividades, autorreflexão e discussão do fazer tradutório, tiveram contato e trabalharam com uma habilidade que até então era praticamente desconhecida por eles. Dessa maneira, tendo que enfrentar situações nas quais diferentes

elementos influenciavam suas tomadas de decisão na tradução, os alunos passaram, gradualmente, a ter um reconhecimento holístico, e não mais atomístico, do texto (ALBIR, 2005). Além disso, concomitantemente ao aprimoramento da CT, os aprendizes foram desenvolvendo as cinco subcompetências descritas por Albir (2005) necessárias para que o tradutor desempenhe a sua atividade de maneira satisfatória, sendo elas as subcompetências bilíngue, extralinguística, de conhecimentos sobre a tradução, instrumental e estratégica.

Ao levarmos em consideração o exposto acima, concluímos que a proposta de minicurso de Mangá alcançou os seus objetivos e foi deveras válida, pois forneceu aos aprendizes de língua japonesa da UECE acesso a uma nova habilidade para que pudessem lidar com o idioma japonês através de uma nova perspectiva e em situações nas quais se faz necessário o uso da tradução. Dessa maneira, o presente trabalho atua na área do ensino da tradução, que ainda necessita ser mais bem explorado, e fornece sugestões e ideias para que outras pesquisas com o mesmo enfoque possam ser pensadas e realizadas não somente em língua japonesa, mas em outros idiomas. Além disso, ele se soma a outros trabalhos já realizados no âmbito acadêmico da UECE e que, de certa forma, focam em questões relacionadas ao contexto japonês tanto em sua esfera linguística como cultural.

Gostaríamos, através desta pesquisa, de incentivar outros projetos acadêmicos que tenham por finalidade se debruçar sobre questões relacionadas ao Japão e suas particularidades linguísticas, culturais e sociais, pois sabemos que em nosso contexto regional há uma grande carência de trabalhos dessa natureza. Além do mais, através de conhecimentos que vão se agregando por intermédio desses trabalhos, seremos capazes de, cada vez mais, aprimorar o curso de língua japonesa da UECE e trazer ideias e sugestões fundamentadas em análises concretas para auxiliarem na divulgação e aprendizado do idioma japonês e de sua rica cultura em nossa região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKITA, Kimi. **“A Grammar of Sound-Symbolic Words in Japanese: Theoretical Approaches to Iconic and Lexical Properties of Japanese Mimetics”**. PhD dissertation, Kobe University, 2009. [http://www.lib.kobe-u.ac.jp/handle\\_gakui/D1004724](http://www.lib.kobe-u.ac.jp/handle_gakui/D1004724)

ALBIR, Amparo H. **A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos**. Trad. Fábio Alves. In: PAGANO, A. et al. (Org.). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Ed. UFMG, p. 19-57, Belo Horizonte, 2005.

\_\_\_\_\_, Amparo H. **Enseñar a traducir: metodología en la formación de traductores e intérpretes**. Espanha: Edelsa, 1999.

ALFRANO, Regina. Entrevista. In: Benedetti, Ivone C. e Sobral, Adail (org.). **Conversas com Tradutores: Balanços e Perspectivas da Tradução**. Parábola Editorial, p. 34-43, São Paulo, 2003.

ALLEN, K. **“Japanese Sentence Structure”**. 2000. Disponível em:

<http://kimallen.sheepdogdesign.net/Japanese/senstruc.html>. Data de acesso: 03 de abr. 2012.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução, a teoria na prática**. Ed. Ática, São Paulo, 2000. [1. ed. 1986]

BAKER, M. **Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead**. In: SOMERS, H. (Ed). **Terminology, LSP and translation studies in language engineering in honour of Juan C. Sager**. Amsterdam: John Benjamins, 1996.

BARBOSA, Alexandre. et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. Contexto, São Paulo, 2004.

BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail (org.). **Conversas com Tradutores: Balanços e Perspectivas da Tradução**. Parábola Editorial, São Paulo, 2003.

BERNABE, M. et al. **Kanji in MangaLand. Basic kanji course through manga**. Norma Ed. S.A., v. 1, julho 2007.

BOHUNOVSKY, Ruth. **A (im)possibilidade da "invisibilidade" do tradutor e da sua "fidelidade": por um diálogo entre a teoria e a prática de tradução**. n. VIII, p. 286, 2001/2.

CARR, Denzel. **The New Official Romanization of Japanese**. Journal of the American Oriental Society, v. 59, n. 1, p. 99-102, (Mar., 1939).

COHEN, J.M. **"Translation"**. Encyclopedia Americana, v. 27, p. 12, 1986.

COSTA, M. A. F.; M. F. B. de. **Metodologia da pesquisa: Conceitos e técnicas**. Interciência, Rio de Janeiro, 2001.

- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. Martins Fontes, São Paulo, 2001.
- FILHO, Antonio Carlos Largura. **O processo de aquisição da escrita ideogramática japonesa**. O caso dos alunos do curso de japonês da UECE - Núcleo de Línguas. 2006. 73 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2006.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. Revista Educação e Pesquisa. v. 31, n. 3, p. 483-502, São Paulo, set./dez. 2005.
- HAMANO, Shoko. **The sound-symbolic system of Japanese**. Tokyo: Kurocio, 1998.
- HARVEY, Myrcea Santiago dos Santos. **O uso didático do gênero filme legendado na aprendizagem de leitura de textos do gênero jornalístico/noticioso em inglês: um estudo com alunos de uma escola pública de Fortaleza**. Fortaleza, 2009. 256 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2009.
- HOUSE, J. **Acquiring translational competence in interaction**. In: J. House & S. Blum-Kulka, 1986.
- ITO, Yuka. **Ensino de língua japonesa no núcleo de línguas da UECE: Análise da produção oral dos professores e proposta didática**. Fortaleza, 2010. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2009.
- JAKOBSON, R. **On the linguistic Aspect of Translation**. In: VENITI, L. Translation Studies Reader. Ed. Routledge, p. 113–117, London/ NY, 1952.
- LUYTEN, S. B. **Mangá: O poder dos quadrinhos japoneses**. Hedra, São Paulo, 2000.
- MAILHIOT, G. B. **Dynamique et genèse des groupes**. Paris: Édition de l'Épi, 1970.
- NIDA, E. **Language, culture and translating**. Shanghai: Foreign Language Press, 1993.
- OKA, Arnaldo M. **Anais do XIX encontro Nacional de Professores universitários de língua, literatura e cultura japonesa**. "Tradução e adaptação de Mangás para o português" – Mesa-redonda. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Faculdade de Letras - Departamento de Letras orientais e eslavas - Setor de letras japonesas. Ed. JBC, 2008.
- OLIVEIRA, M.C.C. de. **A aquisição da competência tradutória ou diplomados x descolado: o que Donald Trump pode nos ensinar sobre tradução**. Tradução e Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores. Universidade Federal de Juiz de Fora, n. 18, p. 23-30, 2009.
- ROWLEY, Michael. **Kanji Pictográfico: dicionário ilustrado mnemônico japonês-português**. Suara Basto (trad.). São Paulo: Conrad, 2003.

SAMPAIO, Patrícia Moreira. **O ensino da tradução do humor: um estudo com as tiras da mafalda.** Fortaleza, 2008. 156 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2008.

SCHÄFFNER, Christina, and Beverly Adab, eds. **Developing Translation Competence.** John Benjamins Library ed. Vol. 38. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 244, 2000. Print ISBN 9027216436(Eur.)/ 1556199856 (US)

SCHODT, Frederik L. **Dreamland Japan: Writings on Modern Manga.** Berkeley, California: Stone Bridge Press, 1996.

SOUSA, Tatiane de Aguiar. **Haikais de bashô: o oriente traduzido no ocidente.** Fortaleza, 2007. 136 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-CE, 2007.

TAGNIN, Stella S. O. **O humor como quebra da convencionalidade.** Revista Brasileira de Lingüística Aplicada, v. 5, n. 1, p. 247-257, 2005.

\_\_\_\_\_, Stella S. O. **Expressões idiomáticas e convencionais.** Ed. Ática, São Paulo, 1989.

TANAKA, Ikko. **Japanese coloring.** Libro Port. Co., Tóquio, 1982.

ZANETTIN, Federico. **Comics in translation.** University of Perugia, Italy. St. Jerome Publishing, 2008.



## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A - Questionário 1**

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

1) Há quanto tempo estuda japonês? \_\_\_\_\_

2) Como aprendiz de língua japonesa, você costuma ler mangá? Se sim, com qual frequência você lê e em qual idioma (no original japonês ou em versão traduzida)?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3) Já realizou algum tipo de tradução do japonês para o português ou vice-versa? Caso sua resposta seja afirmativa, que tipo de texto você traduziu e para qual propósito?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4) Em sua opinião, quais as características da língua japonesa e portuguesa que poderiam facilitar e/ou dificultar a tradução de um texto do japonês para o português ou vice-versa?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5) Qual a sua ideia sobre tradução?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6) Em sua opinião, quais os fatores que devem ser atentados durante o processo tradutório? (Ex: fidelidade ao texto original ou recriação do texto traduzido para o público alvo?)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## APÊNDICE B - Questionário 2

1) Em sua opinião, a tradução de mangá é eficaz para o desenvolvimento da competência tradutória? Por quê?

---

---

---

---

2) Você acha a competência tradutória importante para o falante de japonês? Por quê?

---

---

---

---

3) Na sua opinião, quais os pontos que devem ser levados em consideração pelo tradutor quando o mesmo traduz um texto do japonês para o português ou vice-versa?

---

---

---

---

4) Ao realizar o ato tradutório, o tradutor deve tentar ser fiel ao original ou deve adequar a tradução ao público da língua de chegada?

---

---

---

---

5) O que você aprendeu de mais relevante no curso de tradução de mangá?

---

---

---

---

6) O que você achou do curso de tradução de mangá? Por quê?

---

---

---

---

**ANEXOS**

## ANEXO 1 - PARECER CONSUBSTANCIADO

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE

### PROJETO DE PESQUISA

**Título:** O USO DA TRADUÇÃO DE MANGÁ NO ENSINO COMUNICATIVO DE LÍNGUAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA HABILIDADE DA ESCRITA DE APRENDIZES DE LÍNGUA JAPONESA

**Área Temática:**

**Pesquisador:** Abimael Maciel Marques

**Versão:** 1

**Instituição:** Mestrado Acadêmico de Nutrição e Saúde

**CAAE:** 04332912.2.0000.5534

### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

**Número do Parecer:** 58001

**Data da Relatoria:** 18/06/2012

#### Apresentação do Projeto:

O presente trabalho apóia-se nas ideias defendidas por Nunan(1991) e Brown (1994) e tem por objetivo desenvolver uma pesquisa que aborde a tradução com viés pedagógico focando no desenvolvimento da habilidade da escrita de aprendizes de língua japonês através do uso do Mangá. O trabalho tem por base a metodologia da pesquisa-ação e será realizado com alunos de nível pré-intermediário de japonês do curso de extensão em língua japonesa da UECE. Os instrumentos de coleta serão os seguintes: primeiramente será aplicado um pré-teste de tradução envolvendo a back translation, para uma noção de quais são as estratégias utilizadas pelos aprendizes em relação a tradução de mangá levando-se em consideração todas as suas particularidades como gênero textual. Juntamente com o pré-teste, será aplicado um questionário que tem por intuito averiguar quais

as ideias e opiniões que os sujeitos da pesquisa possuíam a respeito da tradução antes e depois da pesquisa e como elas foram modificadas e amadurecidas durante a aplicação das atividades. Através desse instrumento de coleta, os autores tem como objetivo também de vislumbrar algumas ideias por parte dos alunos no que diz respeito à questão do ensino-aprendizagem de LE. No final do curso, será aplicado um pós-teste juntamente com o

questionário original novamente e, dessa forma, uma noção de como os alunos progrediram no decorrer do período em que fizeram parte da pesquisa. Outro instrumento utilizado será o diário de aulas que o pesquisador fará uso a fim de descrever o processo enquanto ele ocorre e, assim, através de seu diário, a obtenção de mais dados para fazer a triangulação e, no final do curso, maior capacidade de fazer um diagnóstico mais preciso dos resultados da pesquisa. Por final, um observador externo acompanhará as aulas, também fará registro de todo o processo e, por conseguinte, dará mais credibilidade ao mesmo. A fim de analisar os dados colhidos durante o desenvolvimento da pesquisa e verificar se as atividades de tradução são positivas no que concerne à aprendizagem da língua japonesa. Um questionário será aplicado com os participantes nesses dois momentos e, assim, ter-se-á dados que indicarão como foi o desempenho dos sujeitos durante o processo e, se de

fato, houve uma melhora no desempenho deles no que diz respeito ao desenvolvimento da habilidade da escrita. Para dar mais confiabilidade aos instrumentos já mencionados, teremos mais outros dois que proporcionarão ao pesquisador fazer uma triangulação e, conseqüentemente, respaldar mais a pesquisa e seus resultados. Haverá dois diários de aulas, um dos quais será trabalhado pelo próprio pesquisador durante o período do curso.

Ele fará anotações de todo o processo e o modo como os alunos vão lidando à medida que novos conhecimentos vão sendo assimilados. O pesquisador terá a chance de analisar o progresso dos sujeitos e, a partir desse ponto, poderá analisar a sua própria prática em sala a fim de detectar possíveis problemas e tentar uma solução. Será também utilizado a transcrição em diário de um observador externo que analisará todo o processo de seu ponto de vista e, por conseguinte, fornecerá mais dados para serem analisados e cruzados com os dados coletados dos outros instrumentos. A partir desse cruzamento de dados será possível para o pesquisador analisar, no final, todo o processo de diferentes fontes, gerando, assim, resultados mais coerentes com a realidade e que, de fato, descrevem o real desenvolvimento dos sujeitos .



**Objetivo da Pesquisa:**

## Objetivo Primário:

- Avaliar o uso da back translation relacionado à tradução do Mangá como forma de desenvolvimento da escrita de aprendizes de língua japonesa.

## Objetivo Secundário:

1) Desenvolver no aluno de Língua Japonesa a habilidade leitora no que tange às diferentes leituras dos ideogramas japoneses; 2) Desenvolver no aluno a compreensão oral em língua japonesa.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

## Riscos:

Não há riscos previstos para a presente pesquisa.

## Benefícios:

A presente pesquisa busca contribuir para o desenvolvimento da habilidade da escrita dos alunos de língua japonesa

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto bem elaborado e poderá trazer contribuições para o ensino-aprendizagem da língua japonesa.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O TCLE para a realização da pesquisa está anexado, contudo não está adequado.

Folha de Rosto preenchida inadequadamente, o vínculo institucional não está coerente.

No TCLE, é imprescindível colocar informações do Comitê de Ética, endereço, telefone e e-mail. Retirar o nome do CEP do cabeçalho, deixar apenas Termo de consentimento livre e esclarecido.

**Recomendações:**

Vincular-se adequadamente a UECE, uma vez que a mestranda é discente do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, e em seguida alterar a Folha de Rosto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A pesquisa é relevante para a área do conhecimento. O protocolo de pesquisa atende aos ditames da Resolução 196/96 do CNS.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

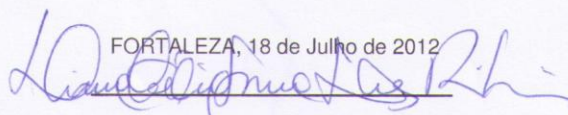
**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O projeto atende plenamente aos ditames da Resolução 196/96 do CNS e foi aprovado em reunião do dia 18/06/2012. Ao final da pesquisa encaminhar ao CEP/UECE relatório.

FORTALEZA, 18 de Julho de 2012



Prof. Dra. Diana Célia Sousa Nunes Pinheiro  
Coordenadora do CEP/UECE



*Diana Célia Sousa Nunes Pinheiro*  
Assinado por:

DIANA CÉLIA SOUSA NUNES PINHEIRO



*[Faint, illegible text from a document, possibly a research protocol or report, with a large vertical wavy line drawn through the center.]*



**ANEXO 2 – TCLE**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada: *O Uso da Tradução de Mangá para o Desenvolvimento da Competência Tradutória de Aprendizizes de Língua Japonesa* que tem como **objetivo** desenvolver nos alunos que concluíram o curso básico de japonês a habilidade da tradução através de atividades tradutórias do gênero *Mangá*. Esta é uma pesquisa qualitativa tendo como base a Metodologia da **Pesquisa-Ação**.

A pesquisa terá duração de dois meses, com o término previsto para 15 de novembro de 2012.

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de atividades e questionários que terão como foco a questão da tradução de Mangá nas aulas de Língua Japonesa.

Sr(a) não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos** de qualquer natureza relacionada a sua participação. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de Ensino de Língua Estrangeira com foco na Língua Japonesa. Sr(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Também disponibilizamos o contato do Comitê de Ética da Universidade Estadual do Ceará. Telefone: (85) 31019890, Av. Paranjana, 1700 – Campus do Itaperi – Fortaleza/CE. E-mail: [cep@uece.br](mailto:cep@uece.br). Desde já agradecemos!

\_\_\_\_\_  
 Dra. Laura Tey Iwakami  
 Universidade Estadual do Ceará  
 Cel: (85)8878-0244  
 e-mail: yet1makawi@hotmail.com

\_\_\_\_\_  
 Abimael Maciel Marques  
 Mestrando em Linguística Aplicada  
 Cel: (85) 9618-1161  
 e-mail: [macielm84@gmail.com](mailto:macielm84@gmail.com)

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_\_

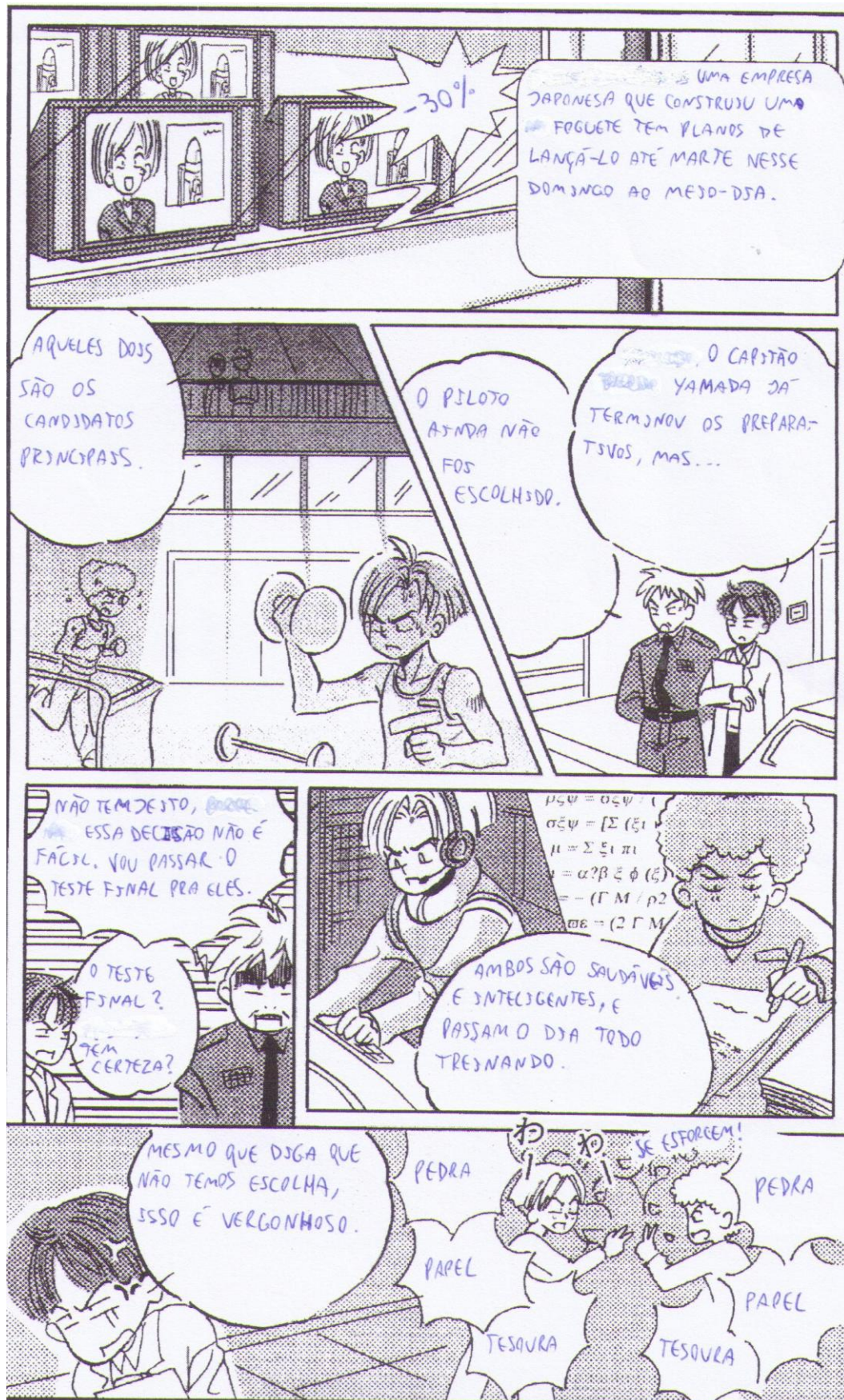
Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: \_\_\_\_\_

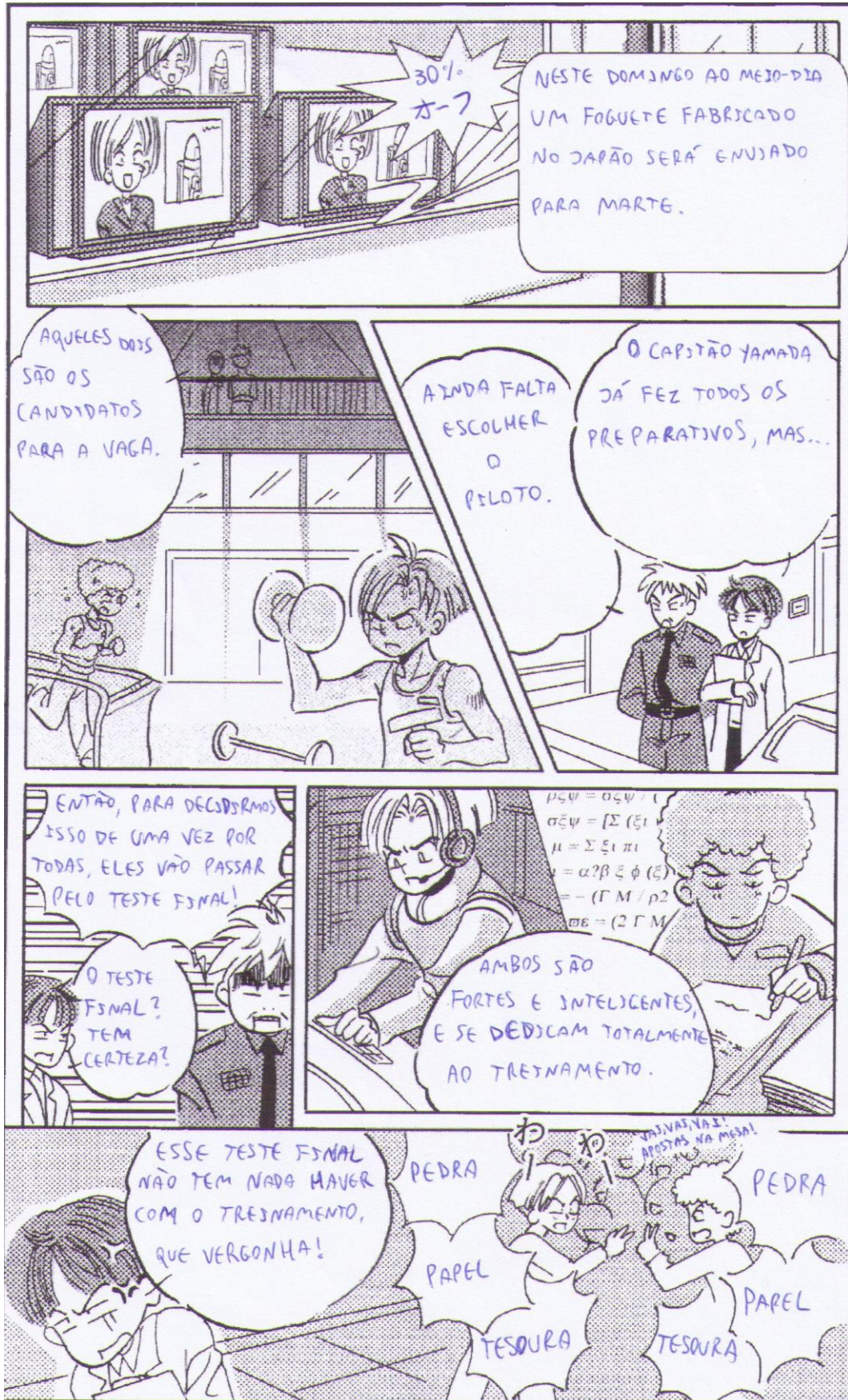
(assinatura)



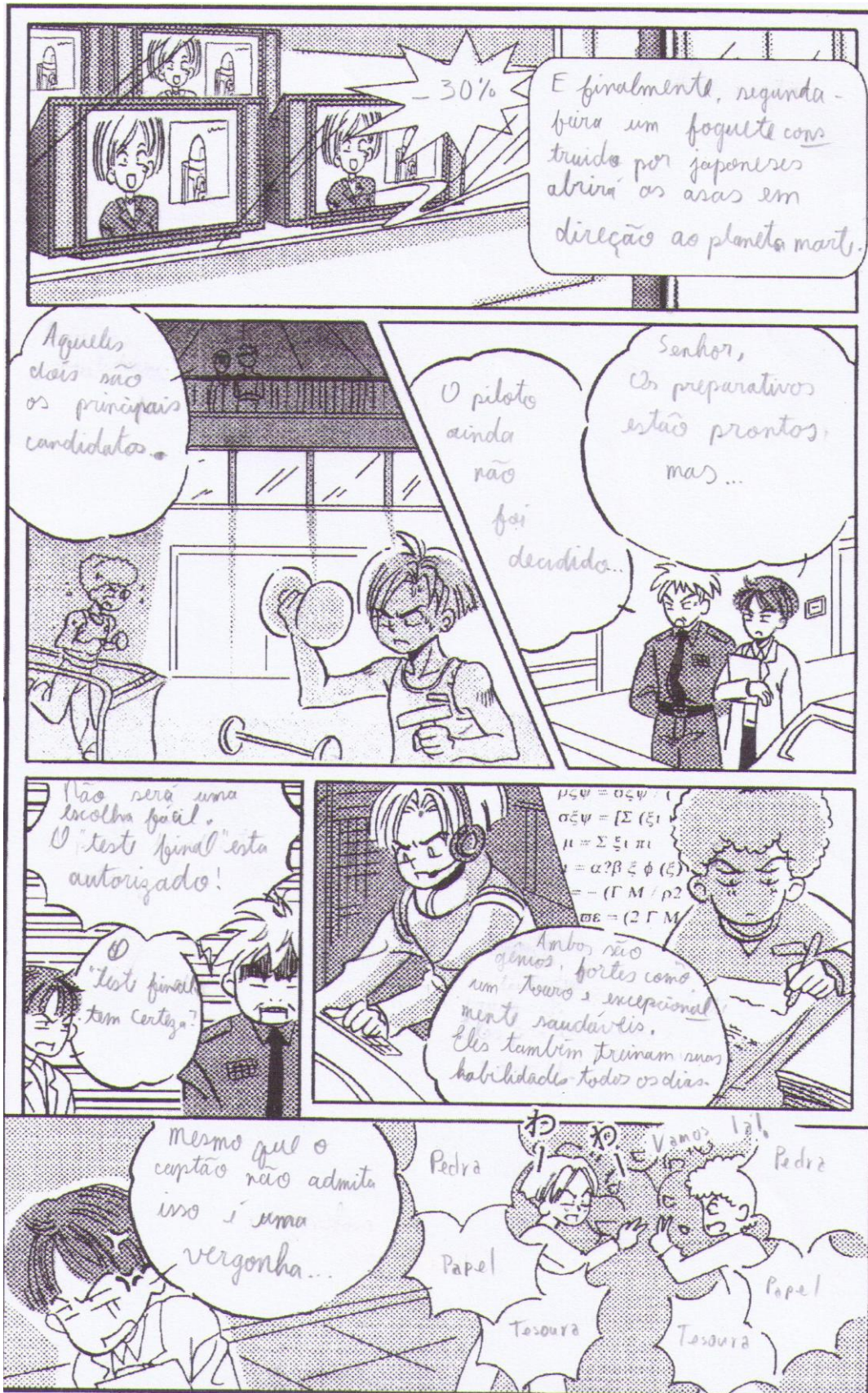
ANEXO 3: PRÉ-TESTE DO SUJEITO 1



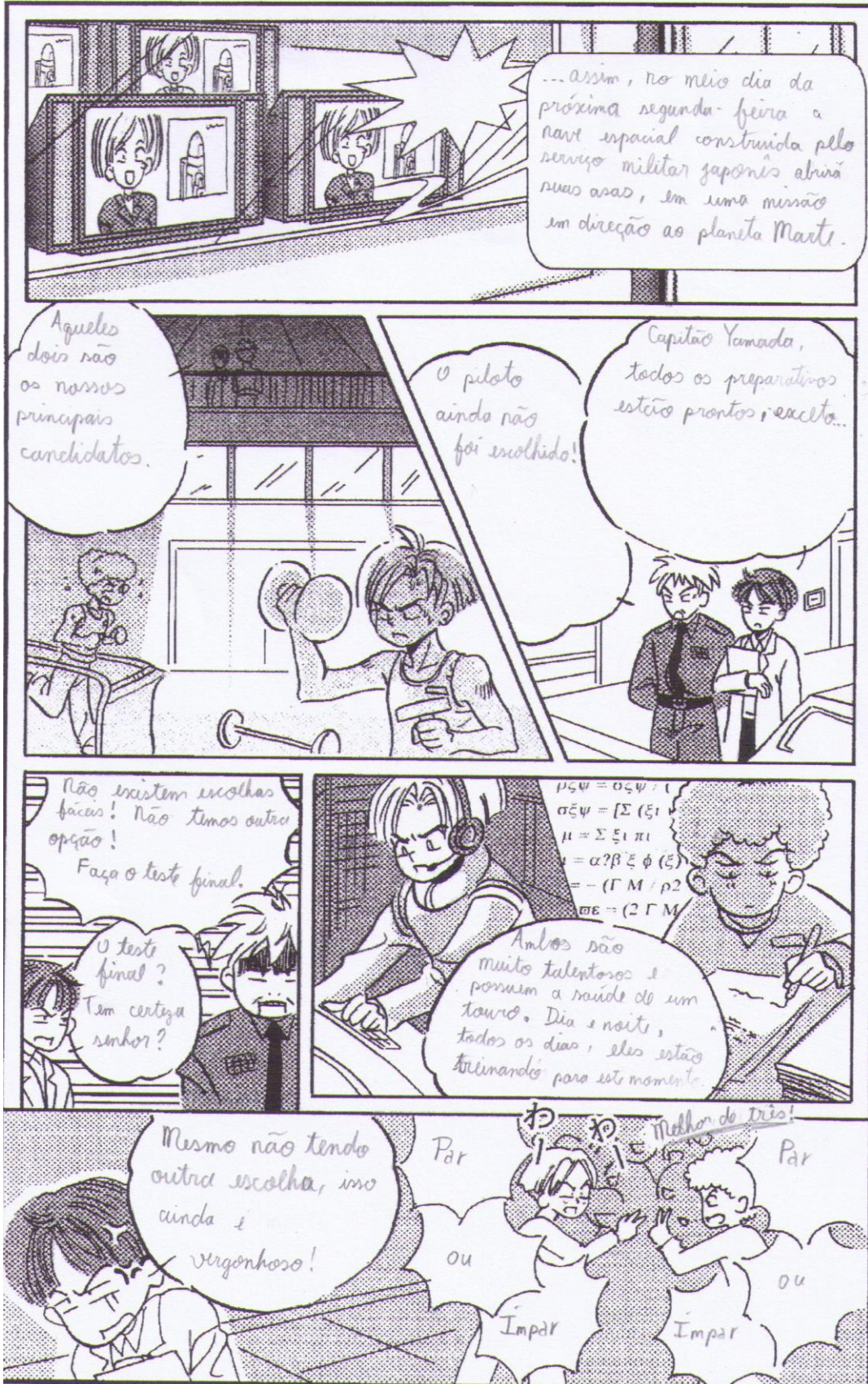
ANEXO 4: PÓS-TESTE DO SUJEITO 1



ANEXO 5: PRÉ-TESTE DO SUJEITO 2



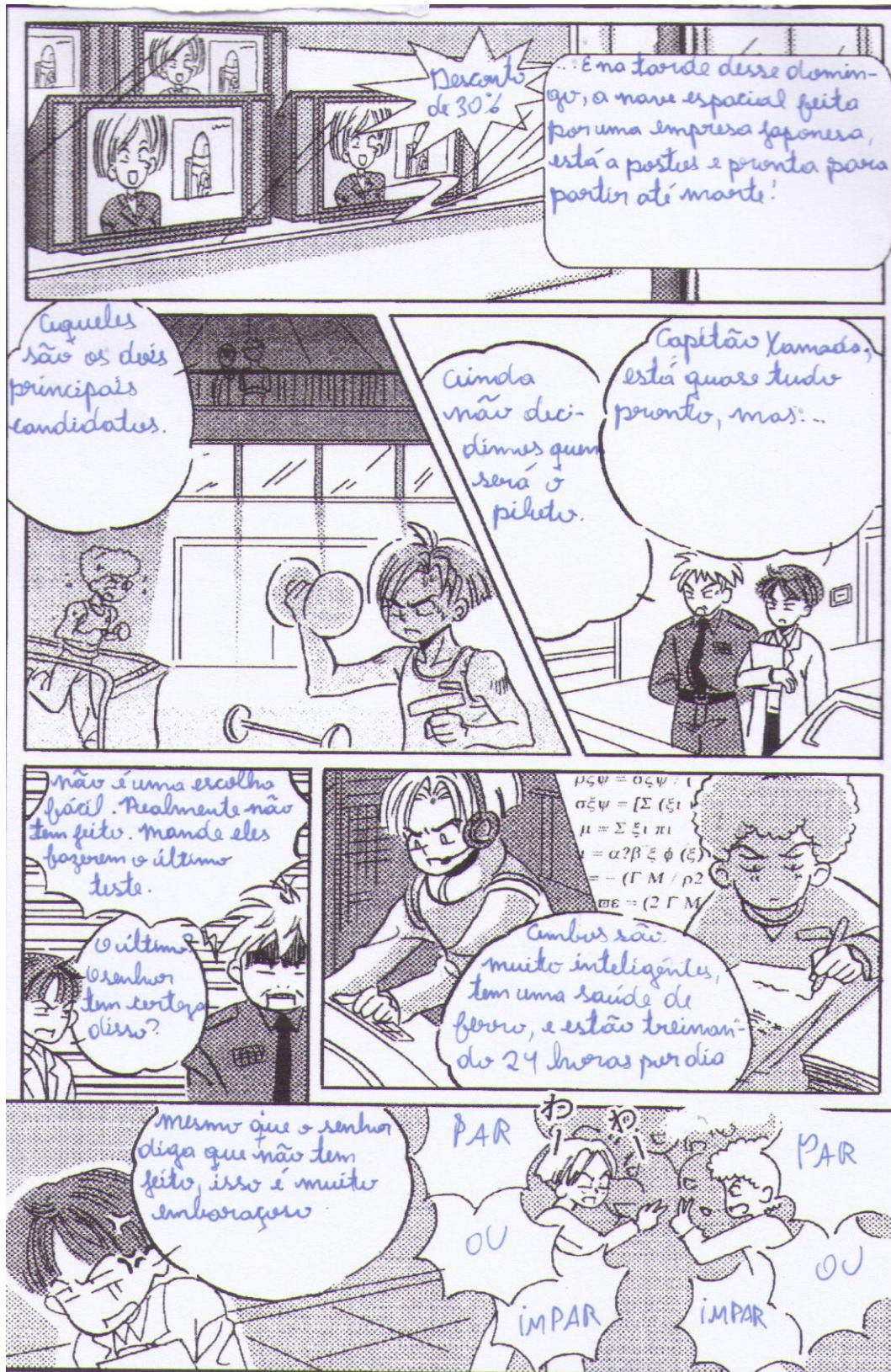
ANEXO 6: PÓS-TESTE DO SUJEITO 2



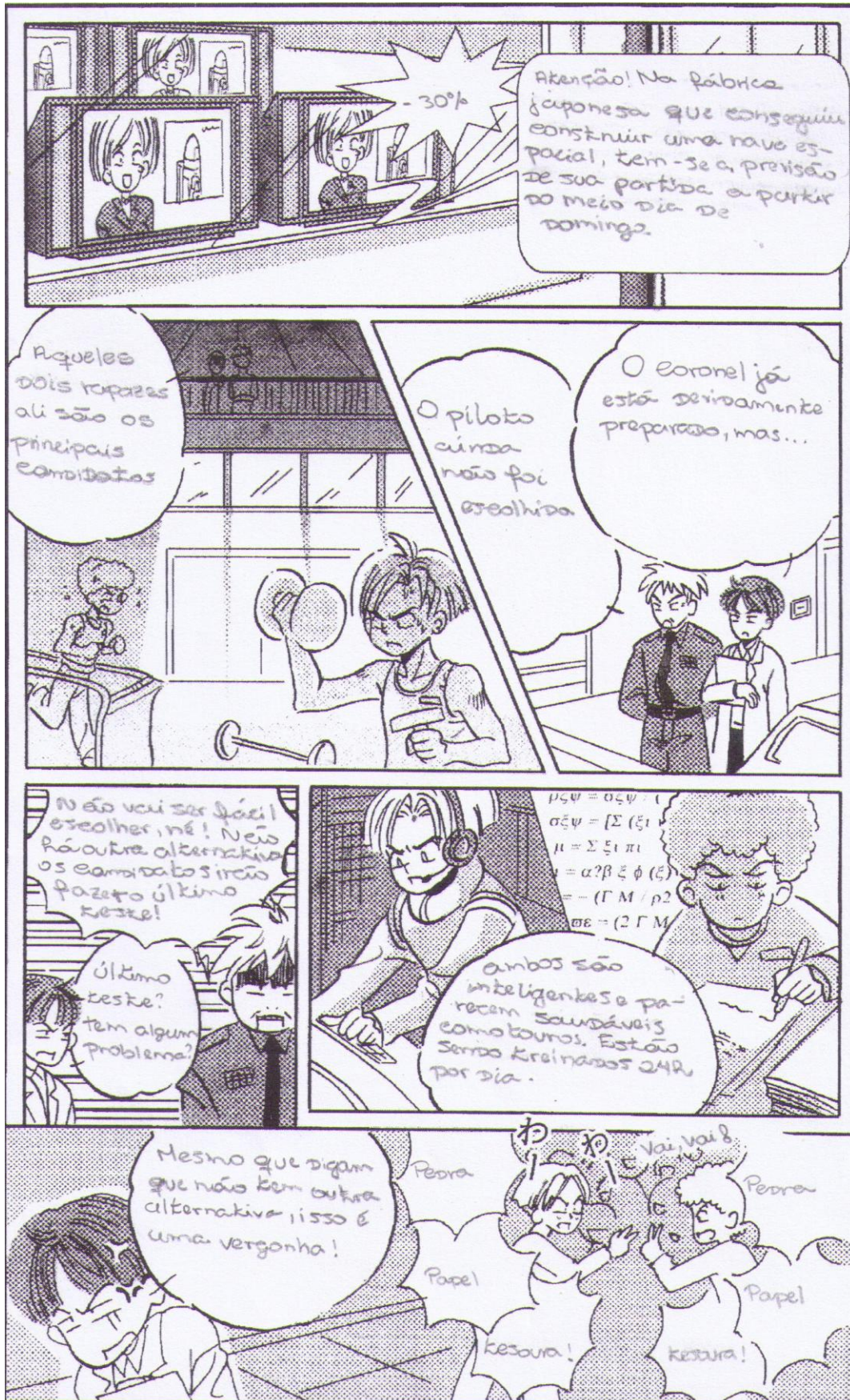
ANEXO 7: PRÉ-TESTE DO SUJEITO 3



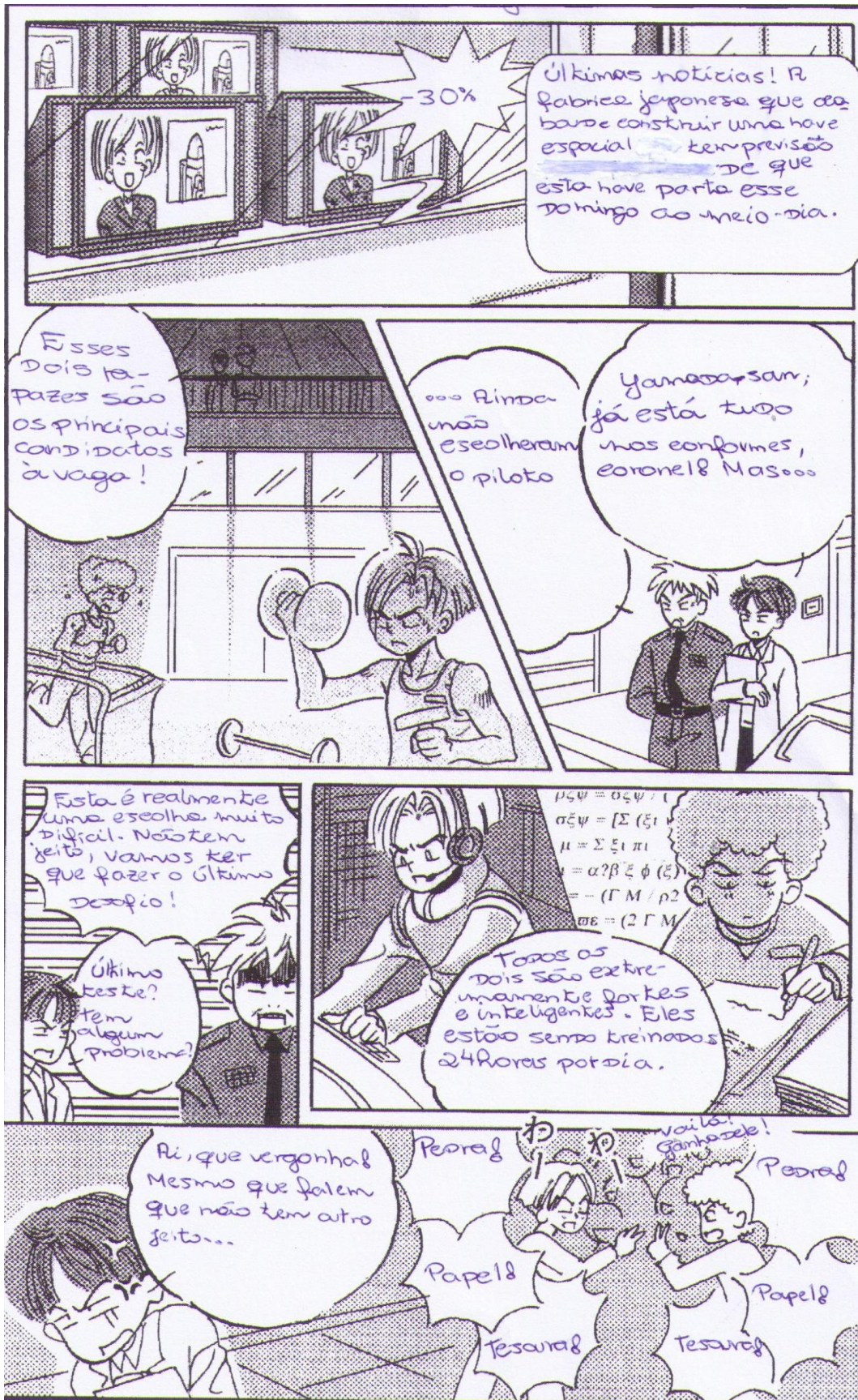
ANEXO 8: PÓS-TESTE DO SUJEITO 3



ANEXO 9: PRÉ-TESTE DO SUJEITO 4

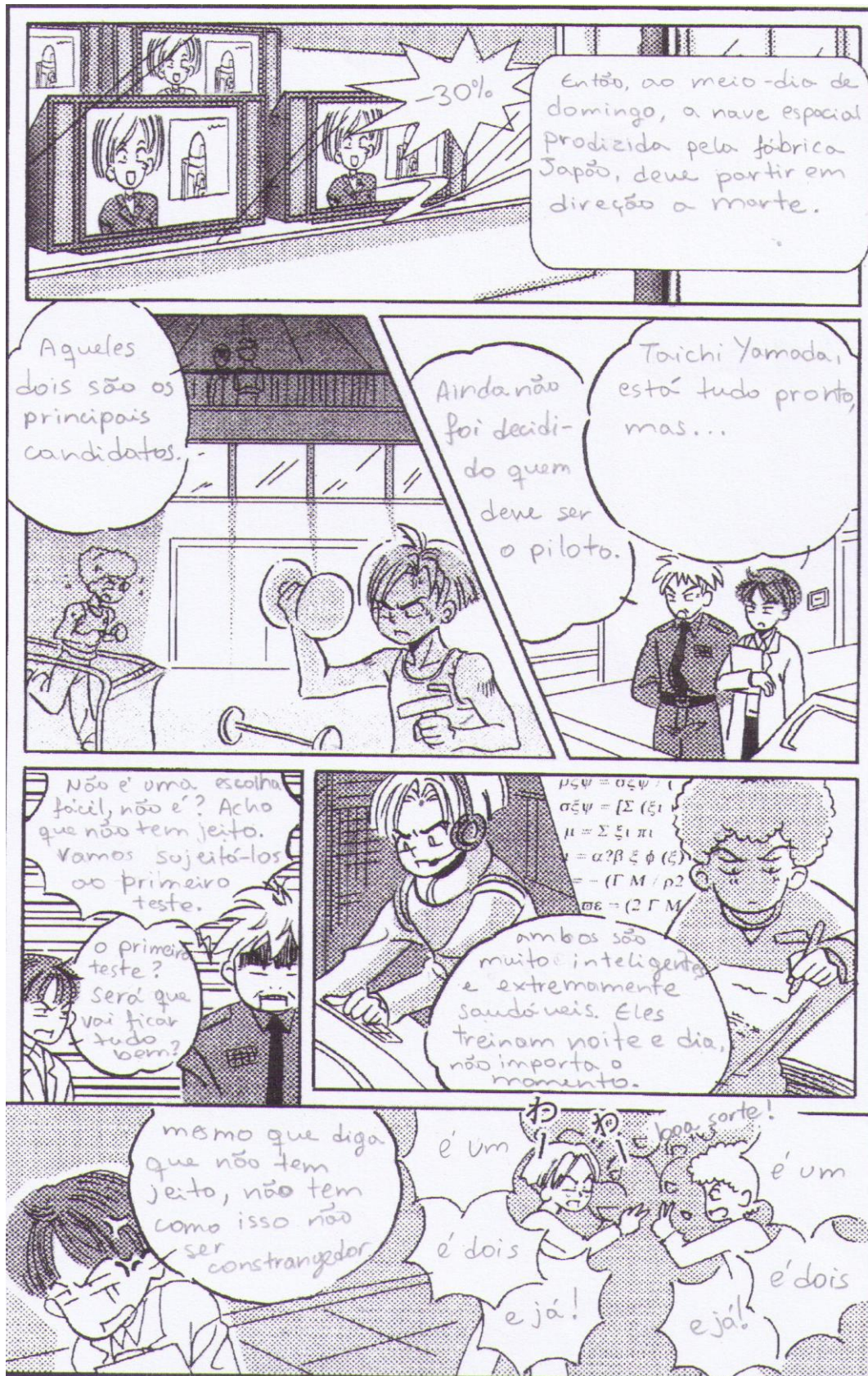


ANEXO 10: PÓS-TESTE DO SUJEITO 4

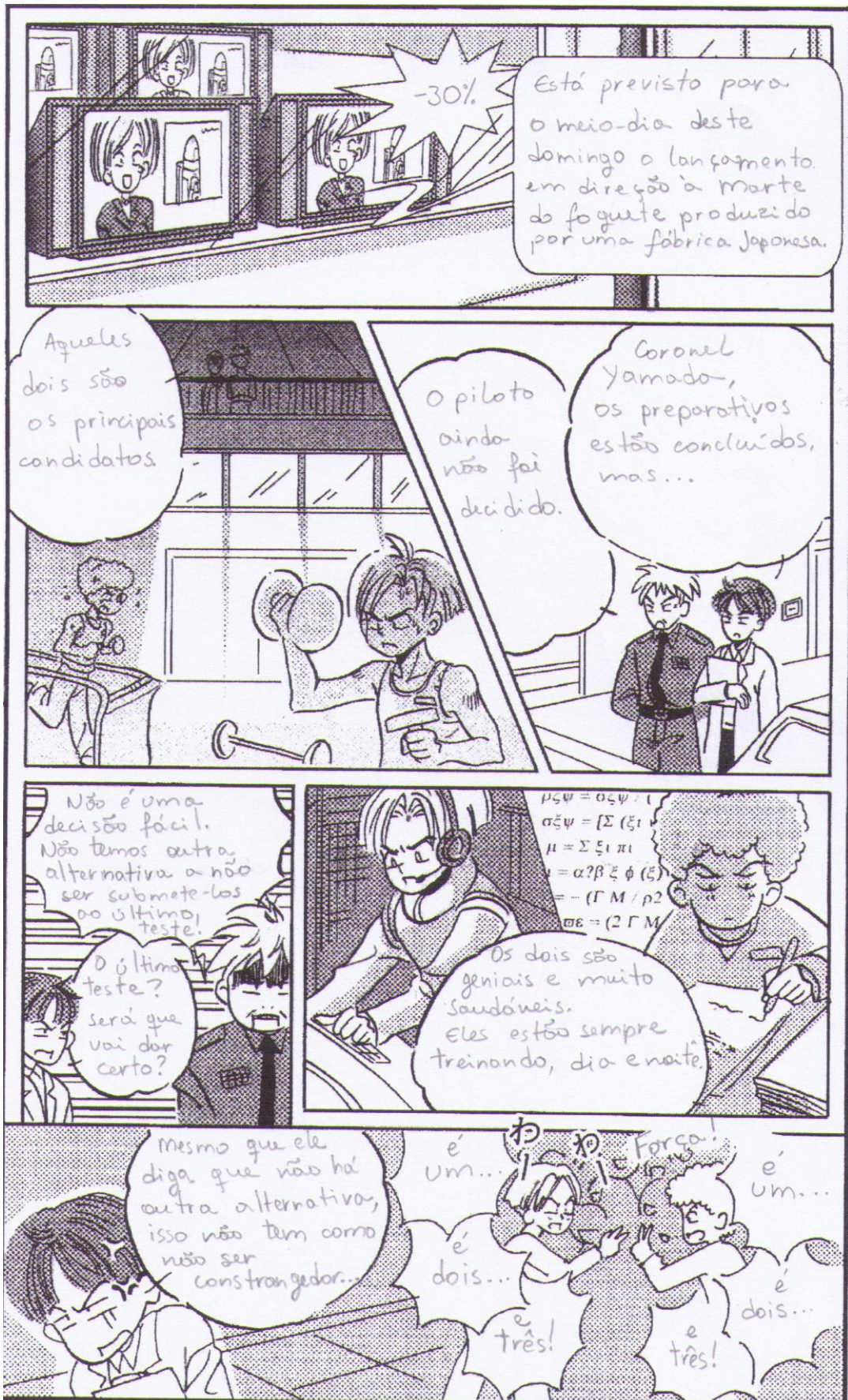




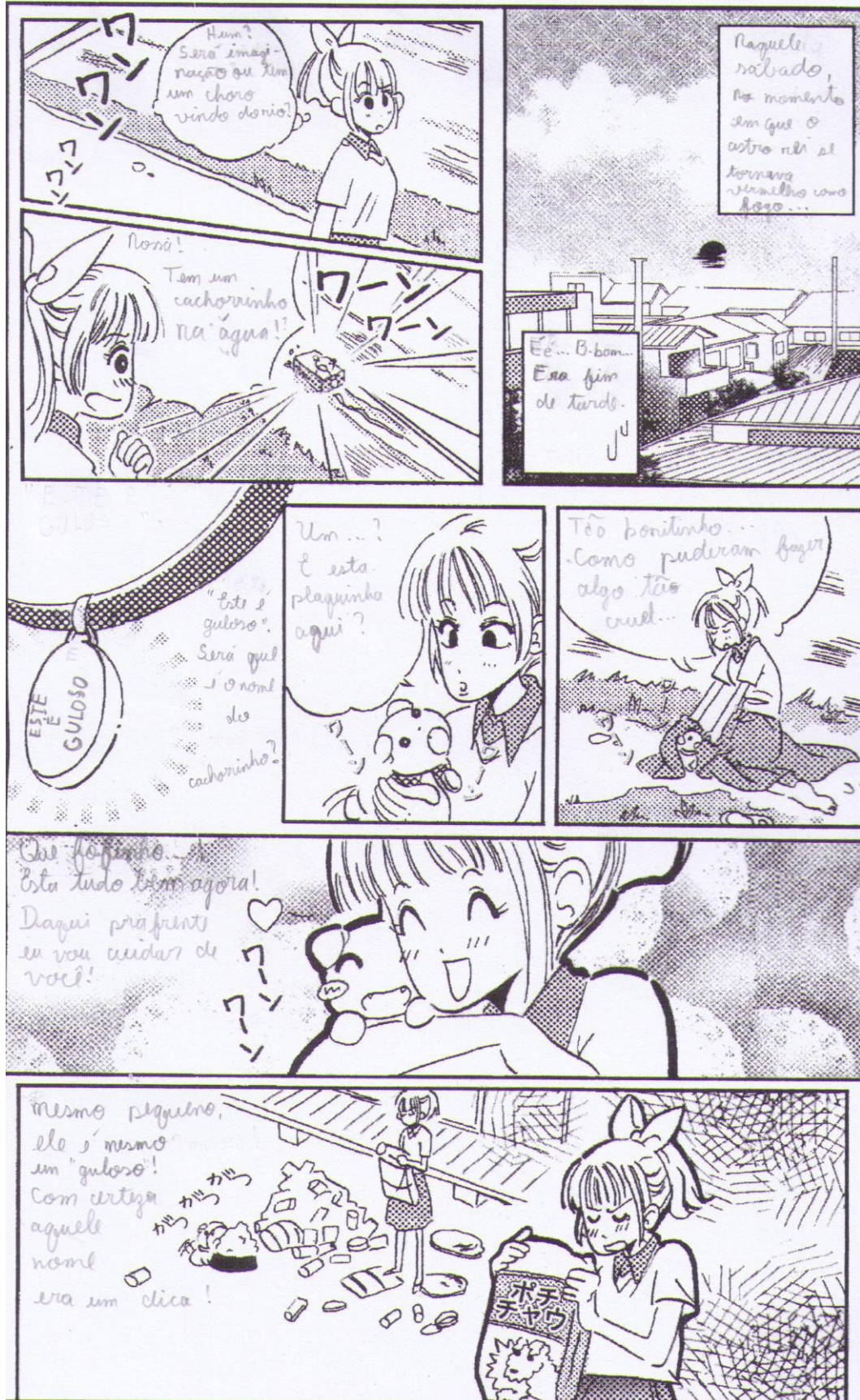
ANEXO 11: PRÉ-TESTE DO SUJEITO 5



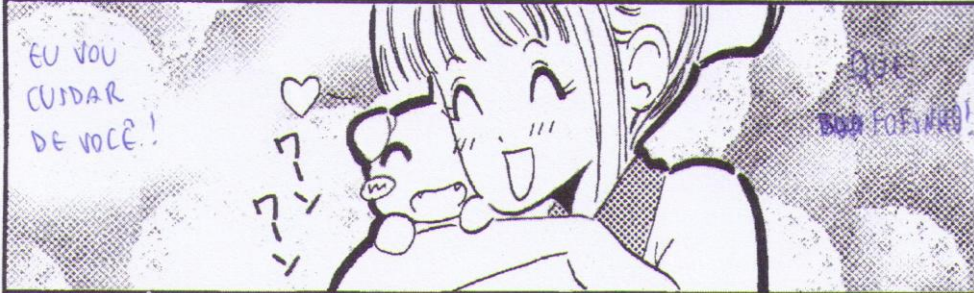
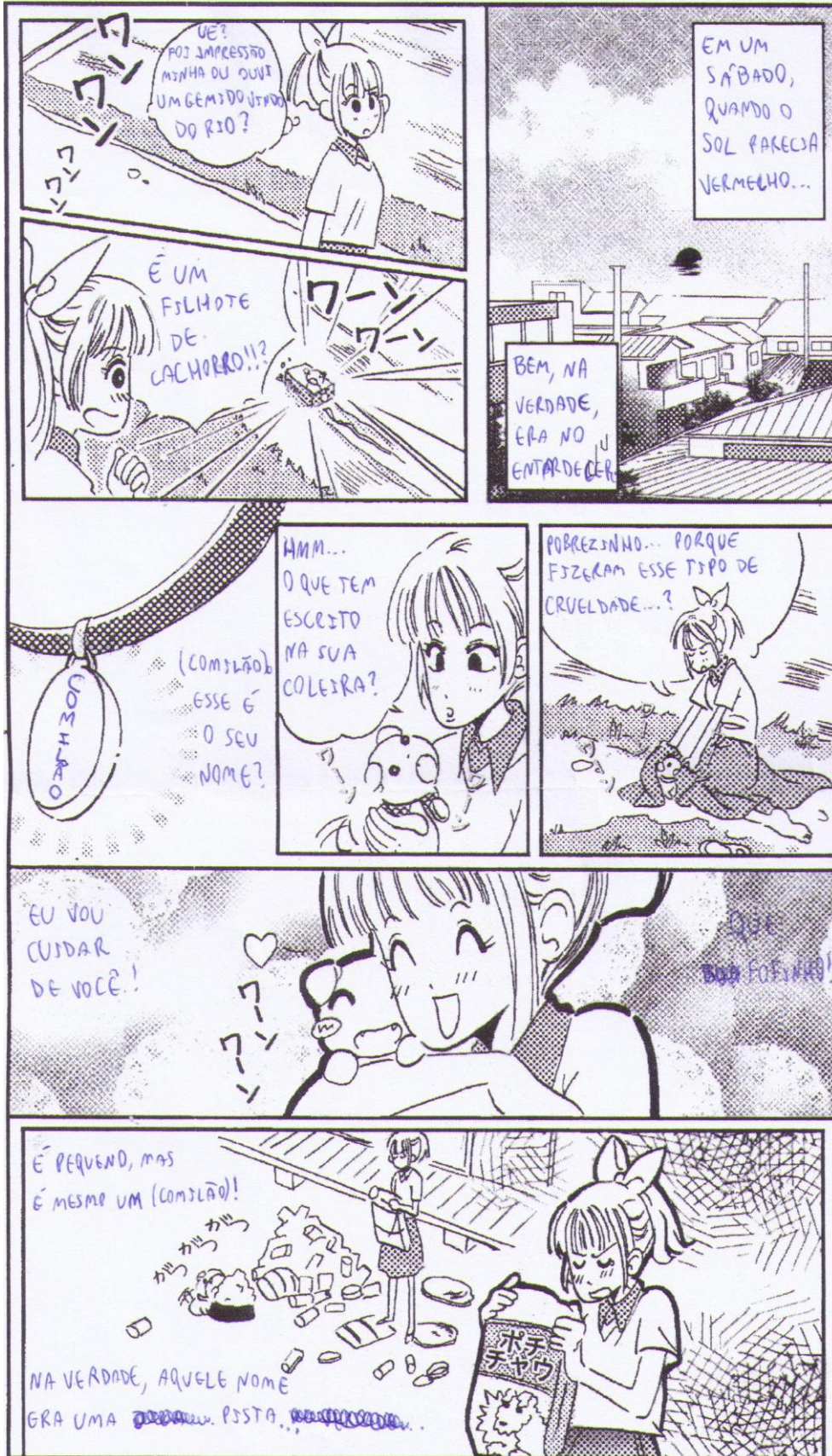
ANEXO 12: PÓS-TESTE DO SUJEITO 5



ANEXO 13: ATIVIDADE 3 DO SUJEITO 1



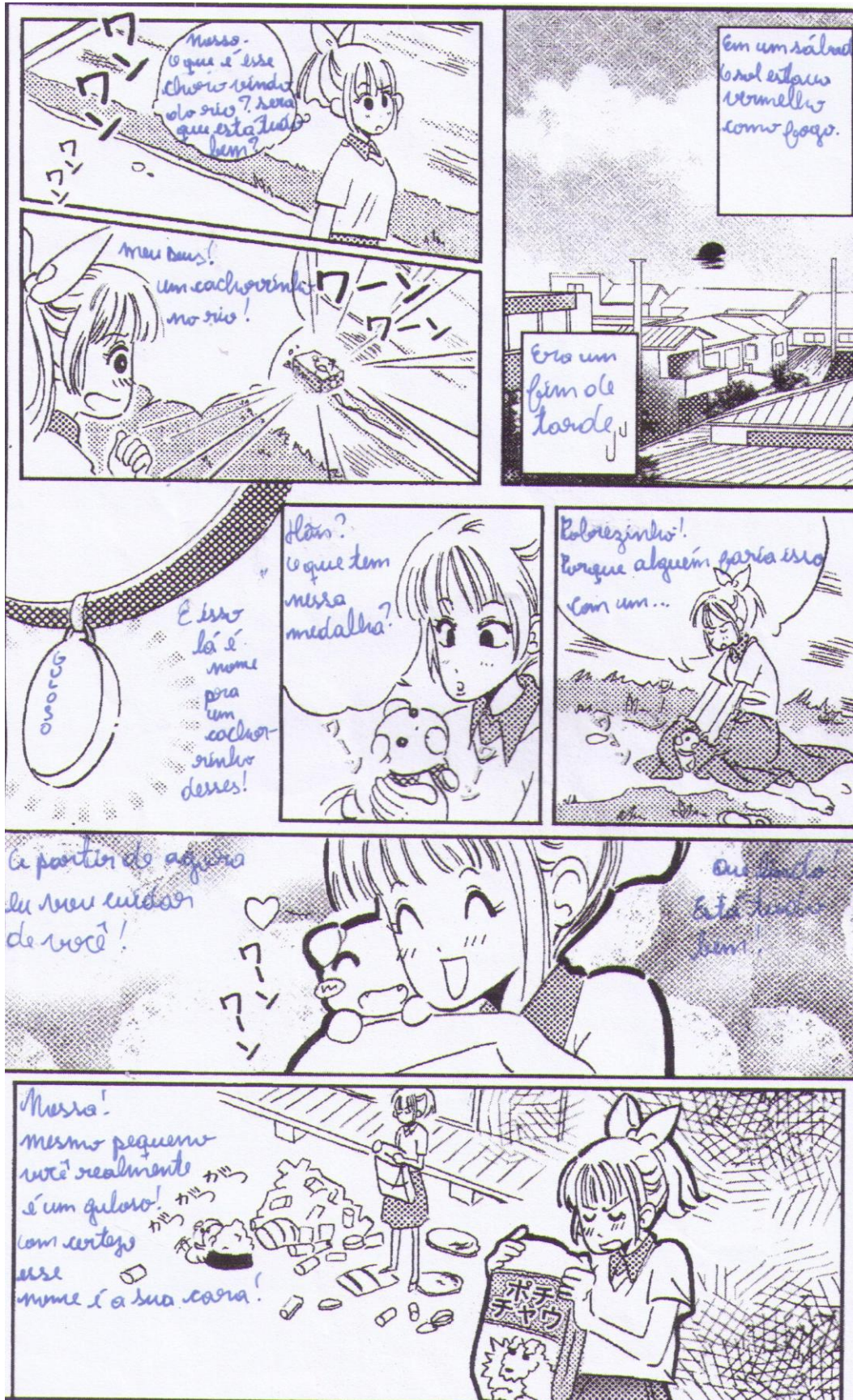
ANEXO 14: ATIVIDADE 3 DO SUJEITO 2



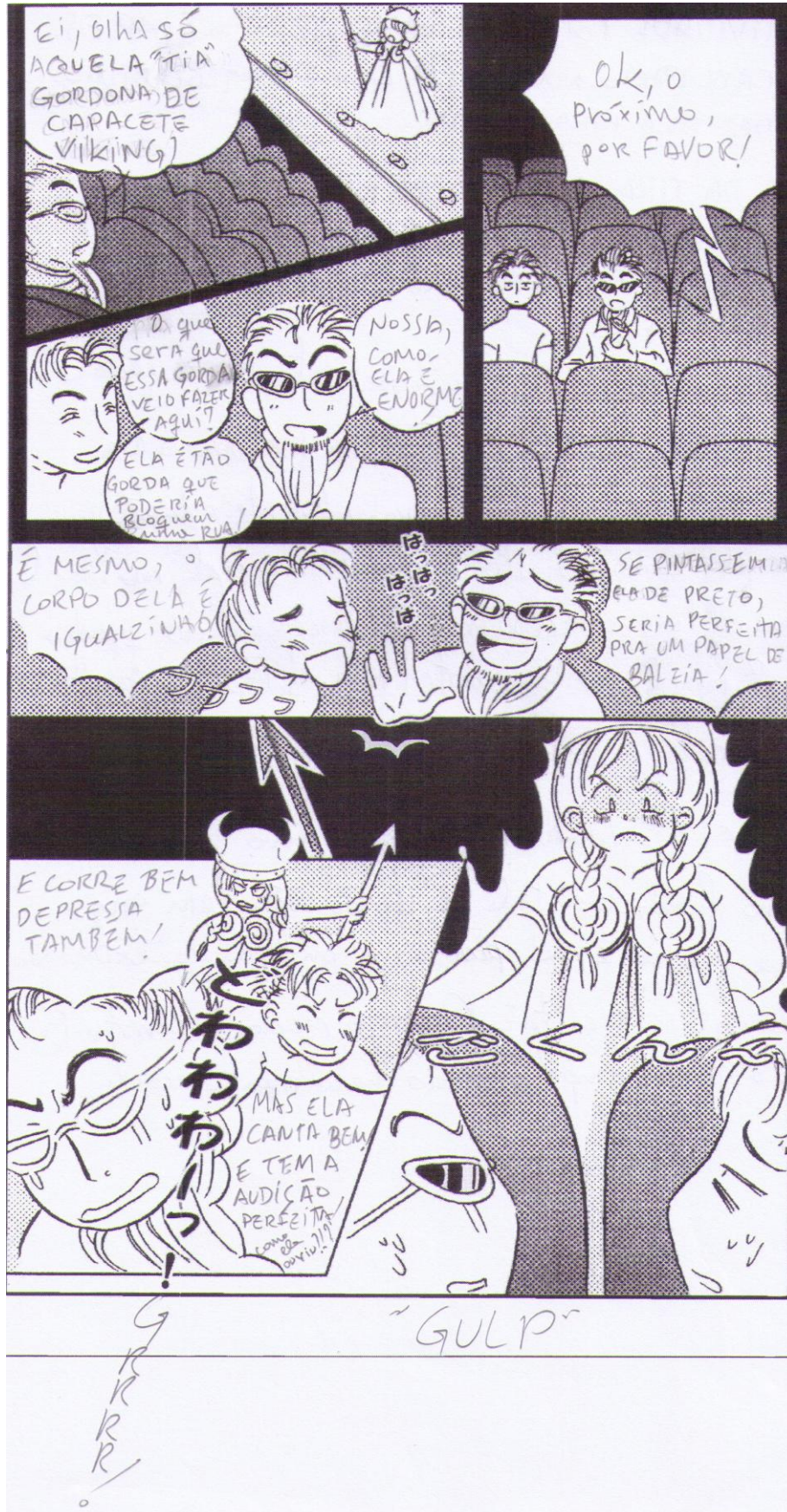
QUE FOFOCO!



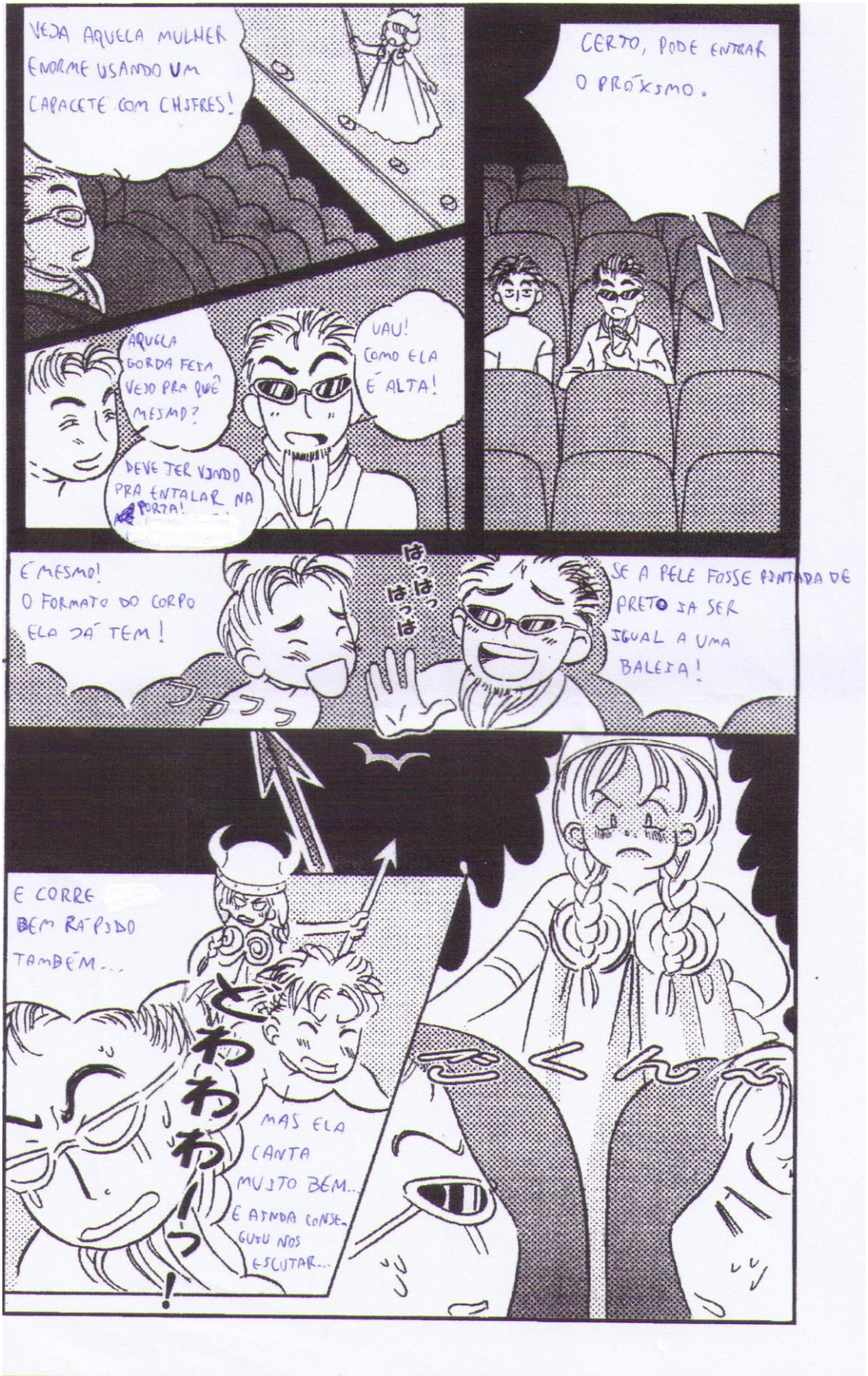
ANEXO 15: ATIVIDADE 3 DO SUJEITO 3



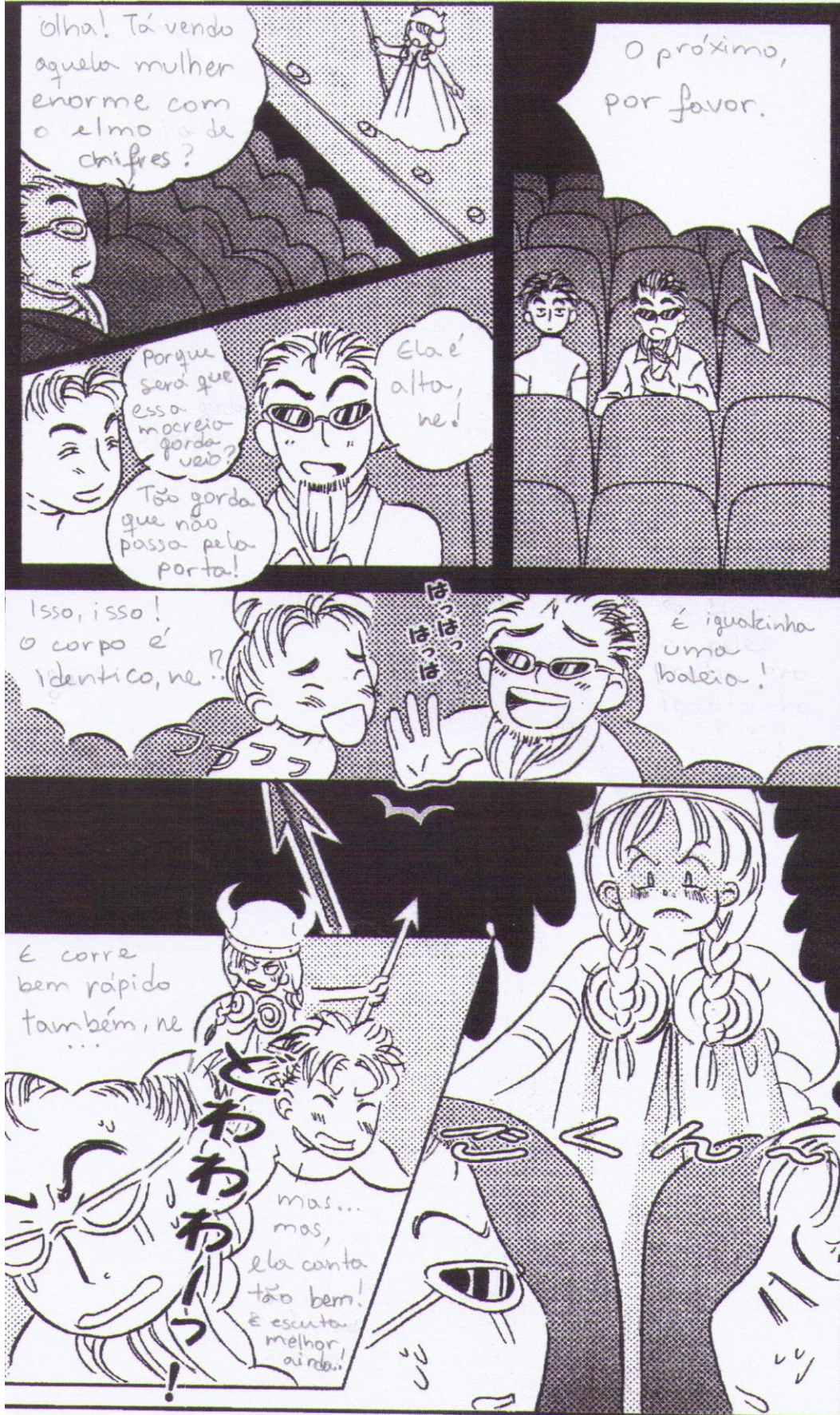
ANEXO 16: ATIVIDADE 5 DO SUJEITO 1



ANEXO 17: ATIVIDADE 5 DO SUJEITO 2

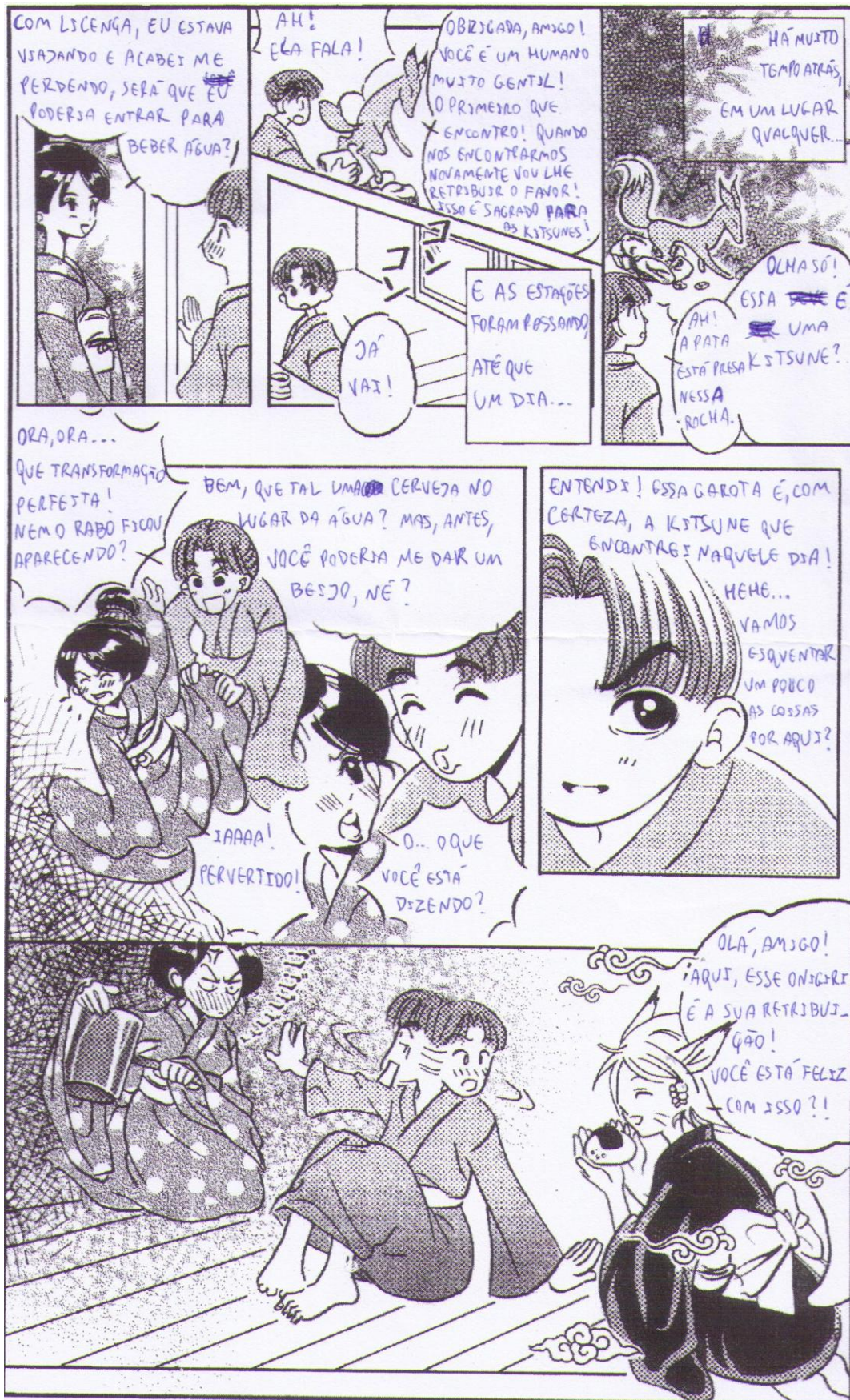


ANEXO 18: ATIVIDADE 5 DO SUJEITO 3

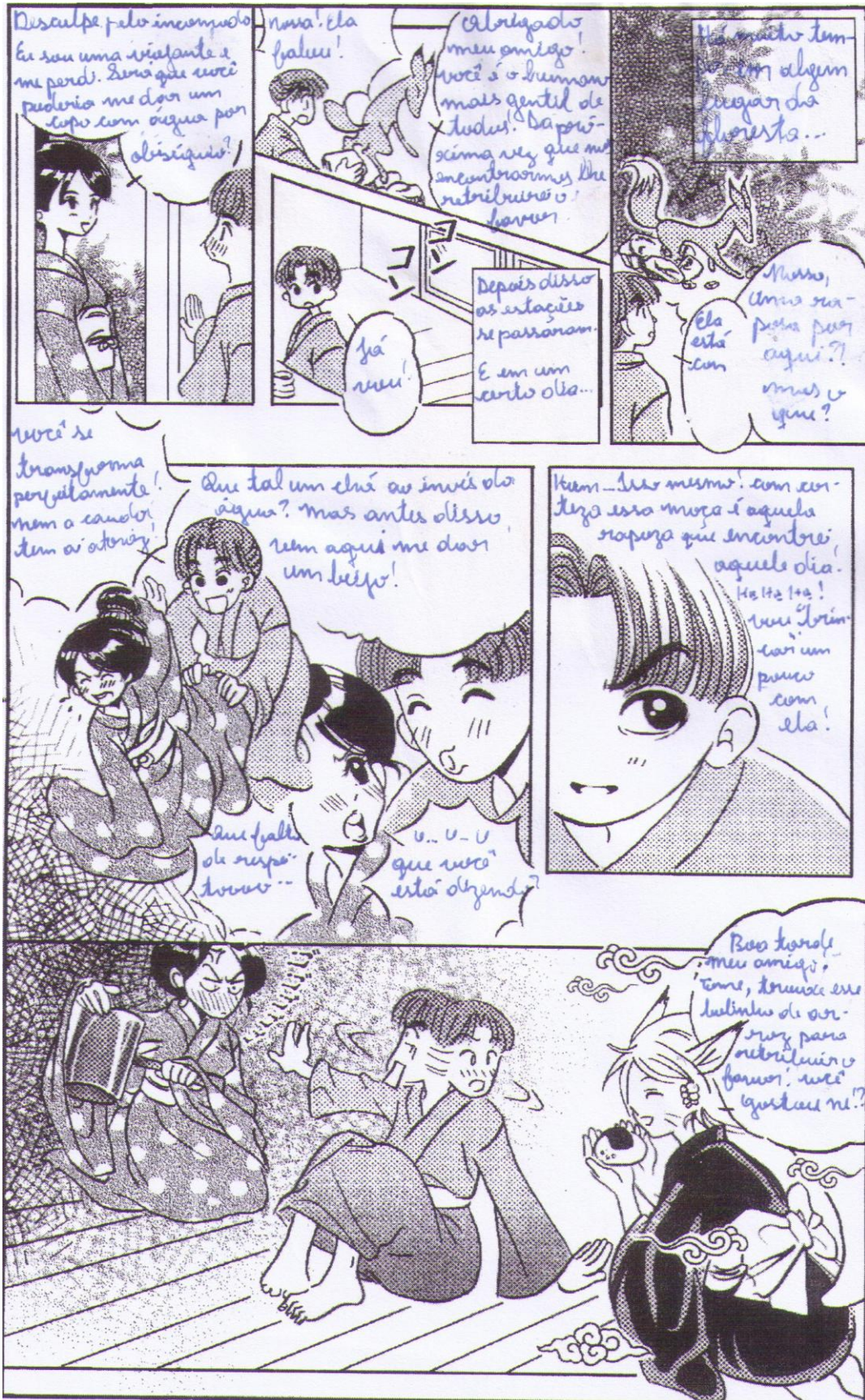




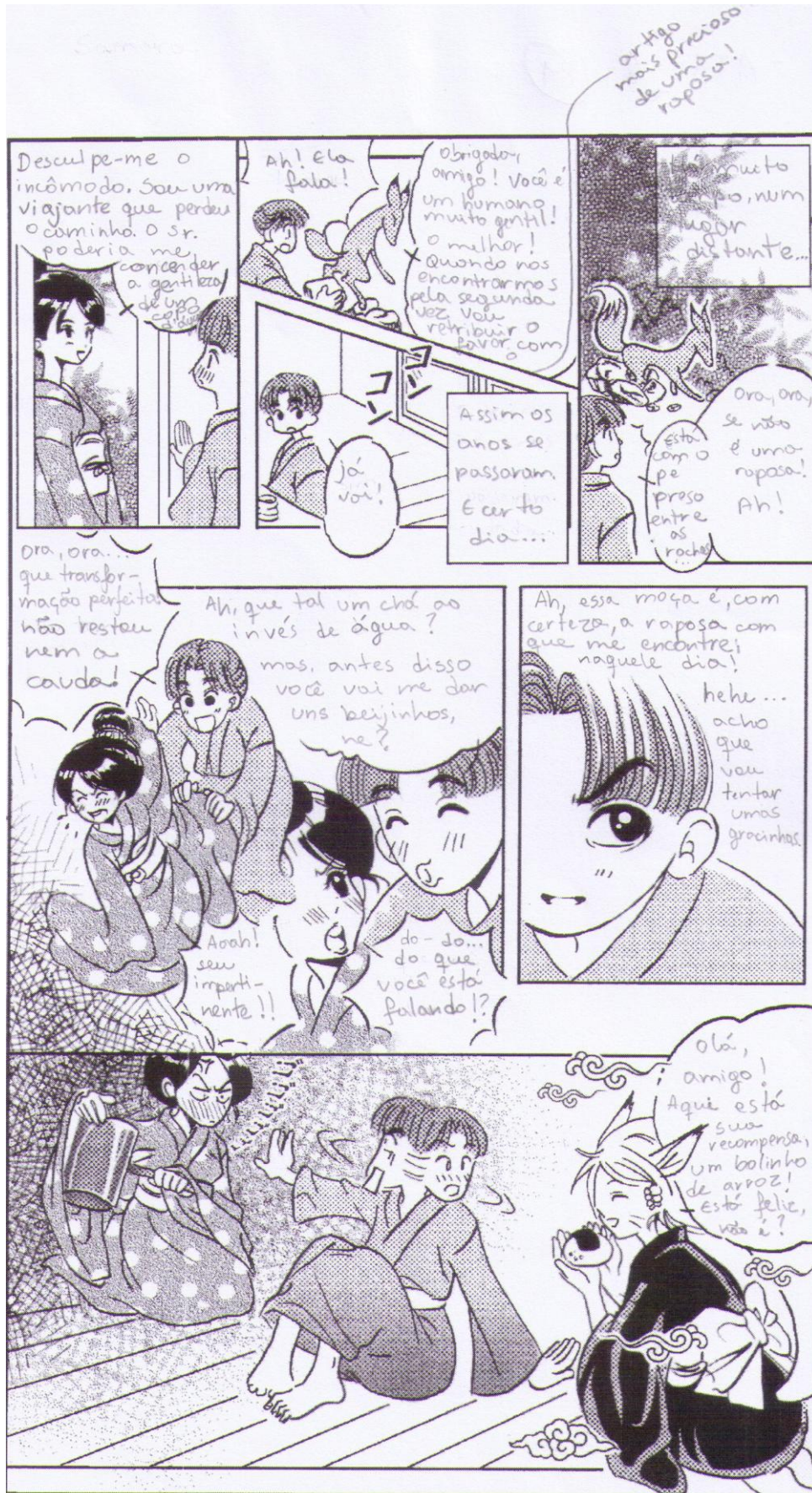
ANEXO 19: ATIVIDADE 8 DO SUJEITO 1



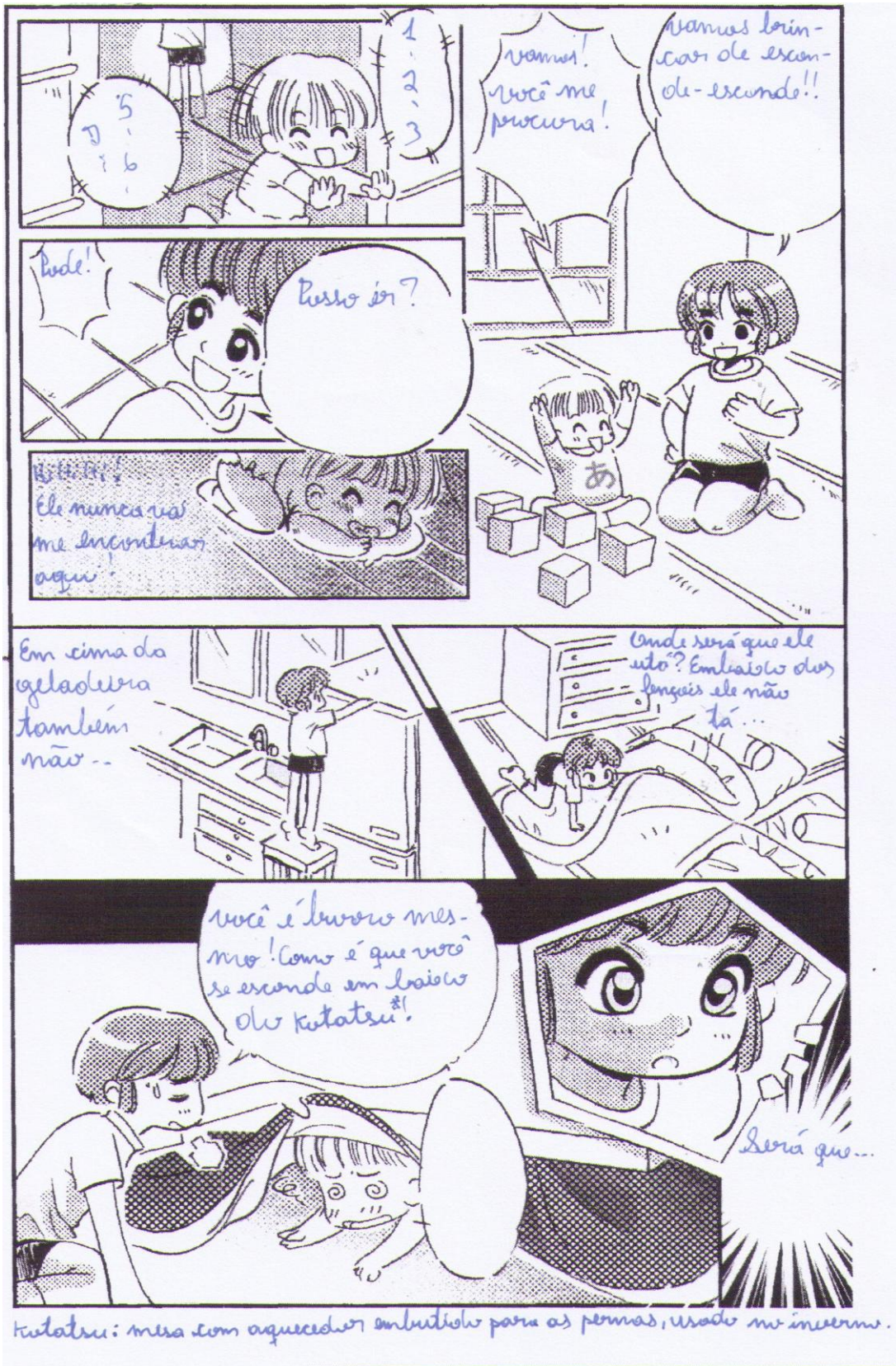
ANEXO 20: ATIVIDADE 8 DO SUJEITO 2



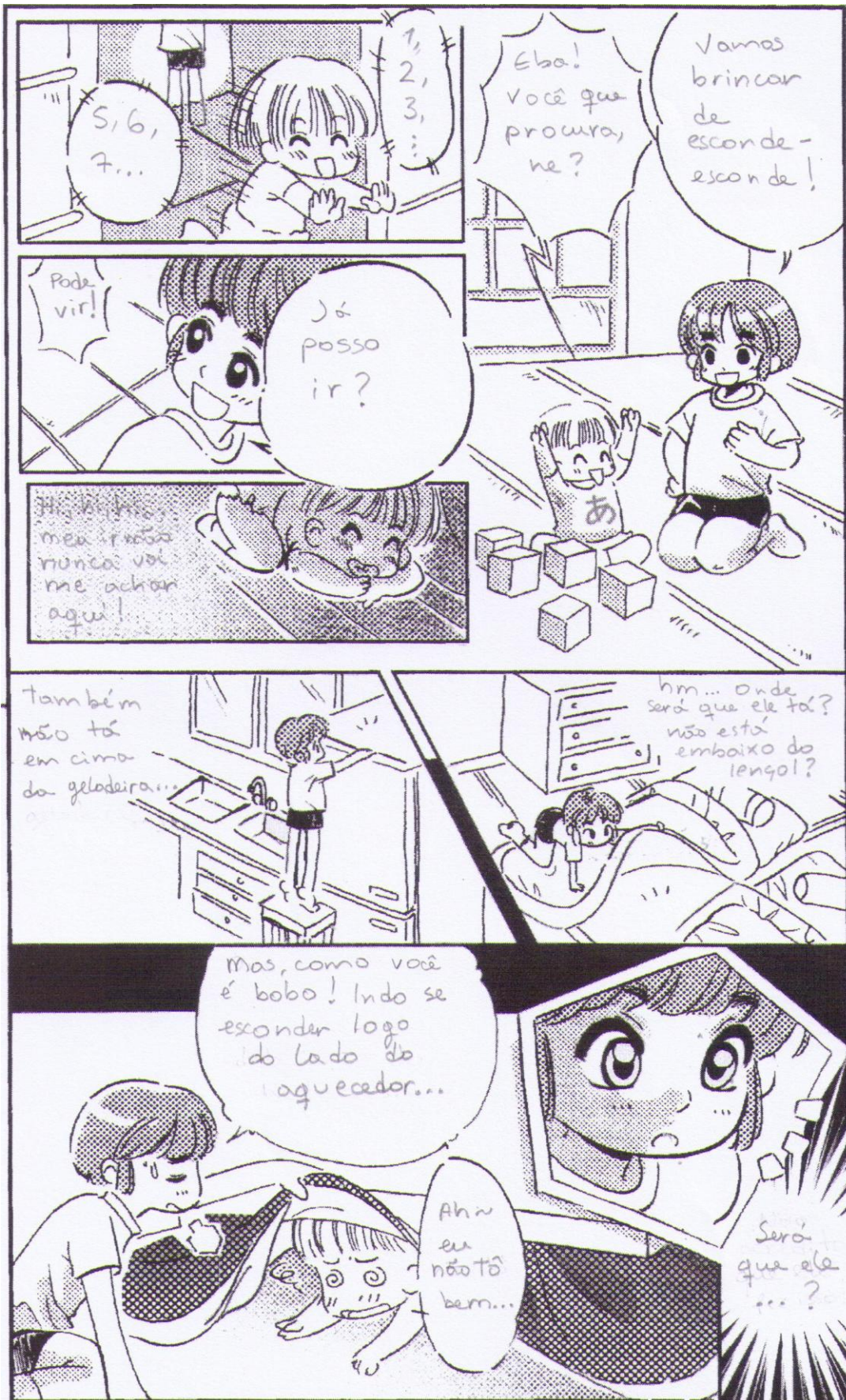
ANEXO 21: ATIVIDADE 8 DO SUJEITO 3



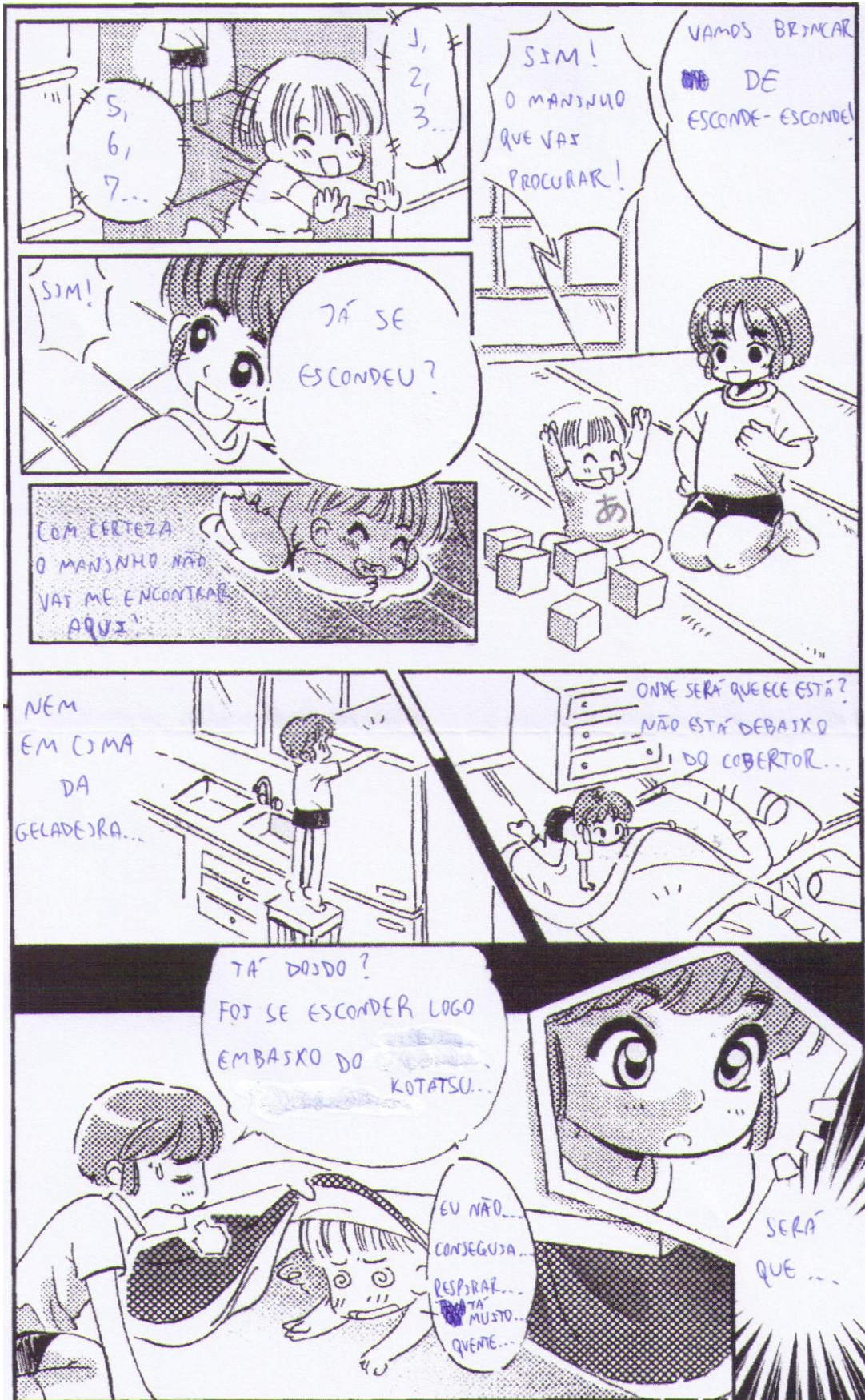
ANEXO 22: ATIVIDADE 11 DO SUJEITO 1



ANEXO 23: ATIVIDADE 11 DO SUJEITO 2



ANEXO 24: ATIVIDADE 11 DO SUJEITO 3



ANEXO 25: ATIVIDADE 11 DO SUJEITO 1







ANEXO 27: ATIVIDADE 13 DO SUJEITO 3



ANEXO 28: HISTÓRIAS DE MANGÁ ORIGINAIS EM JAPONÊS

HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 1



HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 2





HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 4



HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 5



HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 6



HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 7





HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 8



HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 9



HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 10



HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 11



HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 12



HISTÓRIA DE MANGÁ DA ATIVIDADE 13



HISTÓRIA DE MANGÁ DO PRÉ-TESTE E PÓS-TESTE

